

HUMBERTO MARIOTTI

**O HOMEM
E A SOCIEDADE
NUMA NOVA
CIVILIZAÇÃO**

DAIDOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Coleção Filosófica Edicel – 2

HUMBERTO MARIOTTI

O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização

***Do Materialismo Histórico
a uma Dialética do Espírito***

Tradução de
J. L. OVANDO

Supervisão e Revisão de
JOSÉ HERCULANO PIRES

EDICEL Ltda.
Rua Maria Paula, 181 – Sobreloja - São Paulo-SP

Título do original castelhano:
PARAPSIKOLOGIA Y MATERIALISMO HISTÓRICO
Editorial Victor Hugo – Buenos Aires – 1963.

Capa de Jô

Digitalização: PENSE — Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense

outubro de 2009

Revisão: José Rodrigues

Produção Gráfica: Eugenio Lara

*Direitos exclusivos de reprodução no Brasil da
Editora Cultural Espírita EDICEL Ltda.*

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

ÍNDICE

**Humberto Mariotti: O Poeta e Filósofo
Espírita do Social** — Eugenio Lara 4

Prefácio - Uma Filosofia da Ação — J. Herculano Pires 11

1ª PARTE

O Númeno Espiritual nos Fenômenos Sociais

I — A Investigação Ontológica na Parapsicologia	18
II — O Marxismo e o Espírito	27
III — Marx e Kardec	32
IV — A Filosofia Científica de Gustave Geley	42
V — Significado Espírita do Materialismo Dialético	53
VI — A Realidade Viva do Pensamento Espírita	65
VII — Rumo ao Estado Metapsíquico	75
VIII — Perspectivas de um Homem Infinito	81
IX — A Imagem do Homem no Fenômeno Metapsíquico	87
X — Filosofia e Metapsíquica	93

2ª PARTE

Para uma Doutrina Social da Filosofia Espírita

XI — A Filosofia Espírita em Meados do Século 20	99
XII — A Filosofia Espírita e o Pensamento Atual	104
XIII — Necessidade do Espiritismo Sociológico	112
XIV — A Doutrina Social Espírita	118
XV — Socialismo e Espiritismo	123
XVI — A Abolição da Luta de Classes Não é Tarefa Exclusiva do Socialismo	127
XVII — O Conceito Espírita de Propriedade Perante os Pais da Igreja e Einstein	132
XVIII — A Política e o Dinheiro	147
XIX — A Mediunidade Social e o Advento da Espiritocracia	154
XX — Para a Filosofia de um Novo Pensamento	158

HUMBERTO MARIOTTI

O Poeta e Filósofo Espírita do Social

Eugenio Lara (*)



Humberto Mariotti, filósofo, poeta, jornalista, escritor e dirigente espírita, reencarnou em Zárate, província de Buenos Aires, Argentina, em 11 de junho de 1905. Desde cedo manifestou uma inteligência precoce e vocação para a literatura. Frequentou cursos de veterinária, jornalismo e podologia em 1923, 1940 e 1947, respectivamente. A filosofia, a literatura e a zoologia foram suas grandes paixões. De 1937 a 1960 atuou como jornalista e foi professor em vários estabelecimentos de ensino privados.

Na mocidade exerceu expressiva liderança no movimento juvenil espírita argentino. Nesse período tomou contato com o pensador espírita Manuel S. Porteiro (1881-1936), cujo pensamento influenciou decisivamente seu modo de agir e pensar. Tornou-se amigo, companheiro e fiel seguidor das ideias de Porteiro. Ao lado do escritor e conferencista espírita Santiago Bossero (1903-1967), costumava frequentar a humilde residência de seu mestre, onde passavam dias debatendo, estudando e escrevendo sobre espiritismo. Os dois chegavam num Ford repleto de mantimentos e as conversas, regadas a mate e muito bom humor, certamente ficaram marcadas de forma indelével no jovem Mariotti.

Porteiro e Mariotti formavam uma dupla doutrinária admirável. Ambos foram eleitos para representar a Confederação Espírita Argentina (CEA) no V Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona, na Espanha, de 1º a 10 de setembro de 1934. Mariotti tinha nessa época 29 anos. Porteiro era o presidente da CEA e Mariotti, o secretário-geral. A defesa radical do espiritismo como ciência integral e progressiva, sem os prejuízos do sincretismo e do religiosismo pode ser conferida nos anais desse importante evento, com notável participação da delegação argentina, especialmente de Porteiro e Mariotti, contrários às tendências religiosas e esotéricas que disputavam espaço com os espíritas kardecistas nesse congresso.

Mariotti acompanhou os últimos momentos de Porteiro. Quando adoeceu e teve de amputar uma perna, ele e Bossero providenciaram a prótese, a perna mecânica para o amigo. Em seu passamento, foi Mariotti quem proferiu o discurso fúnebre.

Fiel ao pensamento de seu mestre, Mariotti prosseguiu no trabalho de divulgação espírita, destacando-se como escritor, dirigente espírita e eloquente conferencista. A Confederação Espírita Pan-americana foi fundada em 1946 sob sua orien-

tação, da qual ocupou a vice-presidência em duas oportunidades. Também presidiu a Confederação Espírita Argentina em duas gestões (1935-37 e 1963-67).

No dia-a-dia do movimento espírita, Mariotti militou na Sociedade Espírita Victor Hugo, que presidiu ao lado de Bossero por várias gestões. Dirigiu por muitos anos a revista *La Idea*, órgão de divulgação da CEA. Como educador espírita, atuou no Instituto de Enseñanza Espírita, tendo sido presidente e secretário de propaganda do Ateneo de Letras y Artes, extinta entidade educativa mantida pela confederação argentina. Alguns anos antes de desencarnar, atuou como dirigente da Sociedad Constancia, de Buenos Aires. Além dessas atividades, Mariotti também foi médium psicógrafo e psicofônico.

Foi um notável poeta, aclamado e respeitado, inclusive no meio não-espírita. Em sua verve poética, desenvolveu o que chamava de *poesia secreta*, com pleno destaque temático ao caráter numinoso, metafísico e espiritualista, cuja inspiração nos princípios espíritas era evidente. Demonstrou também especial interesse pela poesia mediúmica do médium Chico Xavier.

Proferiu conferências em diversos países da América Latina, no Chile, Colômbia, Uruguai e Porto Rico, especialmente no Brasil devido aos laços de amizade com os escritores espíritas Deolindo Amorim e Herculano Pires.

Seus livros e artigos foram publicados em quase todos esses países, inclusive na Europa. Na Argentina, além das publicações espíritas, muitos periódicos não-espíritas editavam seus artigos aos domingos. No Brasil, escreveu para várias revistas espíritas como *Aurora*, *Reformador*, *Educação Espírita*, *Revista Internacional de Espiritismo*; e nos periódicos espíritas *Espiritismo e Unificação*, *Mundo Espírita*, dentre outros. Podemos ver seus textos e ensaios nos anais do Instituto de Cultu-

ra Espírita do Brasil (Iceb) e nos congressos realizados pela saudosa Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (Abrajee). Colaborou também durante muitos anos com a revista *Estudos Psíquicos*, de Portugal.

A partir dos anos 60, Mariotti adere a princípios e conceitos mais próximos ao pensamento do filósofo espírita brasileiro Herculano Pires, distanciando-se de Porteiro. Passa a admitir a conceituação tríplice do espiritismo, dando especial ênfase ao suposto aspecto religioso da doutrina espírita. É muito provável que devido a essa mudança de rumo, seus textos puderam ser aceitos e publicados por instituições espíritas de orientação religiosa, como a Federação Espírita Brasileira.

Todavia, isso não descarta seu brilho intelectual e a capacidade impressionante de correlacionar a filosofia espírita com as questões mais prementes de nosso tempo, sempre numa linguagem vibrante, visionária e, em muitos momentos, mais poética do que filosófica, quase profética. Sua obra filosófica e literária é vasta, difícil de se abarcar de modo completo. Muitos escritos seus ainda estão inéditos e grande parte de sua produção intelectual ainda permanece desconhecida.

A relação completa das obras desse grande pensador espírita portenho ainda está por ser feita. Relacionamos a seguir as mais conhecidas, algumas com a data de lançamento. A maioria está indisponível. Mesmo assim, dá para se ter uma idéia da variedade de sua produção intelectual:

- ◆ Dialéctica y Metapsíquica (1940);
- ◆ Víctor Hugo y la Filosofía Espírita (1955);
- ◆ Parapsicología y Materialismo Histórico (1963);
- ◆ De La Esencia a La Existência (1968);
- ◆ El Espíritu, la Ley y la Historia (1968);
- ◆ Significado Existencial del Acto Poético;

- ◆ Don Pancho Sierra, Resero del Infinito;
- ◆ Pancho Sierra y el Porvenir de la Medicina;
- ◆ Los Ideais Espiritas en la Sociedad Moderna;
- ◆ El Ocultismo Numinoso en el Fenômeno Poético;
- ◆ Victor Hugo, el Poeta del Más Allá;
- ◆ En Torno al Pensamiento Filosófico de J. Herculano Pires;
- ◆ Vida y Pensamiento de Manuel Porteiro;
- ◆ Herculano Pires: Filósofo y Poeta;
- ◆ Los Asombros Terrestres;
- ◆ La Parapsicología a la Luz de la Filosofía Espirita;
- ◆ La Muerte de Dios.

Poesia:

- ◆ Canciones Escritas a la Luz de la Luna (1950);
- ◆ Canciones Escritas en una Vida Anterior (1951);
- ◆ Canciones que Vienen del Alba (1967);
- ◆ Los Asombros Terrestres (1967);
- ◆ Pájaros del Arco Íris (1968) - prêmio Fondo Nacional de las Artes;
- ◆ Marietta.

Obras Inéditas:

- ◆ El Alma de los Animales a Luz de la Filosofia Espírita;
- ◆ La Zoofilosofía en la Metafísica del Occidente;
- ◆ El Pensamiento Espiritualista de A. L. Palácios.

Humberto Mariotti desencarnou em 17 de maio de 1982. Foi sepultado no dia seguinte, no Cemitério do Oeste, em Buenos Aires, com a presença de uma grande quantidade de espíritas, amigos e admiradores. Margarita S. de Testa, representando a Federação Argentina de Mulheres Espíritas, César Bogo pela Confederação Espírita Argentina e Dante Culzoni Soriano, da Confederação Espírita Pan-americana foram algumas das lideranças espíritas presentes no sepultamento.

Uma Bússola para a Esquerda Kardeciana

O presente livro, uma verdadeira obra-prima do pensamento social espírita, lançado em 1963 com o título *Parapsicologia y Materialismo Histórico*, é dividido em duas partes:

1ª Parte – *O Númeno Espiritual nos Fenômenos Sociais* contendo dez capítulos; 2ª Parte – *Para uma Doutrina Social da Filosofia Espírita*, também com dez capítulos. Na primeira parte, Mariotti mostra toda a fundamentação filosófica de sua concepção espírita e dialética da história. Na segunda parte procura aplicar os conceitos filosóficos formulados na análise do fenômeno social.

Essa obra serviu de bússola para os espíritas dos anos 1960 e 1970, no enfrentamento filosófico do marxismo com o espiritismo, principalmente pelo contexto político repressor em toda a América Latina, tanto no Brasil como na Argentina. No Brasil, foi lançada somente em 1967 pela Edicel com outro título: *O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização*. A mudança provavelmente se deu em função do contexto político hostil e repressivo aos temas abordados por Mariotti, a fim de se evitar problemas com a censura, que se tornaria ainda mais insidiosa após a promulgação do Ato Institucional nº 5, o famigerado AI-5, pelo ditador-marechal Castelo Branco, em 1969.

Nesse período, o marxismo vivia o seu apogeu enquanto opção ideológica para os estudantes, intelectuais e o movimento operário. Devido ao golpe militar contra-revolucionário, a nação brasileira começava a sofrer todas as agruras e o terror de uma das ditaduras mais repressivas e sangrentas de toda a história da América Latina. Em meio a esse contexto hostil às ideias humanistas, essa magistral obra surgiu como uma das principais referências para o segmento de espíritas de mentalidade socialista, a chamada **esquerda kardeciana**, no dizer de Mariotti¹, sintonizados com a

¹ Humberto Mariotti usa essa expressão no prólogo de *Espiritismo e Marxismo*, para se referir a Jacob Holzmann Netto, autor desse livro publicado pelo Movimento Universitário Espírita (MUE), também lançado em edição digital pelo **Pense**.

semelhança de ideais disseminados nas várias correntes de esquerda, de inspiração marxista-leninista, trotskista e anarquista.

Através desse livro de Mariotti a sociedade pôde conhecer o genuíno pensamento social espírita contido na obra de Allan Kardec e as ideias do grande sociólogo espírita portenho Manuel S. Porteiro, do qual foi amigo, companheiro e fiel seguidor. A feição social do espiritismo é muito bem exposta, baseada nos estudos sociais de Allan Kardec, Léon Denis, Cosme Mariño e tantos outros pensadores sociais da América Latina e do Velho Mundo, ainda desconhecidos da grande maioria dos espíritas.

Pois é com o intuito de compartilhar essa excepcional obra com a comunidade espírita e não-espírita que o **Pense** a oferece gratuitamente para download. Trata-se de um livro que mostrou-se de fundamental importância na construção de um pensar espírita inserto na problemática social de nosso tempo, contribuindo assim para que o espiritismo possa se constituir numa alavanca de transformação social, conforme a prospecção de Allan Kardec em *A Gênese*: “Aos homens progressistas se deparará nas ideias espíritas poderosa alavanca e o espiritismo achará, nos novos homens, espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo.”²

Fontes de consulta:

- *Os Mestres do Espírito* - Planeta Especial. Tradução Luís Carlos Lisboa, 1ª edição, São Paulo, Editora Três, s/d.
- *Humberto Mariotti*, por Natalio Ceccarini in revista *Aurora* – ano IV - nº 9 - agosto de 1982, Rio de Janeiro. Revista dirigida por Ademar Constant.
- *El Espiritismo y la Creación Poética* – Jon Aizpúrua - 1ª edição – Ediciones CIMA - Caracas, Venezuela, 1993.
- *Anais do V Congreso Espiritista Internacional - Libro Resumen* - Barcelona - 1º al 10 de septiembre de 1934 - Edição digital produzida pela Área de Internet da Federación Espírita Española.

(*) **Eugenio Lara** é coeditor do *PENSE - Pensamento Social Espírita*.

² *A Gênese*, Allan Kardec – Cap. XVIII - Sinais dos Tempos, item 24 (FEB).

Prefácio

UMA FILOSOFIA DA AÇÃO

A *práxis* marxista encontra neste livro uma crítica serena. E porque é serena, simpática. Humberto Mariotti não se inscreve na fileira dos críticos gratuitos ou políticos do marxismo. Sua intenção é descobrir a verdade social, como foi a intenção de Marx. Por isso mesmo, a crítica a Marx e sua doutrina não é o objeto deste livro, mas apenas o acessório. Aparece circunstancialmente, nos momentos, em que a visão da problemática social, submetida ao critério avaliativo da dialética espírita, ressalta ao mesmo tempo os acertos e os desacertos da sistemática materialista.

Se Marx acreditou que a dialética de Hegel estava de ponta-cabeça, Mariotti não pensou isso da *práxis* marxista, mas procurou socorrê-la nas suas deficiências. Seu capítulo sobre Marx e Kardec, antecedido de um sobre marxismo e Espírito, deixa isso bem claro. Longe do sectarismo e, portanto, da paixão, fugindo aos simples jogos de palavras, enfrentando as proposições revolucionárias com lucidez filosófica, Mariotti é a antítese dos críticos interesseiros. Sua crítica se define no campo do paralelismo, na busca de elementos esclarecedores, no confronto positivo, como se vê nesta corajosa afirmação: “Karl Marx e Allan Kardec encarnam nos novos tempos as duas grandes inquietudes do pensamento contemporâneo: o fenômeno social e o fenômeno espiritual”.

Para Mariotti, a concepção marxista do homem se ressent do aspecto fundamental, que é o espiritual. A concepção kardeciana supre essa falha, não mais em termos abstratos, como no velho idealismo, mas em termos concretos e, portanto, existenciais. É o *homem-espírito* de Kardec que dá sentido histórico e moral ao *homem-econômico* de Marx. E temos assim um novo homem, constituindo-se em *pessoa humana*, cuja responsabilidade não se

restringe a uma classe, a uma determinada categoria social, mas se abre na perspectiva de um humanismo universal e ativo.

Ao encarar essa nova dimensão do homem, ao superar com essa síntese os conflitos do passado e do presente, Mariotti enfrenta o último aliado do marxismo, que é o existencialismo de Sartre. Reconhece a validade do método existencial de abordagem da problemática do Ser, mas demonstra que o Ser não pode estar compreendido nos limites efêmeros da existência. O *homem do mundo* não é para ele o alfa e o ômega da reflexão sobre o Ser, mas apenas a porta de entrada para a solução do grande problema. À maneira de Heidegger, é por essa porta que ele entra, certo de que a problemática humana, em seu aspecto imediatista, não nos oferece a existência em si, mas tão somente uma forma de existência. O existir, na verdade, é uma função do Ser, nele implicada e jamais a implicá-lo. Ser e existir se mostram na sua realidade concreta, não apenas verbal, mas como *entes* que se fixam no fluir da duração, recortando-se no tempo.

De ambos resulta, na dialética espírita de Mariotti, o *ente* social, que na forma da *rés* ou *coisa* do fato social de Durkheim, constitui a sociedade. Na perspectiva existencial em que nos encontramos é mais fácil a redução (evidentemente fenomenológica) do *Ser* ao *ente*, para depois, através do *ente*, remontarmos ao Ser. A lei dialética da negação da negação deve ser aplicada em sua plenitude, completando-se na reversão final, que Sartre não quis fazer, para que a problemática do Ser se esclareça. Da mesma maneira, o problema social, que se entranha naquela problemática, só encontra solução no momento em que o revertemos do social ao moral, através do ontológico.

Daí o interesse de Mariotti pela parapsicologia, que é o instrumento adequado, no campo das ciências positivas, para arrancar o mundo contemporâneo do organocentrismo em que se fechou. As pesquisas parapsicológicas quebram a casca dessa

concepção materialista que reduz o homem ao seu organismo, permitindo ao investigador tocar com o dedo a *anima*, essa ideia platônica que se projeta na *existência* como *para-si*, não para frustrar-se na morte, como quer Sartre, mas para nela completar-se, como percebeu Heidegger. O destino do homem não é a frustração da morte, mas a vitória da vida, conquistada na existência. Por isso, a existência não é uma inconsequência, mas uma responsabilidade que só se pode medir em função do Infinito.

Do Ser concreto que anima o homem, que lhe dá o movimento e a consciência entre as *coisas*, e que por isso mesmo o destaca das *coisas*, Mariotti parte para o universo moral, que é uma consequência natural, e portanto lógica e necessária, do processo de projeção do Ser na existência. Existir é realmente transcender, como ensina Karl Jaspers, e a transcendência se faz em dois sentidos: o horizontal, que é o *fenômeno* social, e o vertical, que é o *fenômeno espiritual*. No primeiro, temos a sociedade e todas as suas implicações; no segundo, a moralidade e sua *atualização* palingenésica. O social se resolve em moral quando a existência não se fecha no círculo vicioso dos valores materiais. Porque a finalidade mesma da existência é promover “a desmaterialização dos valores econômicos e materiais”. Mas isto só é possível através da moralização crescente do homem, que se verifica, como podemos ver na história, em razão inversa da acumulação egoísta dos valores materiais.

Assim, a história se reverte em palingenesia, essa antiga e nova forma do futuro, era que o passado e o presente se fundem numa supra-realidade, precisamente aquela em que surge a possibilidade da síntese *em-si-para-si*, que Sartre nega. Mas o *em-si-para-si* não é apenas aspiração, não é um sonho ou um possível arquétipo, e sim uma realidade crescente, que se atualiza em nós mesmos à proporção em que o captamos em nossa percepção consciente da vida. Os exemplos históricos nos mostram essa

realidade inegável, mas até agora obscurecida pelo dogmatismo fideísta das religiões e pelo dogmatismo cético das ciências.

Curioso notar como a dialética de Mariotti segue a linha hegeliana e ao mesmo tempo se confirma na tese marxista. O que mostra que Marx, em vez de pôr a dialética de Hegel em pé, apenas acolheu-se à sua sombra. Porque a sombra da dialética espiritual de Hegel é a realidade histórica em que ela se projeta. Mariotti se recusa a contemplar as sombras da caverna de Platão, preferindo romper os grilhões do materialismo histórico para ver as coisas reais do mundo à plena luz do sol. É assim que ele nos oferece a dialética do Espírito, em que o movimento da vida não se reduz à agitação inconsequente do *sensível*, mas se expande na serenidade responsável do *inteligível*.

Nessa nova dialética, que é a síntese das anteriores, que faz do *movimento* o meio de transição e o ponto de encontro do espírito e da matéria, as divergências ideológicas do mundo contemporâneo, — simples equívocos do pensamento, em seu processo dialético de atualização, — são absorvidas numa nova forma conceptual. A tônica dessa nova concepção é *a realidade espiritual do povo*, é o povo tomado como a *comunhão de consciências* de que nos fala René Hubert, o povo construindo a *República dos Espíritos* (a que alude o mesmo Hubert), o povo na sua plenitude democrática determinada pela igualdade espiritual do *Ser*, que anima todos os *entes* e em consequência o *ente social*. Partindo, assim, do *Ser*, essa abstração verbal, essa figura gramatical do espiritualismo alienado ao dogmatismo fideísta, Mariotti atinge a realidade concreta do *Ser* no individual e no social.

É a este *Ser*, que no *ente* do homem representa o próprio homem, que compete agir para libertar-se do egocentrismo escravizador, para superar o egoísmo que o *coisifica* entre as *coisas* do mundo. A história, como suceder temporal das *coisas* (os fatos sociais tomados também como coisas) transforma-se na metamor-

fose espiritual do homem e da sociedade. Ao materialismo histórico, que coloca a sua ênfase nos valores econômicos, sucede a dialética do Espírito, que desmaterializa os valores contingentes para transformá-los em valores eternos do espírito. A atualização que Marx pretendeu realizar na transformação material do mundo, evitando a fuga espiritual das religiões, Mariotti realiza na transformação espiritual do homem. Porque o homem é o mundo, e uma filosofia da ação, que transforma a potência em ato, não pode contar apenas com a *vontade de potência*, mas também e sobretudo com a *consciência moral*.

Mariotti anuncia, assim, o homem e a sociedade numa nova civilização, que não surgirá por acaso, mas através da vontade consciente do homem atual, que é o único possível construtor do futuro. Os valores existenciais projetam-se além da *existência*, porque esta é apenas um *ente*, um *fenômeno*, um *momento* na duração, que pode converter-se no *instante* kierkegaardiano, ligando o finito ao infinito. As injustiças sociais, geradas pela brutalidade egocêntrica, não podem ser sanadas por uma brutalidade sociocêntrica. Só um homem-humano poderá construir uma sociedade humana. A filosofia da ação que o espiritismo nos oferece é o caminho dessa realização, mas esse caminho só pode ser seguido pelos espíritas conscientes da responsabilidade doutrinária.

É por esse motivo que Mariotti insiste na distinção entre o *espiritualismo misonéista* que, como o ocultismo alemão, serviu ao nazismo, e o *espiritualismo participante* que penetra a alma do povo e a ela se liga, resultando no fenômeno da *mediunidade social*, condutora dos povos. Os espíritas que temem os problemas sociais e políticos pertencem ao primeiro tipo, são *misonéistas* extraviados no seio de um movimento espiritual renovador do mundo. Mas a *participação* espírita não é partidária, nem é política no sentido comum do termo. A *revolução espírita* não é um ato de violência, nem pode aceitar a violência, que é a negação do

princípio de fraternidade, um crime contra o amor. Só a consciência da responsabilidade doutrinária, que resulta do conhecimento e da *vivência* da doutrina espírita, arma o homem para enfrentar a nova perspectiva política e revolucionária do espiritismo.

Mariotti acentua que a *revolução espírita* supera todas as anteriores, que transformaram sucessivamente o mundo. “Com o espiritismo, — adverte, — haverá um encadeamento dialético do Céu com a Terra. Os homens e as almas se unirão e as portas do Infinito se abrirão aos heróis e aos lutadores, como um novo cenário para a divina palingenesia de todos os seres. A humanidade, individual e coletivamente, recuperará a memória do Eterno, tornando-se consciente do seu papel no grande plano da evolução universal”.

As formas de ação do espiritismo não se conformam com as do homem-mortal. São as formas de ação do homem-imortal que levam em consideração não apenas o imediato, mas também o futuro. A filosofia da ação que este livro nos apresenta é de natureza cósmica, mas, como dizia Léon Denis, considerando um Cosmos em que a matéria se conjuga com o espírito e o tempo com a eternidade.

A participação do espírita não quer dizer engajamento político ou ideológico, mas compreensão e vivência dos princípios de fraternidade, em favor ao mesmo tempo de vítimas e algozes, pois tanto é escravo da miséria o pobre explorado quanto o rico explorador. Esta nova mensagem, — que é tão velha quanto o mundo, mas só agora começa a tornar-se acessível à compreensão humana, — precisa ser meditada pelos espíritas conscientes de sua responsabilidade doutrinária. E ninguém melhor do que Mariotti para ajudá-los nessa meditação.

J. Herculano Pires

1ª PARTE

O NÚMERO ESPIRITUAL NOS FENÔMENOS SOCIAIS

Capítulo I

A INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA NA PARAPSIKOLOGIA

1) É Acessível o Ontológico ao Parapsicológico?

Se a parapsicologia se nos apresenta como uma nova problemática do Ser, não há dúvida de que sua missão científica, se assim podemos dizer, se defrontará com zonas do conhecimento que se acham em plena crise. A atualidade, propícia à investigação ontológica, oferece à parapsicologia excelente ocasião para assinalar as *formas reais* do conhecer, muitas das quais ainda não são percebidas pela sensibilidade normal do indivíduo. A simples possibilidade de um acesso ontológico à parapsicologia implica a urgência de um quefazer filosófico apoiado numa sensibilidade incomum. Se é possível um conhecer extrassensorial, mesmo no seu aspecto mais limitado, o ontológico poderá ser alcançado (e essa é a nova esperança) por *vias de fato* que eliminem todo obstáculo ao psicológico inabitual.

A relação entre objeto e sujeito, parapsicológicamente considerada, implica a possibilidade de uma criptestesia, que permitirá a captação de valores gnosiológicos provenientes de zonas profundas do homem e do Universo. Se pudéssemos penetrar ontologicamente as camadas do parapsicológico, o ser humano, com pleno direito, poderia aspirar a um futuro que signifique o de uma verdadeira realidade metafísica.

Os atos psíquicos e os momentos extrassensoriais da parapsicologia são, por si mesmos, valores espirituais, nos quais se oculta a face de um poderoso *númeno*, capaz de vencer a relatividade do mundo circundante, através de um novo Eu do indivíduo. Como de outras vezes, o campo do saber está sendo solicitado a ampliar-se, mas, desta vez, apoiado no *númeno*¹

¹ Númeno é a essência do fenômeno, a coisa-em-si, enquanto o fenômeno é a manifestação do númeno. (Nota de J.H. Pires).

parapsicológico. É evidente que a busca metapsíquica se aproxima, podemos dizer, de um verdadeiro desejo de encontrar para o indivíduo uma significação espiritual transcendente.

Desta vez, se o fator ontológico for secundado pelo fator parapsicológico, o conhecimento estaria ante a possibilidade de beneficiar-se grandemente. Seria deplorável se a parapsicologia se desviasse de seu campo extrassensorial, por falta de inquietude filosófica; mas a filosofia deverá amparar a parapsicologia, para que seu real objetivo não se converta num intrascendente parapsicologismo.

2) O Espiritual Como Objeto da Parapsicologia

O parapsicológico experimental já percorreu uma trajetória suficiente para advertir, à crítica filosófica, que o extrassensorial não é somente de origem natural e fisiológica, ou ainda biológica, mas que nele se apresenta, superando o fenômeno, um novo ser espiritual, a indicar-nos que o espírito, no imanente como no transcendente, é o objeto obrigatório da parapsicologia. Se um exagerado naturalismo absorvesse a sua essência psíquica, o *número parapsicológico* ficaria postergado por muito tempo.

A excessiva naturalidade, que se pretende ver nos fatos psíquicos, faz o filósofo vacilar em decidir-se a interpretá-los. Por isso já se disse, e com razão, que a demasiada naturalidade de um ramo da ciência diminui suas perspectivas metafísicas. Um naturalismo superlativo poderia desvirtuar essa *intencionalidade* tão promissora, que se revela na parapsicologia. Se a técnica metapsíquica mecanizar-se demasiado, teremos apenas uma máquina fenomênica. Entretanto, o que agora se denomina *crise do homem* exige penetração da investigação ontológica nas camadas inabituais da parapsicologia. A interpretação espiritual dos seus fenômenos poderia significar uma nova colocação do sentido metafísico do Ser, e ao mesmo tempo a

fundamentação de um esquema religioso digno do grau evolutivo atingido pela cultura dos tempos atuais.²

Se é certo que a parapsicologia não poderá deter-se numa dada interpretação do homem e da existência, isso não impede que a investigação ontológica, baseada no realismo extrassensorial, a que Eugênio Osty chamou de *conhecimento supra-normal*, busque um tipo espiritual do Ser, baseando-se no *númeno* parapsicológico.

A antiga psicologia baseava-se num trabalho estéril, acabando por se perder num campo de *imaterialidade psicofísica* irreal. Para o psicólogo comum, toda a extrassensorialidade humana é uma ilusão. Continuando apoiado nos obsoletos sistemas psicofisiológicos, apavora-se com a possibilidade de um indivíduo metapsíquico. Daí o acesso do espiritual ao parapsicológico não só representar um triunfo da nova psicologia, mas também um novo sentido para o Ser, na futura investigação ontológica.

3) O Existencialismo Perante a Parapsicologia

O existencialismo, ou filosofia da existência, encarna, neste período da evolução, o estado espiritual em que vive o homem, frente ao seu próprio ser e existir. Para o existencialismo, o indivíduo *existente* só representa um momento do Ser, cuja meta final é a morte e o nada eternos.³ Este estado de consciência, com efeito, não poderá ser refutado pelos antigos processos teológicos e metafísicos. Somente uma nova realidade espiritual do Ser,

² “A religião — diz o professor J.B. Rhine — é, sem dúvida, a área de interesse mais imediato para a parapsicologia. Definida como a investigação das funções não-físicas da natureza e dos princípios que a governam, a parapsicologia teria que reivindicar muitos dos problemas fundamentais da religião, assim como a patologia está necessariamente interessada nos problemas da medicina.” (*Revista de Parapsicologia*, nº 2 - Buenos Aires, 19,55).

³ O autor se refere, como adiante se verá, ao existencialismo sartreano, dominante na atualidade. (Nota de J.H. Pires).

originada de uma autêntica experiência parapsicológica, poderá introduzir na filosofia existencial a ideia do Espírito. Não devemos esquecer o que H. H. Price escreveu: “*Devemos ter a coragem de estabelecer novamente a questão da estrutura da personalidade humana e das suas relações com o Universo, criando um novo quadro conceitual, que possa ajustar-se aos fatos novos. Na minha opinião, compete aos filósofos esta tarefa.*”⁴

Não nos esqueçamos de que o Espírito é ainda uma irrealidade para as correntes mais avançadas do pensamento. Entre elas, como sabemos, encontra-se o materialismo histórico e dialético, base ideológica da *concepção marxista* da sociedade. Lembremos de que o Espírito foi fator de superstições e de promessas de além-túmulo, com as quais se justificaram cruéis injustiças sociais. Além disso, sua concepção jamais correspondeu, na formulação teológica, de forma satisfatória, à desnorteante angústia do homem. Por sua vez, a filosofia referiu-se sempre ao Espírito, mas sem dar provas de sua realidade objetiva. Obrigou-se a aceitá-lo dogmaticamente, por imposição de mentores religiosos, que nunca levaram em conta o sentir coletivo do mundo, base fundamental da civilização e de todo o progresso social.

Esta concepção do Espírito foi a razão ideológica do existencialismo, cuja pujança filosófica nenhuma filosofia e nenhuma teologia conseguirão deter, enquanto não se demonstrar a existência real do Ser espiritual. Acreditamos que o existencialismo só deixará sua posição niilista quando se provar que a mente sobrepuja as circunvoluções cerebrais, e quando essa mente se mostrar como uma consequência da real existência do Espírito, cuja objetivação só poderá obter-se pela investigação fenomênica da parapsicologia.

O laboratório parapsicológico deverá representar, portanto, uma forma de concretização científica da filosofia espírita. Se é

⁴ *Revista de Parapsicologia*, nº 1 – Buenos Aires, 1955.

certo que dele não poderá sair uma definição dogmática sobre a realidade espiritual do homem, isso não impede que a escola espírita vá confirmando sua ideologia doutrinária, por meio da parapsicologia. Seria faltar à verdade deixarmos de reconhecer que devemos o advento da investigação psíquica, da metapsíquica e da parapsicologia ao resultado dos esforços realizados pela escola espírita no campo experimental, quando ela, sozinha, enfrentava as insustentáveis hipóteses sobre demônios, larvas, cascões astrais e fraudes. Daí apresentar-se a filosofia espírita, com sobejas razões, perante a exaurida humanidade, como campeã da vida e do Espírito. Ela fará o homem sentir a realidade do seu Ser espiritual, por meio da ciência e da religião. Ela descerrará os véus do além e iluminará com seus fachos a marcha solene da história.

Com seu gênio mediúnico, a filosofia espírita fez realidade e presença no que todas as religiões têm intuído subjetivamente: a alma imortal. Conseguiu estabelecer um dramático diálogo entre o mundo visível e o invisível, que os teólogos consideram sempre como irrealizável. O método científico, aplicado à pesquisa espiritual, vai dando à filosofia espírita a razão que lhe pertence. Daí que a parapsicologia, ao demonstrar a realidade psíquica do homem, não poderá desfazer a concepção espírita do Ser, se é que realmente quer refrear o existencialismo ateu e o conceito materialista da vida.

O existencialismo não poderá ser ultrapassado só por meio de fatos, mas também mediante sólidas reflexões ontológicas acerca do homem. Não nos esqueçamos de que Jean-Paul Sartre disse: *“As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade vaga, ou senhor feudal, ou proletário. O que não varia é a necessidade, para ele, de estar ali, no meio dos outros, e de ali, como eles, ser mortal.”* Cabe à parapsicologia ensaiar, mediante seu rico fenomenismo extrassensorial, um Humanismo do Espírito, com o fim de indicar ao Ser de onde provém, o que faz no mundo e para onde se dirige.

Segundo a filosofia existencialista, a razão metafísica não é suficiente para negar o sentido niilista do homem e do mundo. O ser humano, não obstante a exigência teológica, destina-se à morte eterna. Demonstrar o contrário seria negar a primazia que o existencialismo confere à existência sobre a essência. Como, porém, poderia realizar-se isto? Só mediante uma materialização da essência, que se poderá obter pela objetivação do Ser espiritual do indivíduo. E esta materialização da essência é tarefa da parapsicologia, que, uma vez cumprida, demonstrará cabalmente que o Espírito é uma realidade e pode objetivar-se.

Será realmente assombroso constatar os efeitos espirituais que a parapsicologia produzirá no existencialismo. A existência material será superada pela espiritualidade da essência; ela transformará sua imagem finita, para mostrar-se resultante do Ser infinito. Porque, como o reconhecerá a filosofia do futuro, só o método parapsicológico poderá conceder à metafísica os reais elementos com que construir uma verdadeira *teoria do homem*.

Estas reflexões nos levam a pensar que devemos juntar à Fenomenologia de Husserl uma “segunda fenomenologia”, já que ela abrange somente uma face do ser fenomenológico, o qual necessita de transcender para um existir extratemporal. Ao contrário, uma fenomenologia parapsicológica do Ser não se limita às estruturas físicas, mas as supera, por meio de um ser *intencional*. A fenomenologia existencial detém-se na *parte morta* do Ser. Não obstante a intuição essencial que experimenta, não consegue perceber a realidade do fenômeno, para dele se libertar. Daí se conclui que a parapsicologia, à luz da filosofia espírita, é uma espécie de maiêutica socrática, que dá origem a uma nova realidade psicológica.

A objetividade de um verdadeiro fato parapsicológico terá a propriedade de convencer a matemáticos, cientistas, artistas, filósofos e religiosos. Consequentemente a parapsicologia será

a objetivação daquilo que se julgava morto para sempre: o ideal e o espírito, os quais ressurgem graças à influência que os fenômenos psíquicos e metapsíquicos exercem sobre o pensamento humano e a marcha do conhecimento. Ela é capaz de produzir fatos que podem interessar a toda a humanidade, já que esses fatos representam uma superação geral do conhecimento e do habitual. Além disso, ela está organizando métodos novos, para a investigação daquilo que sempre foi considerado como não experimental: a busca do Espírito.

Se a realidade espiritual clássica se mostra impotente para se opor à negação de Deus e do Espírito, existe uma *teologia experimental*, da qual falou o grande biólogo espanhol Jaime Ferrán, no seu prólogo ao *Tratado de Metapsíquica*, de Charles Richet, verdadeiro libelo contra o existencialismo ateu. Trata-se nada menos do que da metapsíquica objetiva, cujos fenômenos de materialização estão revolucionando o pensamento filosófico. Ela será de grande proveito para a existência humana e animal, agora que o existencialismo indica ao homem, como seu único futuro, a morte e o nada. Embora seja certo que várias escolas espiritualistas se levantaram contra o existencialismo, e com elas — que paradoxo — a própria doutrina marxista, não obstante sua concepção materialista, a verdade é que o niilismo espiritual se difunde de maneira alarmante, ao lado da filosofia do existencialismo.

Miguel de Unamuno não via, no fenômeno metapsíquico, nenhuma prova a favor da imortalidade. Não obstante, ao referir-se à realidade da vida de além-túmulo, chegou a escrever: “*E a esta mesma necessidade, verdadeira necessidade de formarmos uma ideia concreta do que pode ser essa outra vida, responde em grande parte a indestrutível vitalidade de doutrinas como as do espiritismo, da metempsicose, da transmigração das almas através dos astros, e outras análogas, doutrinas que, quantas vezes declaradas vencidas e mortas, renascem em*

*outras formas mais ou menos novas. É grande loucura querer eliminá-las, em vez de buscar-lhes a substância permanente.”*⁵

Se a ciência psicológica está se beneficiando com as contribuições da investigação psíquica, da metapsíquica e da parapsicologia, isto se deve ao persistente trabalho do espiritismo científico, que, desde os seus primórdios, conseguiu atrair a atenção dos homens de ciência, interessando por sua vez a filosofia e a religião.

O conhecimento psicológico do homem encontra-se numa fase a que poderíamos chamar de revolucionária. As teorias do paralelismo psicofisiológico vão sendo abandonadas, ao considerar-se o Ser como um Eu ou uma Mente, conceito este negado pelo materialismo e pelo existencialismo ateu.

A escola espírita, no campo do conhecimento, está preparando um novo sentido espiritual, mas agora apoiado num neorealismo decorrente da demonstração positiva da existência da alma. Assim, o próprio cristianismo, menosprezado pelos niilistas e por certos espiritualistas orientais, se reafirmará sobre bases verdadeiramente espirituais. A filosofia espírita promoveu uma nova interpretação da antropologia, que permitirá à própria teosofia apresentar-se ante o espírito dos tempos atuais com suas grandes intuições místicas e cósmicas.

O caráter positivo da ciência mediúnica e metapsíquica confirmará finalmente as hipóteses de muitas correntes idealistas. A intuição palingenésica da teosofia, por exemplo, encontrará no realismo do fenômeno parapsicológico e metapsíquico a mais completa confirmação, ao lado de muitas teorias da metafísica oriental e ocidental.

Unamuno considerava as manifestações místicas e vivenciais da agonia terrena, antes de mais nada, como uma conse-

⁵ Unamuno, *Do Sentimento Trágico da Vida*.

quência da angústia religiosa. Era ele um tipo de existencialista cristão, semelhante a Sören Kierkegaard. Este achava que toda a sabedoria espiritual provinha da própria angústia do Ser. Não obstante, a metapsíquica objetiva é a única força positiva que poderá contraditar e paralisar os planos filosóficos do existencialismo. Estejamos certos de que só um fenômeno objetivo, como o ectoplásmico, se fosse tomado na devida conta, poderia mudar a mentalidade dos tempos modernos e de todas as épocas. Porque, se a objetividade do fato metafísico chegasse a comover a inteligência contemporânea, o existencialismo perderia todo o seu valor, do ponto de vista lógico e filosófico.

Para o pensamento materialista, a filosofia idealista nada representa no mundo do conhecimento. Ela está incluída entre os sistemas que serviram de base aos dogmas, mediante os quais foi possível submeter os povos econômica e socialmente. Entretanto, para a filosofia espírita, o idealismo é uma realidade inegável, dependente do mundo espiritual. Pelo processo chamado ESP, isto é, pela percepção extrassensorial, poderíamos captar essa realidade, através do inconsciente. Esse processo chamado ESP ⁶ nos permitiria apreender outro plano do Espírito, ainda distante, no qual o homem não penetrou, mas que ele presente, parapsicologicamente, como uma realidade.

⁶ ESP - termo empregado na parapsicologia no sentido de percepção extrassensorial. A sigla corresponde à expressão inglesa *extra sensory perception*.

Capítulo II

O MARXISMO E O ESPÍRITO

O marxismo, como gerador de um sentir materialista do homem e da vida, vem sendo combatido por teóricos religiosos pertencentes a várias confissões eclesiásticas, que procuram mostrar os seus erros a respeito da realidade humana e espiritual. Todo esse trabalho poderá ser louvável para os que necessitam de um conceito espiritual com que enfrentar as contingências sociais; mas, quando analisado com certa atenção, percebe-se que sua finalidade é apenas uma defesa sectária.

Dizem-nos que no marxismo se elabora um *partidarismo da filosofia*, e que o filósofo deve amoldar sua mentalidade aos interesses do *partido*. Mas, se bem considerarmos, vemos que ocorre o mesmo, quase com as mesmas características, no campo religioso: forja-se um *partidarismo eclesiástico*, condicionado aos interesses espirituais do partido *religioso*, pondo-se de lado o sentido real da busca da verdade.

Neste sentido, trava-se a luta entre duas concepções, ambas com o mesmo direito à análise e à discussão. O grau democrático, alcançado pelo desenvolvimento das ideias, permite-nos hoje cotejar o valor das doutrinas e até mesmo dos dogmas religiosos. Consequentemente, já não se trata de atacar *partidariamente* o marxismo nem o materialismo dialético; o que agora interessa é saber positivamente onde se encontra a realidade do Espírito; se é que de fato se deseja superar o perigo representado pelo niilismo filosófico.

Atualmente não se trata de atacar sistemas, mas de saber se eles são realmente falsos, e se as ideias que lhes contrapomos são reais e demonstráveis. Neste campo, a luta se trava entre o Espírito e a Matéria. Para o espiritualismo religioso, é

na existência do Espírito que se radica a legitimidade do cristianismo e das verdades escatológicas. Pois se a existência do Espírito fosse uma irrealdade, todo esse sistema religioso seria derrubado, colocando-se em primeiro plano o materialismo e o marxismo. A ideologia marxista afirma que sua doutrina está fundada nas ciências, e que unicamente uma contraprova científica poderia obrigá-la a mudar de orientação. O espiritualismo religioso apresenta seus dogmas, fazendo uso da fé, numa posição de absoluta insuficiência para contradizer as posições do critério científico.

Como se sabe, o marxismo se funda na ciência experimental. Sobre essa base estabeleceu suas conclusões materialistas, referentes à origem da vida, opondo-se assim tanto ao idealismo como à religião. Mas o que não devemos esquecer é que esta concepção marxista se baseia também na falta de provas positivas acerca do mundo sobrenatural, sobre o qual repousam a ideia de Deus e do Espírito.

Se o marxismo repele a espiritualidade do homem e da história, não o faz por ódio a essa ideia, já que o pensador marxista possui, sem nenhuma dúvida, uma faculdade intelectual tão esclarecida e elevada como a do idealista e religioso. Consideramos que a repulsa do marxismo às ideias religiosas decorre da falta de provas que pudessem apresentar, tanto o idealismo como a Igreja. Por isso, a escola espírita admite que a cessação da contenda entre o espiritualismo e o materialismo se dará com o reconhecimento e a admissão do fenômeno metapsíquico e mediúnico, único fundamento real que obrigará as correntes materialistas a reconhecerem como verdadeira a existência imortal do Espírito.

Mas a Igreja, e com ela o sistema idealista clássico, repelem o conceito espírita da realidade; a primeira, por considerar o espiritismo como uma causa do demônio, e o

derar o espiritismo como uma causa do demônio, e o segundo, por sustentar um critério nebuloso e ambíguo a respeito da espiritualidade do homem. Não obstante, o curso que vão seguindo as questões morais obriga cada vez mais o pensamento filosófico a recorrer à realidade espiritual, apresentada pelo espiritismo, como o último recurso contra o avanço triunfal do conceito materialista da vida.

Como dizíamos, o marxismo repele toda ideologia espiritualista por considerar que ela submete o homem econômica e socialmente, afundando-o na ignorância e na superstição. Por isso, sustenta que o espiritualismo, além de ser uma irrealidade, tem servido para apoiar os regimes reacionários e conservadores, e, nunca a liberdade e o direito das classes sem recursos.

Se o realismo marxista não for superado por um realismo espiritual que ultrapasse os seus limites, a consciência materialista continuará a impor-se e serão vão os protestos dos idealistas e religiosos. As realidades espirituais, se de fato existem, deverão ser expostas ao homem moderno com a mesma objetividade que caracteriza os fenômenos físicos e sociais. Defender ideologias abstratas é unicamente falar ou escrever em favor do partido político ou religioso a que se pertence. Se os espiritualistas querem demonstrar a existência de Deus e da imortalidade da alma, deverão abandonar o método dogmático. Agora, são os fatos que devem falar em favor da vida espiritual do homem. Entretanto, prefere-se defender o dogma e o partido, esquecendo-se de que o homem está acima dos interesses de seitas e de grupos.

Chegamos, porém, a uma situação em que o ser humano tem grande necessidade de conhecer a verdade acerca da sua natureza teológica. Aspira, mais do que nunca, apegar-se a ela, para sobreviver ao desolador desastre espiritual da espé-

cie. As doutrinas idealistas e religiosas deverão responder-lhe com verdades, e não com dogmas, já que o homem vale mais do que o partido e a igreja. Por isso, a verdade espiritual, assentada sobre os fatos, é a única que poderá defendê-lo do perigo social que o rodeia.

É necessário considerar que o homem não deve morrer sem que lhe sejam ensinadas as autênticas verdades espirituais; não deverá ausentar-se deste mundo aceitando *verdades* que, depois da morte, lhe aparecerão como erros, conservados apenas para a defesa de sistemas religiosos e sociais dominantes.

Não obstante, enquanto as instituições civis e religiosas permanecem quietas, o progresso e a evolução fazem girar a roda do mundo, para comovê-lo desde os fundamentos. Enquanto as organizações religiosas aparentam estabilidade e segurança, a revolução espiritual está se operando no âmago das almas. E esta revolução subjetiva é a que promoverá a derrocada dessas organizações, que zelam somente pelos seus privilégios e seus interesses materiais. Acreditamos que o grito angustioso da alma humana, nos tempos atuais, merece o mais fraternal dos auxílios. Consideramos que o homem merece agora o nosso respeito, mais do que em nenhum outro período da história.

Aqueles que dividiram o mundo em classes, setores e partidos, deveriam abandonar sua atitude dogmática e recordar que a humanidade está no direito de conhecer a verdade espiritual, ainda que essa verdade possa afetar as instituições religiosas, já incapazes de oferecer provas sobre o destino escatológico do homem.

O marxismo é uma rebelião contra os erros de toda ordem; não é somente uma força de caráter político: ele se dirige a todo o sistema espiritual existente, cansado de admitir

suas erradas doutrinas, cujo único fim é manter nas trevas o pensamento humano. Assim, se a Igreja, e com ela o antigo espiritualismo, desejam opor-se ao marxismo, deverão fazê-lo por meio dos fatos, demonstrando que o metafísico e o sobrenatural existem, que são realidade. Mas, infelizmente, essas instituições carecem do aparelhamento necessário, com o qual deveriam sobrepor-se ao conceito materialista do marxismo. Continuam opondo-se ao espiritismo, o que prova que não buscam a salvação espiritual do homem, mas unicamente sobreviver, empregando para isso a força que lhe concedem os Estados materialistas.

Capítulo III

MARX E KARDEC

Karl Marx e Allan Kardec encarnam, nos tempos atuais, as duas grandes inquietudes do pensamento: o fenômeno social e o fenômeno espiritual. Marx traçou uma imagem do homem em desacordo com a realidade espiritual. Entretanto, no campo social, expressou verdades que, postas em prática, dariam solução à mais renhida luta de classes que, atualmente, em seu conjunto, chamamos capitalismo e comunismo.

Marx viu o homem como um composto físico-químico, isto é, como um organismo material, governado e conduzido *pelos modos de produção*. Kardec, pelo contrário, compreendeu o homem como um espírito encarnado num corpo físico, para demonstrar sua evolução e sua realidade espiritual. Mas o homem de Marx e o homem de Kardec, iguais entre si quanto ao aspecto material e diferentes na sua realidade espiritual, constituem agora uma pessoa humana ou entidade existencial, com novos direitos e iguais deveres, diante dos progressos da sociedade moderna.

Nessa pessoa existencial e humana, onde cabem tanto o homem marxista como o homem kardecista, devemos buscar a verdadeira filosofia Social. Nela se encontram os elementos indispensáveis para estabelecermos uma relação entre o problema social e o problema espiritual. Entretanto, Marx nos mostrou um *homem melhor* que o *homem velho* dependente do regime capitalista. O homem de Marx é um ser liberto da exploração econômica, mas sem perspectivas metafísicas. Suas dimensões espirituais estão sujeitas ao terrestre, o que vale dizer que desaparecem com o corpo. Disso resulta ser o homem de Marx um Ser incapaz de satisfazer o anseio de imortalidade que o Espírito leva em seu íntimo.

Marx, com efeito, legou-nos um homem sem espírito. Não obstante, exigiu-lhe mais do que podia dar. Esqueceu-se de que um homem chamado a efetuar a transformação do mundo, em todos os seus aspectos, *não deveria morrer*, como sustenta a desoladora teoria do materialismo histórico, sobre a qual fundamentou todo o seu sistema social. Como se verá, o homem de Marx morre para sempre, depois de sacrificar-se pela instituição de um mundo melhor. É um tipo de homem que não tem vinculações palingénicas com o processo histórico: nasce e morre sem saber qual o sentido do drama do planeta.

Apesar do erro no tocante ao Ser do homem, Marx teve acertos extraordinários ao julgar o regime capitalista e com ele a “exploração do homem pelo homem”. Seu gênio demonstrou à inteligência humana que o sistema de propriedade privada está obrigado a transformar-se em sistema de propriedade coletiva. Fez ver à humanidade que o socialismo, ou regime de propriedade coletiva, corresponde a um novo sentido da vida, e assim o admite a doutrina social espírita, considerando-o como um avanço para o verdadeiro advento do cristianismo. Porque no dia em que a sociedade cristã for uma realidade, ela estará assentada sobre as bases da propriedade coletiva. Vejamos o que diz o Evangelho: “*Em verdade vos digo que um rico — ensinava Jesus a seus discípulos, — dificilmente entrará no Reino dos Céus. E em verdade vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no Reino de Deus.*” (Mateus XIX, 23-24).

O *homem velho*, que geralmente está representado no rico de que falava o Nazareno, é o que resiste à evolução do sistema social, e deverá ler e meditar profundamente este ensinamento do Divino Mestre. Porque são os ricos e poderosos, mesmo sendo cristãos, os menos concordes com a essência revolucionária do cristianismo. Recordemos o se-

guinte ensinamento evangélico: “Certa vez, um jovem rico perguntou a Jesus o que deveria fazer para conquistar a vida eterna, e o Mestre lhe respondeu: *Se quiseres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. Ouvindo o jovem esta palavra, retirou-se tristemente, porque tinha muitos haveres*”. (Mateus XIX, 21-22).

Esta a razão pela qual o cristianismo nunca poderá ser a doutrina ou a religião dos ricos, potentados, latifundiários e poderosos. O cristianismo, tal como o interpreta a sociologia espírita, é uma ideia que jamais se acomodará com os interesses das classes poderosas, nem com a exploração dos humildes e o luxo desmedido dos endinheirados.

O cristianismo possui em si mesmo tudo o que Marx atribuiu (por culpa dos próprios cristãos) ao socialismo de tipo materialista. No dia em que o cristianismo se dedicar totalmente à organização social do mundo, a própria revolução comunista, tão temida na atualidade, aparecerá como um acontecimento insignificante e sem transcendência.

A comunhão de bens ou propriedade coletiva, antes do socialismo, pertenceu ao cristianismo, como sistema social. Nos *Atos dos Apóstolos* lê-se o seguinte: “*E todos os que acreditavam estavam juntos; e tinham todas as coisas em comum (11-44). E não havia entre eles nenhum necessitado, porque todos os que possuíam herdades e casas vendiam-nas e depunham o valor aos pés dos apóstolos, para ser distribuído a cada um, segundo as suas necessidades.*” (IV-34-35).

Esta doutrina do cristianismo primitivo mostra-nos que a ideia de propriedade coletiva, principal instrumento do socialismo moderno, já era praticada pelas primeiras comunidades cristãs. Portanto, a cristandade deverá renovar a presente estrutura social, aplicando o ideal econômico ensinado

por Jesus e seus apóstolos, e evitando assim a implantação de um conceito materialista do homem e da sociedade.

Marx esboçou um indivíduo sem vinculações com o espiritual e o eterno. Acreditou que o Espírito constituía um embaraço para o advento de uma sociedade sem classes, porque tanto o filósofo como o religioso aplacavam as reivindicações dos oprimidos, falando-lhes de uma felicidade ultraterrena. Deste modo, o poderoso se livrava das reclamações de servos e servidores, hoje trabalhadores e obreiros em geral.

O autor de *O Capital*, conhecedor deste jogo, desliga-se do Espírito e atém-se unicamente à realidade objetiva das coisas. Concebe por isso um homem material, cujo destino termina com sua morte física. Sente repulsa pelo espiritual e metafísico, porquanto a oligarquia e a opressão de todos os tempos têm submetido os homens, prometendo-lhes recompensas no além.

Daí o homem marxista estar desvinculado de todo conceito espiritual e religioso. Marx acreditava que a verdade jamais escraviza o homem, mas o eleva e melhora nas condições da vida social. Viu, entretanto, que a verdade espiritual praticada por *cristãos*, clérigos, sociólogos e filósofos, até meados do século 19, era uma verdade espiritual que exaltava o poderoso e lhes submetia os humildes e deserdados, isto é, a todos os que seguiam a Jesus. O cristianismo eclesiástico, *que não é o cristianismo do Espírito de Verdade, hoje proclamado pela Terceira Revelação*, prestou-se a esse jogo aviltante, que consistia em sufocar toda ideia de rebeldia entre os explorados. E Marx, por essa razão, negou aquela verdade espiritual, chegando à conclusão de que a única realidade se acha no mundo físico e na vida material do homem. Terminou sustentando que a verdade sempre libertará os indivíduos, e que toda ideia religiosa, que tratasse de subjugar-los com promessas ultraterrenas, representaria uma falsa verdade ou

um argumento das forças reacionárias, para impedir a justiça social e a democracia.

Hoje, é reconhecida a razão de Marx, no que respeita ao socialismo, mas quanto à interpretação materialista do homem e da história, como se vem comprovando, Marx permanece num plano de absoluto equívoco. É este o motivo que dá argumentos aos misoneístas para combaterem Marx, não tanto com o fim de refutar sua ideologia materialista, mas para defender o regime capitalista, onde seus instintos possessivos possam continuar a obra de avareza e de egoísmo.

Se Marx nos legou uma falsa imagem do homem, foi devido ao procedimento moral, que já assinalamos, dos que se chamaram espiritualistas e cristãos, e que em vez de estarem com a mensagem do Cristo, e consequentemente com os pobres, despojados e explorados, estiveram com os poderosos e os afortunados. Em nosso tempo, continua ainda este jogo de religiosos, espiritualistas e cristãos, que se protegem sob poder estatal para defender seus interesses de classe afortunada. Esta atitude dos poderosos frente aos humildes destrói, a cada momento, na vida dos povos, a ideia de Deus e do Espírito, a ponto de serem consideradas inexistentes, e, repetindo o que dizia Marx, continua-se a considerá-las como instrumentos mentais para aplacar os anseios de justiça.

Mas se o homem marxista é um erro em seu aspecto espiritual, e uma verdade em sua face social, o homem kardecista é uma verdade integral: o homem de Kardec é verdadeiro tanto no espiritual como no social. Estes mundos, na concepção espírita, não se excluem entre si, segundo afirma a mentalidade religioso-materialista. Para Kardec, esses dois mundos estão representados por dois elementos: o material e o espiritual, que deverão unir-se para revelar uma única realidade: a da vida universal.

Kardec nos assinala que esses elementos, o material e o espiritual, constituem as duas realidades através das quais deverá passar o Espírito do homem. Essa concepção nos confirma que a justiça social e a justiça espiritual deverão desenvolver-se em forma paralela, já que tanto o processo visível como o invisível do homem e da história contribuem no processo que conduz ao amor e à fraternidade sociais. Isso nos mostra que o mundo material e o mundo espiritual se relacionam mutuamente, e que o desenvolvimento histórico se efetua mediante essas relações materiais e espirituais, ao lado do desenvolvimento da forma e da vida.

Para Kardec, o fenômeno social tem suas bases no fenômeno espiritual: não existe separação entre essas duas realidades; pelo contrário, o conflito da luta de classes se desdobra, penetrando desse modo nas realidades do mundo invisível. De maneira que o homem kardecista é um Ser que relaciona, mediante o perispírito, instrumento psíquico que não possui o homem de Marx, o mundo corporal com o mundo espiritual e moral. O perispírito é o elo perdido, que relacionará subsequentemente *os modos de produção* com *os modos de evolução*, isto é, a *luta de classes* com as *classes de luta*. Porque a evolução do espírito, para ser equilibrada e harmônica, tem necessidade de meios e formas econômicas justas e equitativas, já que sua própria palingenesia fará que o instrumento social seja empregado novamente pelo mesmo Ser, através de seu incessante avançar espiritual. Com razões de sobra dizia Kardec: “Risquem-se das leis e das instituições, das religiões e da educação, os últimos restos da barbárie e os privilégios; destruam-se por completo todas as causas que dão vida e desenvolvimento a estes eternos obstáculos do verdadeiro progresso e que, por assim dizer, aspiramos por todos os poros na atmosfera social, e então os homens compreenderão os deve-

res e benefícios da fraternidade, e a liberdade e a igualdade se estabelecerão por si mesmas de qualquer forma.⁷

As palingenias individuais e sociais são, para o homem kardecista, o resultado dos fatos sociológicos determinados pelo Espírito, através de sua incessante evolução. Para Kardec, ao contrário de Marx, o progresso é uma sucessão de fatos morais e sociais, determinados pelas relações entre o elemento espiritual e o material. A nova sociedade, segundo o codificador da doutrina espírita, será determinada pelo modo de vida espiritual alcançado pelos homens. Corpo e Espírito, isto é, Sociedade e Alma, deverão desenvolver-se harmonicamente; deste modo, com o homem kardecista, a transformação social será integral: compreenderá o aspecto material e espiritual. Ao contrário, a evolução socialista de Marx só modificará uma parte da realidade: afetará unicamente o sistema econômico da sociedade, deixando o Espírito do homem tal como estava no regime chamado capitalista.

Se a imagem do homem kardecista se reflete nas profundezas do mundo espiritual, isso nos indica que ele não verá apenas uma vez os alcances e resultados do processo social, mas que passará muitas vezes através desse processo, razão pela qual deverá trabalhar insistentemente em prol de melhores sistemas sociais. O sistema socialista, segundo a ideia do homem kardecista, será revivido e reencontrado pelos mártires do socialismo, porque o Ser que a filosofia espírita nos apresenta é uma entidade eterna, que vai e vem no *curso e recurso* palingenésico da história, sem jamais fenecer.

O homem, para Kardec, é um *espírito encarnado*, que reconhecerá o seu passado histórico, à medida que ilumine sua visão e intuição espirituais. É por isso que, com a doutrina

⁷ Ver *Obras Póstumas*, Kardec, capítulo Liberdade, Igualdade e Fraternidade e *O Livro dos Espíritos*, capítulo sobre o mesmo assunto.

social espírita, podemos falar de um *homem-que-reencontra-a-história*, isto é, de um homem que construirá um mundo melhor para reencontrar-se a si mesmo, segundo tenham sido seus atos para construí-lo e edificá-lo. A nova sociedade do futuro, segundo o homem kardecista, se emancipará do regime social baseado na propriedade individual, porque o estado de evolução espiritual alcançado pelo Ser o obrigará a aperfeiçoar-se, segundo o princípio espírita da lei de igualdade. E este estado de evolução fará que os homens percebam o mundo e os bens econômicos unicamente como *objetos de encarnação*.

Em resumo, podemos afirmar que a comunidade socialista não é o resultado de um sistema imposto por um processo político, mas uma realidade social dependente da evolução avançada do homem; é, pois, o fruto do progresso, tanto externo como interno, da humanidade. Por isso, Kardec dizia que os sistemas sociais variam com a evolução dos espíritos; sustentar, portanto, um regime social que esteja em pugna com a evolução espiritual, é colocar-se em oposição à própria lei de progresso. A esse respeito, escreveu Kardec: “*A aspiração do homem para uma ordem de coisas melhor que a atual é um indício certo da possibilidade de que chegará a ela. Cabe, pois, aos homens amantes do progresso, ativar este movimento pelo estudo e a prática dos meios que se julguem mais eficazes.*”⁸

Se a filosofia espírita não abranger o estudo das questões sociais, o homem marxista terá sempre maior vantagem sobre o homem kardecista, porque o tema da luta de classes é a grande realidade individual e coletiva dos tempos modernos. Como temos visto, o espiritismo não é individualista; pelo contrário, abarca por igual a face pessoal e social do

⁸ Allan Kardec, *Obras Póstumas*, capítulo citado atrás.

homem. Contudo, esta integralidade da filosofia espírita tem sido, pode-se dizer, postergada, por receio de cair no político. Muito se tem falado do espiritismo, quase sempre como de um *comércio* entre vivos e mortos; tem-se dado preferência aos seus fenômenos, em detrimento de sua doutrina espiritual e filosófica, que constitui um verdadeiro humanismo revolucionário e “abrange tanto o homem físico (o social), como o homem moral (o espiritual)”, segundo o sentir esclarecido de Allan Kardec.

Louis Fourcade, notável espírita francês, em uma carta dirigida de Paris à revista *La Idea*, referindo-se ao sentido social da filosofia espírita, dizia o seguinte: “*Por não haver militado no domínio social, o espiritismo francês é insuficientemente conhecido das massas. Tem atraído para si uma desconfiança inexplicável, mesmo no mundo intelectual; da parte de alguns cérebros lúcidos e orgulhosos de seu conhecimento, atraiu um desprezo cínico e sistemático que, alentado pelo clero, tem conseguido reduzi-lo e circunscrevê-lo a simples reuniões de associações timoratas, onde frequentemente degenera em corrupção e charlatanismo, ou tráfico mercenário.*”⁹

Enquanto fizermos do espiritismo uma questão de médiuns, provas e experiências, não sairemos do estreito círculo em que o têm encerrado psiquistas de toda espécie. Kardec apresentou a filosofia espírita com um caráter absolutamente diferente daquele que lhe deram os registradores de fenômenos. Ela encarna, como se sabe, uma nova visão espiritual do homem e do Universo apresentando-se como uma sociologia espiritualista, tanto do homem físico como do homem moral. O espiritismo, segundo Kardec, é a restauração dos valores essenciais do cristianismo e o instrumento filosófico e religioso destinado a dar for-

⁹ Revista *La Idea*, Buenos Aires, n.º 275, abril de 1947.

ma a um novo tipo de sociedade humana. Consequentemente, a filosofia espírita deverá *socializar-se*, se quisermos que avance ao lado do progresso, sem ser ultrapassada em sua militância pelas novas ideias.

A alma dos tempos modernos está eivada de transformações gerais. Se queremos impulsionar o progresso dos homens, teremos de penetrar no social, onde pulsa o coração das realizações futuras. Não nos esqueçamos de que é nas massas que estão encarnados os tristes e deserdados. Foi nessa perspectiva que Kardec viu o sentido social do espiritismo, a ponto de chegar a sustentar que é a eles, “mais que aos felizes da Terra”, que se dirige o seu ideal religioso ou de redenção humana. A mensagem que o espiritismo proclama é a mesma que se ouviu há vinte séculos no *Sermão da Montanha*, encarnando-se outra vez na história, conforme fora anunciado; através da divina presença do Espírito da Verdade.

Capítulo IV

A FILOSOFIA CIENTÍFICA DE GUSTAVE GELEY

O fenômeno mediúnico e metapsíquico permitirá à ciência antropológica um novo e amplo enfoque da existência do homem e do Universo. A teoria do paralelismo psicofisiológico, como já se assinalou, acha-se em plena desvalorização, diante dos fatos obtidos, especialmente os casos de fisiologia supranormal, situados por Geley dentro dos cânones da ciência universitária. Este grande cientista e filósofo foi um dos estudiosos mais apaixonados da metapsíquica. Sua intuição não ficou na periferia dos fenômenos, mas penetrou em seus extratos subjetivos, para mais tarde, sobre a base de fatos inegáveis, apresentar uma filosofia metafísica idealista, como confirmação da doutrina espírita e de seus postulados referentes à lei palingenésica.

Em seu livro, *Do Inconsciente ao Consciente*, Geley fez uma crítica geral do conhecimento e dos sistemas naturalistas mais conhecidos, para, a seguir, penetrar nos problemas mais importantes do Ser, fundamentando assim uma importante teoria sobre o Espírito e a existência.

Ao estudar o inconsciente realiza um trabalho científico e filosófico que lhe permite estabelecer uma notável teoria metapsíquica e espírita, referente ao homem e ao Universo. Assinala que o estudo do inconsciente, até a época moderna, desenvolve-se sobre bases intuitivas e metafísicas, e por isso mesmo encontra-se emaranhado de obscuridades e contradições. Mas acrescenta que esse estudo, ao entrar nos domínios da filosofia científica, permitiu a fusão do gênio oriental com o gênio ocidental, construindo-se assim a base e o arcabouço de um ideal filosófico e científico capaz de abranger todas as aspirações e todos os ideais humanos. Reconhece em Schopenhauer o mérito de haver sido o primeiro a relacionar a filosofia com os fa-

tos, ao conceber o mundo *como vontade e representação*, e faz ao mesmo tempo uma profunda análise do pessimismo do filósofo alemão. A este respeito, acentua que o sistema pessimista de Schopenhauer não somente foi a consequência de suas premissas filosóficas, mas que também se deve, muito especialmente, à sua visão da vida.

“Esta visão — escreveu Geley — inspira-lhe imensa piedade: piedade pelos animais, que, quando não se devoram reciprocamente, sofrem todas as misérias, num inferno em que “os homens são os demônios”. Piedade pelos homens, que o desejo de viver conduz a penas e dores só compensadas por alguns gozos muito espaçados e, por fim, baseados na ilusão.”

Mas a estas amargas considerações, oporá Geley sua magnífica concepção da evolução palingenésica, pela qual os seres, do *inconsciente*, realizarão a soberana consciência, a soberana justiça e o soberano bem. Como veremos, nem o marxismo nem o materialismo dialético, sobre o qual aquele se funda, nem o existencialismo ateu, foram capazes de apresentar uma visão ideológica que permita chegar a uma conclusão tão reconfortante para a alma humana, não obstante o gênio filosófico que a inspira, como a que oferece a filosofia palingenésica de Geley, com os mesmos fundamentos metafísicos e morais da filosofia espírita.

Ele, que teve a oportunidade de ver, com fé apostólica, as mais vivas realidades espirituais e biológicas da metapsíquica, consolidou, para o bem das gerações futuras, um esboço de idealismo filosófico, sobre o qual se poderia dizer: “Se este idealismo não for verdadeiro, a espécie humana jamais terá salvação, estando a alma do homem irremediavelmente destinada a perecer entre as sombras da morte e do nada.”

Com a sua teoria sobre o indivíduo e a evolução, Gustave Geley começou o seu trabalho filosófico, mas sempre com a

maior cautela. Por isso nos diz: “*Deixaremos de lado, sistematicamente, tudo o que seja pura metafísica: os temas de Deus, do Infinito, do Absoluto, do Princípio e do Fim, da natureza essencial das coisas etc. Só enfrentaremos o que é possível saber e compreender sobre o destino do mundo e sobre o destino individual, segundo o grau de capacidade, a um tempo intuitivo e intelectual, que nos permite a realização evolutiva atual.*”

É evidente, acrescentava, que “*isto é pouco, relativamente; entretanto, é muito mais do que ensina a filosofia clássica*”. Mas, este sacrifício, ao qual se submetia Geley, permite, dizia: “*evitar todas as vãs discussões especulativas, todas as fórmulas estéreis, todos os sistemas contraditórios, onde têm naufragado, umas após outras, as mais preclaras inteligências, e que já não têm atualmente mais do que um interesse histórico ou artístico.*”

Para este sábio metapsiquista e espírita os dois postulados primordiais da filosofia — expostos magistralmente em seu citado livro — são os seguintes:

1.º) — O que há de essencial no Universo e no Indivíduo é o *dinamopsiquismo* único, a princípio inconsciente, mas tendo em si todas as potencialidades. As aparências diversas e inumeráveis das coisas são apenas as suas representações.

2.º) — O *dinamopsiquismo essencial e criador* passa, pela evolução, do inconsciente ao consciente.

Como podemos ver, a concepção do homem e do Universo, segundo o pensamento de Geley, talvez seja a verdadeira ou, pelo menos, está assentada sobre um seguro cálculo de probabilidades. A observação dos fenômenos metapsíquicos permitiu-lhe penetrar a verdadeira natureza do Ser e das coisas, assim como a queda de uma maçã permitiu a Newton descobrir os segredos da lei de gravidade.

As aparências da matéria se desfizeram; com a realidade metapsíquica, o homem surge em sua origem essencial, o que nos demonstra que o ser humano é apenas uma representação transitória, durante o período que dura sua existência material: é, numa palavra, uma materialização psíquica e espiritual. E esta tese não é inverossímil, se levarmos em conta que a ciência trata agora da materialização e desmaterialização da energia, assim como a metapsíquica nos indica a materialização e desmaterialização de forças supranormais.

Quanta verdade e certeza havia em Geley, se pensarmos nos progressos da Física moderna, quando declarava: *“Fomos obrigados a concluir que a forma não é mais do que uma ilusão temporal.”* Ao que acrescentava o seguinte: *“Os órgãos e os tecidos não têm verdadeiras determinações específicas; todos os órgãos e tecidos, assim como nasceram de uma célula primordial única, a célula mater, podem voltar, no curso da vida, a essa substância primordial única, que, seguidamente, poderá organizar-se em novas formas e construir, temporariamente, órgãos ou tecidos diferentes e distintos.”*

Penetrou assim no conhecimento da teoria da unidade substancial, ao referir-se ao corpo, do qual disse:

“Em uma palavra: tivemos que nos render à evidência de que o complexo orgânico — o corpo — não tem nem qualidades definitivas e absolutas, nem especificidade própria. Por sua origem, por seu desenvolvimento; por suas metamorfoses embrionárias e pós-embrionárias, por seu funcionamento normal, como por suas possibilidades chamadas supranormais, pela conservação da forma habitual, como pelas desmaterializações e rematerializações metapsíquicas, este organismo se resolve num dinamismo superior que o condiciona.”

“O complexo orgânico se nos apresenta, não como o indivíduo completo, mas como um produto ideoplástico do que

há de essencial no indivíduo: um dinamopsiquismo que o condiciona, e que é o todo. Em termos filosóficos, o organismo não é o indivíduo, mas a representação do indivíduo.”

A concepção materialista, que ensinava ser o indivíduo o organismo, que encerrava em si todas as manifestações da atividade individual, encontrou na concepção metapsíquica e espírita de Geley uma nova explicação, que nos faz ver o homem e todos os seres como *dinamopsiquismos essenciais*, indestrutíveis, eternos, que, por representações sucessivas, avançam do *inconsciente ao consciente* mediante a evolução palingenésica.

O sábio francês resumia essa doutrina da seguinte maneira:

Tudo ocorre como se o dinamopsiquismo essencial se objetivasse para criar o indivíduo, não em uma representação única — o organismo — mas em uma série de representações hierarquizadas, que se condicionam umas às outras.”

Seguindo o fio de seu pensamento filosófico, vê-se que Geley continuou analisando a constituição do Ser, segundo os princípios da nova ideia. Considerou o Eu como um *dinamopsiquismo essencial*, em contraposição à psicologia clássica, que o considera como a soma de estados de consciência, e que o consciente e o inconsciente se interpenetram para condicionar-se reciprocamente. Conceituou, sempre apoiado nos fatos, que o dinamopsiquismo inconsciente ou subconsciente tende, pela evolução, a converter-se em dinamopsiquismo consciente; por isso é que todas as aquisições conscientes são assimiladas e convertidas em faculdades do espírito.

Dessa maneira, o Ser se desenvolve, ou se manifesta, e adquire, fixando-as, as novas faculdades do sentir, do conhecer e do saber. O progresso espiritual e psicológico resume-se, portanto, na conversão dos conhecimentos em faculdades, o que a filosofia espírita denomina *evolução palingenésica*. O Ser alcança, pela experiência científica e pela indução filosófi-

ca, a síntese do indivíduo, que, como essência manifestante que é, objetiva-se em representações hierárquicas, que se condicionam reciprocamente, e que, segundo os conhecimentos metapsíquicos atuais, são:

O mental.

O dinamismo vital.

A substância orgânica única.

Consequentemente, mostrou-nos que os fatos psicológicos (em psicologia clássica são ainda um puro mistério) resultam, para a parapsicologia, de estados anormais, que têm pontos de contacto inevitáveis e recíprocas relações, que se interpenetram frequentemente.

A evolução universal era, para Geley, como já sabemos: *a passagem do inconsciente ao consciente no Universo*. Concebeu o Cosmos como um *dinamopsiquismo essencial*, e também como representação.

“Da mesma maneira que o indivíduo, — escreveu — o Universo deve conceber-se como representação temporária e como dinamopsiquismo essencial e real. Do mesmo modo que o organismo do indivíduo é apenas o produto ideoplástico de um dinamopsiquismo essencial, assim o Universo se apresenta como a formidável materialização da potencialidade criadora.”

Dentro deste princípio, a evolução é a aquisição da consciência, tanto no microcosmo como no macrocosmo. Por isso explicou Geley que as faculdades evolutivas, que no transformismo clássico não têm um esclarecimento racional, tornam-se compreensíveis quando vemos que *o mais* pode sair *do menos*, desde que a imanência criadora, que está na própria essência das coisas, possui todas as capacidades potenciais de realização. Em resumo, proclamou: “que a evolução coletiva, como a evolução individual, pode resumir-se nesta fórmula: passagem do inconsciente ao consciente.”

Para corroborar esta concepção, escreveu Geley:

“No indivíduo, o Ser aparente, submetido ao nascimento e à morte, limitado em suas capacidades, efêmero em sua duração, não é o Ser real; não é senão uma representação ilusória, atenuada e fragmentária.”

“O Ser real, aprendendo pouco a pouco a conhecer-se a si mesmo e a conhecer o Universo, é a centelha divina a caminho de realizar a sua divindade, infinita em suas potencialidades, criadora e eterna. No Universo manifestado, as diferentes aparências das coisas não são mais do que a representação ilusória, atenuada e restrita, da unidade divina, realizando-se numa evolução indefinida.”

“A constituição dos mundos e dos indivíduos — dizia — não é, também, senão a realização progressiva da consciência eterna, pela multiplicidade progressiva de criações temporárias ou de objetivações”.

É neste ponto que o gênio filosófico de Geley atinge o coroamento do seu idealismo metapsíquico, o qual, segundo René Sudre, constituía um ensinamento superior do espiritismo. Sem exaltadas declamações, já que frente ao materialismo resultariam estéreis, refutou o “grito lacerante” de pessimismo que lançava “um grande príncipe árabe do século 10, no reinado que marcou o apogeu do Califado de Córdoba.”

— Em que consiste esta existência? – perguntava o príncipe a si mesmo.

— Em trabalhar um quarto de século para adquirir os meios de vida; em lutar outro quarto de século em incessantes sobressaltos, para que estes meios produzam um rendimento suficiente; e depois morrer, sem saber, na verdade, por que vivemos, – respondeu-lhe o seu próprio sentido pessimista da vida.

“Quantas dores e tristezas, — anotou Geley — sobressaltos e temores, durante o pequeno quarto de século em que o homem “desfruta” de suas aquisições! Juventude efêmera, com as suas ilusões perdidas; vida empregada em preparar-se para viver; esperanças sempre falidas e sempre ressurgindo; algumas flores recolhidas à beira do caminho, quase sempre emurchecidas ao toque das mãos; alguns instantes de repouso e em seguida a marcha apressada que recomeça! Naufrágios pessoais; naufrágios familiares; trabalho rude e descanso; temores, desilusões e decepções: isso é o corrente para o comum dos mortais. Para aqueles que têm um “ideal”, é pior ainda: alguns destinos em busca da ilusão, e ináuditos esforços para alcançá-la.”

Esta é a vida humana, do ponto de vista do existencialismo ateu e do materialismo histórico, sobre o qual se funda a concepção marxista. Ante esta concepção sombria do mundo, Geley analisa o conceito otimista daquelas escolas que dizem poder-se esperar uma era de menos dores, menos miséria e menos enfermidades. Em uma palavra: em vez de uma noite escura de infortúnios e sofrimentos, iluminada apenas por alguns raios de gozo efêmero, devemos esperar, — segundo essas escolas, — uma aurora de bem-estar, em que as sombras da dor farão apenas ressaltar melhor a sua refulgente harmonia e beleza.

A este falso otimismo da vida, Gustave Geley responde da seguinte maneira:

“Sim, podemos esperar tudo isso! Mas essa humanidade, chegando a gozar desse ideal, verá o seu triunfo e a sua felicidade erguerem-se sobre a hecatombe das gerações passadas; isto é, desfrutará de uma felicidade que os homens não terão merecido, do mesmo modo que os seus antepassados não mereceram as suas misérias!”

“Há nesta concepção, — acrescentava, — uma tão grande injustiça que basta por si só para acarretar irresistivelmente o mais cru pessimismo filosófico.” Ao contrário, para que a visão mude, para que o pensamento das misérias humanas e da morte se despoje de seu caráter sombrio e de sua aparência maldita, é preciso a ideia e o ensinamento da doutrina palingenésica. Então: “tudo se esclarece, — dizia Geley, — os túmulos deixam de ser túmulos; são asilos passageiros para o fim da jornada.” E continuava: “Assim como desaparece, com a ideia palingenésica, o caráter fúnebre da morte, assim também desmorona o monumento da injustiça, edificado pelo evolucionismo clássico. Já não há, na evolução, sacrificados nem privilegiados. Todos os esforços individuais e coletivos, todos os sofrimentos e amarguras terão acabado na realização da justiça e na preparação do bem; mas o bem e a justiça para todos, porque todos teremos contribuído para isso.”

E antepondo-se às falsas interpretações dos fenômenos metapsíquicos, como se falasse ao mais puro da espécie, disse:

“Não; a essência una, seja qual for o nome que se lhe dê, criadora das representações sem número, não acaba se materializando nessa vã fantasmagoria de mundos, de formas e de seres sem passado e sem futuro; representações absurdas, mundos sem coerências, de obscuridades ou de loucura; vãos fantasmas desvanecidos quase ao mesmo tempo que criados, e desvanecidos sem deixar rastro! Não; a essência una não acaba, com maior razão, criando mundos de dor, para que sirvam de marco ao sofrimento universal imerecido, inútil, e infecundo.”

“As representações fugitivas, — acrescentava, — não são nem incoerentes nem desventuradas; graças a elas e por -elas, a essência única, a única realidade chega paulatinamente, por inumeráveis experiências, a conhecer-se pouco a pouco a si mesma, individual e coletivamente, nas partes e no todo.”

“As representações, compreendidas finalmente, revelam uma soberana harmonia. Delas se depreende o fim supremo, a finalidade verdadeiramente divina. A harmonia é o acordo imanente de umas com as outras, a estreita solidariedade das parcelas individualizadas do princípio único e sua união irrefragável no todo.”

“O objeto é a aquisição da consciência, o passo indefinido do inconsciente ao consciente. E é assim que se desenvolvem todas as potencialidades (sendo a realização a evolução) da soberana inteligência, da soberana justiça e do supremo bem”.

O que nos parece estranho e incompreensível é a cultura filosófica continuar ignorando a teoria do dinamopsiquismo, exposta sobre bases experimentais por Gustave Geley, em seu livro *Do Inconsciente ao Consciente*. Esta obra, que deveria ser o fundamento da nova filosofia idealista, permanece quase esquecida ao lado do *Tratado de Metapsíquica*, de Charles Richet. Não reparam os pensadores que é nos princípios ali expostos que se encontra a autêntica raiz do pensamento metafísico. Se a filosofia se detivesse por um instante no pensamento metapsíquico de Geley, acharia a mais sólida base para realizar um novo e firme trabalho filosófico. Acreditamos que, com a filosofia idealista da metapsíquica, a filosofia passará, a bem do conhecimento, da filosofia à teosofia, isto é, de uma ciência naturalista a uma ciência cósmica e espiritualista. Tinha muita razão o dr. J. B. Rhine ao reclamar a colaboração dos filósofos nos problemas levantados pela parapsicologia.¹⁰

A teosofia é o mais perfeito saber que pode orientar o homem, através de seus sentidos mediúnicos e espirituais. O ser humano possui duas formas de compreender a verdade: uma, a

¹⁰ A participação dos filósofos é um sinal inequívoco do progresso da parapsicologia, rumo a sua maturidade. (*Revista de Parapsicologia* n° 2, Buenos Aires, 1955).

objetiva; outra, a subjetiva. Disto se conclui que o saber não é uma questão somente física ou sensorial; é também uma problemática psíquica e intuitiva.¹¹

O homem compreende e conhece o mundo pelas vias da razão e do seu contacto com o mundo material, mas pode compreendê-lo e reconhecê-lo também por meio do espírito, isto é, por vias extrassensoriais, tal como o confirmaram a parapsicologia e a metapsíquica.

A possibilidade de um conhecimento místico do mundo é uma justa aspiração e um direito legítimo do homem. Penetrar os recessos da natureza é talvez descobrir a própria alma das coisas. Isto constituiria uma teosofia do Conhecimento e não somente uma filosofia. Além disso, significaria descobrir o segredo oculto das existências, o desvelar poético das Idades, conhecer o enigma das aventuras, lendas e heroísmos do homem, na certeza de que tudo vive, existe e se relaciona, através do grande *curso e recurso* das almas.

¹¹ A palavra teosofia é empregada pelo autor em sentido espírita, na sua significação etimológica de “sabedoria de Deus” ou “conhecimento de Deus”, filosoficamente entendida como “ciência do Ser”. Não confundir, portanto, com as doutrinas teosóficas conhecidas, que são apenas aproximações da verdadeira teosofia. (Nota de J.H. Pires).

Capítulo V

SIGNIFICADO ESPÍRITA DO MATERIALISMO DIALÉTICO

Nos tempos atuais, o materialismo dialético se encontra no auge, devido a considerar-se o seu método de conhecimento como o novo instrumento filosófico com o qual se pode interpretar a realidade histórica, e porque pode determinar uma transformação social que redunde num tipo de sociedade nova.

Segundo seus princípios, o homem deixa de ser uma entidade que conduz a marcha dos fenômenos sociais, para converter-se numa máquina manejada pelas forças exteriores. Deste modo, a matéria é que tem preeminência sobre o espírito, convertendo-se o Ser numa representação fisicoquímica. Esquecemos assim que o indivíduo possui uma realidade metapsíquica, que supera em todos os sentidos o seu mundo corporal.

Na dialética de Hegel, os fenômenos materiais são apenas objetivações da Ideia, e o mundo subjetivo se desenvolve por uma lei de contradições que se opera através de uma tese, uma antítese e uma síntese. Penetrando na filosofia dialética de Hegel, compreenderemos, com assombro, que ela está baseada no mesmo processo da filosofia palingenésica do espiritismo. Gustave Geley, referindo-se a Hegel, disse:

“Na filosofia de Hegel encontram-se nitidamente as ideias de evolução e involução. O absoluto, que não é mais do que um ideal puro, sem realidade alguma, desenvolve-se para chegar à plena consciência de si mesmo. Isto origina a evolução, que Hegel chama o porvir. O desenvolvimento opera-se em três fases ou tempos: primeiro, estado de pura virtualidade, chamado por Hegel: tese; segundo, delimitação e divisão, isto é: a antítese; terceiro, desaparecimento das delimitações e a identificação dos contrários, numa síntese superior.

“Esta síntese, às vezes, converte-se logo no ponto de partida de um movimento análogo, que se repete até ao infinito. Tese, antítese e síntese reaparecem constantemente, em todos os momentos do desenvolvimento do Ser. Em sua evolução, o Ser realiza todos os progressos e chega, deste modo, à plena consciência de si mesmo.¹²

A exata interpretação que Geley faz de Hegel leva-nos a supor um grande porvir para a função ideológica que desenvolverá a palingenesia dialética.

Hegel escreveu sua *Fenomenologia do Espírito* afastando-se de todo dogma. Geley, em plena atualidade, fez outro tanto com seu extraordinário livro *Do Inconsciente ao Consciente*. Assim, para Geley, o Absoluto de Hegel se chama Dinamopsiquismo, e evolui do *inconsciente ao consciente*; de maneira que o *Espírito Absoluto* do filósofo alemão e o *Dinamopsiquismo* do metapsiquista francês se nos apresentam como uma mesma entidade metafísica, cujas três fases de *tese*, *antítese* e *síntese* da dialética concordam com a trilogia espírita de *nascer*, *morrer* e *renascer*. Como poderemos ver, o nascimento corresponderia à tese, a morte à antítese e o renascimento à síntese.

Marx inverteu, como sabemos, o sentido original da dialética, acreditando demonstrar dessa maneira que o mundo material é que determina a realidade espiritual. Contudo, os fenômenos metapsíquicos dão razão à interpretação dialética de Hegel, demonstrando que por trás de todo fenômeno material oculta-se um ser *teleológico*, que revela uma presença inteligente e espiritual. Os fenômenos de materializações e desmaterializações julgam o materialismo dialético de maneira terminante. Pois se o *Espírito Absoluto* de Hegel e o *Dinamopsiquismo* de Geley, em circunstâncias especiais, materializam-se e desmaterializam-se, isso demonstra que a realidade material

¹² Geley, *Ensaio de Revista Geral e de Interpretação Sintética do Espiritismo*.

não é a que impulsiona o processo histórico, mas sim a *Ideia* ou realidade espiritual.

Chegamos assim à conclusão de que o determinismo histórico está movimentado por uma causalidade espiritual, cujo motor psíquico é a parte fundamental do Ser.

Tratamos, em seguida, de interpretar a lei materialista dialética de *negação da negação*, que, segundo a filosofia espírita, corresponde ao processo de *evolução da involução*.

Com efeito, quando o materialismo dialético afirma que as coisas são processos materiais, que se transformam e se desenvolvem, não faz outra coisa senão mostrar-nos um processo dialético espiritual, porque, se as coisas são processos, estes confirmam a tese palingenésica do Ser, quando nos explica que é um fator psíquico o determinante da *evolução da involução* (no materialismo dialético: *negação da negação*).

Mas antes de prosseguir, façamos algumas breves reflexões sobre esta teoria, chamada *negação da negação* pela filosofia Materialista dialética.

Para o espiritismo, é o conceito de negação que redundava na desordem, no caos, na morte e no nada. De maneira terminante, a negação não é mais do que a base ideológica do existencialismo ateu. Se tudo isto implica o conceito de negação o materialismo dialético nunca poderá falar de uma verdadeira *negação de negação*, por lhe faltar uma ideologia transcendental, que dê sentido e finalidade à existência e ao Universo.

Sua interpretação da história sempre se faz no conceito de negação, já que sua própria ideologia é uma consequência da negação de toda teleologia espiritual do homem e do mundo. Nenhuma ideia ou sistema que não aceite o espírito, como o expõe a filosofia espírita, poderá aspirar a uma posição verda-

deira ao conceito de negação, visto que este não é mais do que um *encontro com o nada*.¹³

A negação é uma propriedade do Nada, e uma real *negação da negação* só poderá efetuar-se sobre o fundamento da vida eterna e da concepção de um homem infinito. Então, destruir a *negação* nas coisas é trabalho do espiritualismo espírita, e não do materialismo dialético, assentado sobre a ideia do nada e da morte definitiva do indivíduo, isto é, sobre o conceito de *negação*, dentro do qual cabem todas as formas ideológicas que se opõem à vida e à evolução palingenésica.

Se, como afirma a dialética materialista, todas as coisas são *processos*, necessariamente a identidade e coesão das mesmas para que se mantenham, devem corresponder a um *númeno* psíquico, já que não pode; haver processo se não houver antes harmonia no formal. Consequentemente, a matéria, para estar submetida a processos, deve ser conduzida por algo, e esse algo não é mais do que o *Espírito Absoluto* de Hegel ou o *Dinamopsiquismo* de Geley.

O materialismo dialético silencia a este respeito. Não explica nada sobre esse fator essencial, que mantém o processo formal das coisas. E é aqui que a realidade do fenômeno metapsíquico se impõe, e por ele fica demonstrado que o Universo é o que Geley chama *Dinamopsiquismo Essencial*. É este fato que renova a filosofia idealista por meio do perispírito, órgão psíquico do espírito, através do qual o Absoluto de Hegel deixa de ser um puro ideal *sem realidade alguma*, como dizia Geley ao apreciar a dialética hegeliana.

Se todas as coisas são processos, como afirma o materialismo dialético, o próprio homem resultará um *dinamopsiquismo individual*, cuja natureza o revelará como um ser palingenésico. É aqui que se nos apresenta o processo dialético de *tese*,

¹³ Título de um livro de Helmut Kuhn.

antítese e síntese, concordando admiravelmente com a trilogia espírita de *nascer, morrer e renascer*, verdadeiro fundamento da *negação da negação*, ampliada pela tese palingenésica de *evolução da involução*.

Mas, para explicar claramente essa lei dialética, será preciso interpretar o Ser como uma tese essencial que, segundo a filosofia espírita, contém o Universo inteiro, e que começa o seu desenvolvimento no inconsciente das coisas, até chegar, mais tarde, ao grau de consciência. Este estado alcançado pela tese do Ser se transformará mais adiante; no contrário de seu primeiro período evolutivo, isto é, negará sua condição anterior ao penetrar na de antítese, que representa uma etapa mais desenvolvida que a primeira, até situar-se na de síntese, resumo superior de seus dois tempos primitivos e tudo isso nos dará o seguinte: *O presente é o que não existia ontem, mas esse ontem é a negação da qual surgiu o hoje; logo, deste hoje resultará a negação da qual surgirá o amanhã.*

Nisto consiste, pois, a lei chamada *negação da negação* ou *evolução da involução*, a interpretação espírita que nos mostra agora o desenvolvimento palingenésico como um processo dialético do Ser. Assim, vemos como o homem, ao nascer, é uma entidade espiritual de natureza dialética, chamada a desenvolver-se continuamente através do processo histórico.

Pelo exemplo seguinte, vejamos como se desenvolve a lei denominada *negação da negação*:

Tomemos um grão de trigo, o qual representa a tese. Que faremos, para que esse grão de trigo se torne o ponto de partida de um processo de desenvolvimento? Enterramo-lo, e isso determina a etapa de antítese (ou de encarnação do Ser). Que sucederá então? Assistiremos à negação do grão de trigo, para que nasça a espiga. Primeira negação: o grão de trigo desapareceu, mas se transformou numa planta. Esta planta cresceu e

produz grãos de trigo, como é natural e depois morre. Segunda negação: A planta desapareceu, depois de reproduzir o grão de trigo que a originou. Não nos esqueçamos, porém, de que não produziu um só grão de trigo, mas uma grande quantidade, que inclusive poderá suscitar novas qualidades.¹⁴

Transportada a ideia do processo dialético para o desenvolvimento do Ser, vemos que esta *negação da negação* só poderá efetuar-se pela parte psíquica de sua natureza, que permitirá essa transformação. Estes processos dialéticos, que têm a virtude de revelar novas qualidades nas coisas de acordo com a filosofia espírita, explicam o desenvolvimento do *dinamopsiquismo essencial*, mediante a *evolução da involução*, isto é, a essência evoluída, fazendo desenvolver a essência ainda não-evoluída.

O estado de antítese, ou de encarnação do Ser, Geley nolo apresentou do seguinte modo: “Tudo ocorre como se cada existência terrestre, cada objetivação orgânica, ou, podemos dizer, cada *encarnação*, seria para a atividade do Ser uma limitação no espaço e nos meios; seria como uma sujeição a um trabalho limitado e especializado, a um esforço quase exclusivo, em uma única direção.”

Por último, a antítese, ou estado de encarnação do Ser é, como bem disse Geley, um processo de análise. É, acrescentava ele, a subdivisão da consciência em faculdades diversas, e do sentido único em sentidos múltiplos, para facilitar seu exercício e promover seu desenvolvimento.

Como se verá, nesta limitação espiritual aparece o que se chama a etapa de antítese do Ser. Esta antítese consiste em não poder ele recordar o passado nem estender a visão além do físico e, ainda mais, em não dispor das faculdades metapsíquicas que o espírito possui em forma latente. Tudo isto corresponde

¹⁴ A. Thalheimer, *Introdução ao Materialismo Dialético*.

ao que se chama *antítese do Ser*, dado que o mundo físico é como uma negação do mundo espiritual, receptáculo maravilhoso onde o indivíduo guarda todos os valores de sua evolução.

Impulsionado o Ser pelo processo dialético, entrará no seu terceiro tempo: sua existência de síntese. Esta síntese está baseada na dialética da desencarnação ou da morte; representa a reunião de todas as faculdades espirituais numa só; é o que se chama, na linguagem espírita, *estado do Ser desencarnado*. Este estado, disse Geley, constitui uma espécie de produto sintético dos elementos diversos das personalidades anteriores. Em resumo, a desencarnação é *um processo de síntese, de síntese orgânica e de síntese psíquica do Ser*.

É nesta unidade, em que a tese e a antítese do indivíduo se transformam em uma síntese, — que se opera na consciência por causa da desencarnação, — que o espírito se sente em toda a sua plenitude. Porque é nesta síntese que os valores humanos se convertem em valores divinos e onde se reconhece que a raiz de todos os fenômenos sociais e morais está no mundo espiritual.

Nesta análise sobre os três tempos dialéticos do espírito, podemos notar a profundidade da dialética hegeliana, destacando-se, em compensação, a limitação ideológica do materialismo dialético, no que respeita ao homem, ao considerá-lo, como o faz o existencialismo ateu, *um ser para a morte e para o nada eterno*. Entretanto, o marxismo pretende refutar ideologicamente o pensamento existencialista, sem levar em conta que seus princípios estão baseados, também, sobre o *nada do ser*.

Para a filosofia espírita, o processo histórico é produto da ação do espírito e não o resultado dos *modos de produção*; por conseguinte, ela não admite uma evolução exclusivamente material. Esta concepção é também sustentada pela *lógica formal*, na qual os seres e as coisas aparecem em estado imóvel e de repouso. Esta tese, porém, é inadmissível num tipo de materia-

lismo considerado dialético, cuja doutrina sustenta que *as coisas são e não são ao mesmo tempo*, pela razão de que tudo está em perpétua transformação e que o movimento é que dá impulso aos fenômenos materiais. Sobre este ponto, convém fazer algumas reflexões.

Se o movimento da matéria, de acordo com Jorge Plekanov, destacado expositor do materialismo dialético, é a base de todos os fenômenos da natureza, e se as moléculas da matéria em movimento, ao se unirem umas às outras, formam determinadas combinações, que são os seres e as coisas; se estas combinações se distinguem por uma solidez menor ou maior, e existem durante um tempo mais ou menos longo, desaparecendo finalmente, para serem substituídas por outras, e se *o que é eterno é somente o movimento da matéria e a matéria em si como substância indestrutível*, podemos formular as seguintes perguntas: *Que maravilhoso demiurgo é a matéria, para possuir tantas propriedades, e o que é o movimento em si mesmo?*

Do ponto de vista espírita e metapsíquico, a matéria é uma objetivação que se traduz em movimento, mediante uma *perimatéria*, a qual é a força que dá conformação e existência à matéria, mas nunca a matéria em si. O materialismo dialético, ao conceber o movimento como qualidade da matéria, admite a possibilidade de um princípio psíquico, já que o psíquico não é mais do que movimento, como o por ele atribuído à matéria. Daí que a filosofia espírita sustente que não podemos admitir nem o materialismo nem o espiritualismo puros.

Foi Geley quem disse que tudo nos induz a crer que *não há matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria*. Esta é a razão pela qual o espiritismo pode oferecer um campo de reconhecimento entre materialismo e espiritualismo clássico. O mesmo Geley, para confirmar esta asserção, escreveu o seguinte: “Desde o momento em que, na teoria espírita, *espírito, força e matéria* estão sempre juntos e são inseparáveis; e

que não podemos e não devemos supô-los com vida própria e isolados uns dos outros, a doutrina espírita pode ser desde logo admitida, tanto pelos que fazem da inteligência um produto da evolução avançada da matéria, como por aqueles que sustentam não ser a matéria nem mais nem menos do que uma manifestação do espírito.” A força, para Geley, nas duas hipóteses, constitui o princípio intermediário a que chamamos *perimatéria*.

Pelo exposto, deduz-se que a filosofia espírita pode ser aceita, em seu aspecto palingenésico, tanto pelo pensamento materialista como pelo espiritualista, desde que o espírito fosse a causa de um movimento ascendente do Universo. Em consequência, poder-se-ia dizer que o materialismo só é admissível em sua concepção mecanicista, mas nunca do ponto de vista materialista dialético, o qual se baseia na lei do movimento e na dinâmica do Universo, gérmen de uma possível entidade inteligente.

O que não deveriam ignorar os materialistas dialéticos é que o conceito de movimento traz como consequência um conceito idealista da natureza, quando se reconhece o movimento como a origem das formas. O movimento levará sempre a um espiritualismo dinâmico, o que nos faz reconhecer que o materialismo histórico, para permanecer como um verdadeiro materialismo, não devia adotar a dialética de Hegel, já que ela, queira-se ou não, desembocará numa concepção idealista do homem e da vida. A filosofia espírita apresenta ao materialismo dialético uma interpretação nova do espírito, baseada na teoria do perispírito, mediante a qual demonstra a substancialidade do Ser e da Ideia, antes considerados como puras abstrações. Por isso, disse Geley: “A noção do perispírito suprime a grave objeção, feita continuamente ao espiritualismo, quanto à dificuldade de conceber a própria alma sem nenhuma forma definida.”

Com a teoria do perispírito, o movimento, como as formas materiais, resultam numa consequência da vida Universal. Com ela aparece uma teleologia do Ser, sendo a dialética a causa da

expansão psíquica dos seres, e o perispírito o receptor da força e da inteligência. O materialismo dialético não conseguiu jamais explicar como se produz na mente do indivíduo a pantomnésia, isto é, a conservação da individualidade e das recordações. Porque, se o processo dialético é também mental, em virtude de que princípios a memória registra as impressões do mundo exterior e permanece inalterável a consciência do indivíduo? Além disso, que essência misteriosa protege o pensamento, se o movimento o renova totalmente e *tudo é e não é ao mesmo tempo*? Por que, se *ninguém se banhará duas vezes no mesmo rio*, a inteligência continua sendo a mesma, sem esquecer suas aquisições e conhecimentos? Em uma palavra, quem preserva a coesão individual e a memória, se tudo está exposto ao processo dialético?

Eis aqui, pois, os pontos capitais a que o materialismo histórico deverá responder.

O espiritismo pode solucionar o problema, dizendo que o Ser espiritual se mantém inalterável em meio ao processo dialético, devido ao perispírito, no qual se resumem toda a sua inteligência e sua individualidade. O Ser, com efeito, sustenta-se no perispírito, órgão que não pode ser alterado pelas leis do movimento dialético. Como veremos, esta interpretação do homem sobrepuja completamente a interpretação materialista da história. Assim, já não é somente o fator econômico que determina as condições políticas, artísticas, religiosas, e outras da sociedade, pois nelas intervêm também os elementos espirituais. Porque, se a vida espiritual do homem dependesse exclusivamente dos *modos de produção*, não existiriam espíritos com sentido de justiça: a inteligência estaria ao nível das formas imperfeitas da sociedade.

Não obstante, as formas capitalista e socialista são a consequência de estados de consciência, respondendo a dois graus de evolução intelectual e mental do indivíduo. Estes dois graus de evolução deveriam explicar-se pelo estado moral do perispí-

rito, base de todas as sensações do Ser, e pelo maior desenvolvimento palingenésico do homem. Se é certo que os *modos de produção* aperfeiçoam e ampliam a técnica, vemos, entretanto, que os referidos fatores são incapazes de criar no organismo humano novos membros, que o indivíduo pudesse utilizar em seu proveito. Esta impotência dos *modos de produção* permite à filosofia espírita estabelecer a seguinte conclusão:

Se a mão foi o primeiro instrumento do qual se valeu o homem, em sua luta pela existência, este mesmo fato nos indica que é sempre a Ideia, ou o Espírito, que rege a realidade objetiva, por intermédio de um órgão material.

E a isto, para sermos mais explícitos, devemos acrescentar que não foram as forças produtivas da economia que desenvolveram as mãos no indivíduo, mas o próprio poder de materialização do Ser, já que os *modos de produção* em nada alteraram as formas anatômicas do homem. Podemos dizer que as formas orgânicas do indivíduo não foram tocadas pelo processo dialético da economia, o que nos mostra a existência, na natureza humana, de um princípio psíquico que não poderá ser alterado por nenhuma espécie de influências exteriores.

O desenvolvimento ou aparição de asas nas espécies voláteis não tem origem de caráter econômico, mas corresponde apenas a uma finalidade do perispírito desses seres. O aparecimento das faculdades metapsíquicas na espécie humana não se deve tampouco a qualquer tipo de determinismo econômico. Seu desenvolvimento corresponde a fatores espirituais que o homem traz em si mesmo, e que irão aumentando à medida que ele avance através do processo palingenésico.

Entretanto, os fatores econômicos são elementos que podem influir indiretamente sobre o desenvolvimento metapsíquico do homem. Por isso, em seu aspecto social, a filosofia espírita revela um sentido nitidamente socialista. Um povo economicamente desenvolvido, que não se preocupa com a felicidade dos seus membros, não pode ser considerado espiritualmente desenvolvido.

mente pobre não poderá desenvolver com facilidade o sentido psíquico da vida espiritual; não terá oportunidade para isso, visto que a pobreza sempre engendra o raquitismo. O desenvolvimento de qualquer faculdade metapsíquica nos homens e nos povos requer a organização de uma sociedade próspera, no sentido econômico; as nações pacíficas e felizes são as que mais prontamente se aproximam das realidades do mundo invisível.

O materialismo dialético deverá reconhecer que a vida do homem tem uma finalidade transcendental. Desse modo poderia conter, como parece desejar, os erros do existencialismo. Porque, se o homem e o cidadão, a sociedade e a história, não possuem uma *suprema teleologia espiritual*, de nada valerá o esforço para instituir na Terra uma sociedade sem classes. Se o homem, repetimos, é *um Ser para a morte e para o nada*, como o admite o existencialismo ateu, pouco importa que existam ou não classes exploradoras, pois tudo há de terminar na gélida noite do sepulcro. Em compensação, se o Ser é uma individualidade espiritual para a vida eterna, poderão justificar-se as diversas lutas em prol de uma sociedade justa e perfeita.¹⁵

A filosofia espírita, que experimentalmente pode provar a existência imortal do Espírito, é uma vigorosa ideologia que poderá inspirar a todo homem que se sacrifique pelo bem e pela igualdade. Se o materialismo dialético quer enveredar por este novo caminho da filosofia e da ciência, deverá espiritualizar suas conclusões e reconhecer que, nos diversos processos da evolução, todo princípio material tem seu espírito, e todo princípio espiritual tem sua matéria. Desta aproximação entre o material e o espiritual surgirá a mais extraordinária das revoluções, que dignificará o homem, como em nenhum outro período da história.

¹⁵ Os materialistas lutam estoicamente por um futuro que nega o seu objetivismo e os coloca no plano do idealismo. Mariotti acentua essa contradição, dialeticamente resolvida pelo espiritismo. (Nota de J.H. Pires).

Capítulo VI A REALIDADE VIVA DO PENSAMENTO ESPÍRITA

1) Necessidade Ideológica do Estudo da Filosofia

É indiscutível que, para o estudo do Novo espiritualismo, faz-se necessário conhecer os princípios essenciais da filosofia. Mas por que é necessário este conhecimento? Porque o kardecismo está estreitamente ligado à filosofia espiritualista, sem a qual não poderíamos compreender exatamente os valores e o alcance da teoria e prática do espiritismo.¹⁶

Torna-se indispensável o conhecimento filosófico para a refutação com êxito das falsas imputações feitas ao espiritismo, pelas correntes eclesiásticas e materialistas. Mas o que é a teoria filosófica? Segundo o critério geral, é aquela que abrange a própria essência do Conhecimento; sem uma teoria filosófica amplamente desenvolvida na mente e na consciência, será de todo impossível chegar-se a compreender o sentido real da concepção kardecista.

E o que é a prática filosófica? É o ato volitivo de converter a teoria em fatos, mas fatos reais e positivos. Sem a prática filosófica, não haveria uma filosofia objetiva do espiritualismo espírita, nem a ação social e espiritual do kardecismo.

Na filosofia, é indispensável conjugar a teoria com a prática. É necessário que o ideal se aposse do real. Do contrário, haveria desvinculação entre o espírito e a forma, isto é, entre a essência e a existência. Mas é exequível a teoria espírita? Sim, a teoria espírita é exequível, porque é uma realidade espiritual, cuja finalidade é ordenar e transformar a ordem imperfeita da existência, isto é, da sociedade e de toda a humanidade. A prática do espiritualismo, através do kardecismo, é a melhor demons-

¹⁶ Veja-se o nº1, “Espiritismo e Espiritualismo”, na “Introdução da Doutrina espírita”, em *O Livro dos Espíritos*. (Nota de J.H. Pires).

tração da objetividade que se consegue alcançar, com referência à espiritualidade do homem e da natureza. Desta maneira, fica desmentida a negação assacada contra o idealismo pelo materialismo, porém, sempre e quando o idealismo apoiar-se no espiritualismo espírita. É por isso que todo homem ativo deverá conhecer os princípios fundamentais da filosofia, único meio de passar do espiritualismo teórico ao kardecismo prático.¹⁷

2) Em Que se Baseia a Filosofia?

A filosofia baseia-se no conhecimento da essência que informa as coisas, a individualidade e a personalidade do homem. É um método para reflexionarmos sobre a própria existência e a existência dos demais; para observarmos de que maneira essa existência está vinculada ao semelhante e ao dessemelhante, fundando-se especialmente neste fio essencial que unifica a todo o existente. É por meio desta noção ideológica que a filosofia espiritualista se fortifica, mediante o kardecismo, passando a ser uma filosofia prática da realidade. A teoria filosófica se transforma em ação e prática da existência espiritual, única forma de evidenciar a convicção ideológica que emana da realidade espírita. A filosofia se torna prática, além disso, ao demonstrar a essência real do Ser encarnado e do seu espírito imortal, o que ainda se reafirma pelos fenômenos da mediunidade.

3) O método Kardecista Como Fundamento do Espiritualismo Positivo

O kardecismo constitui, no novo desenvolvimento do espírito filosófico, o método racional pelo qual se poderá estabelecer, — como já se vem fazendo, — a realidade do espiritualismo espírita e positivo. O antigo espiritualismo está viciado, como se sabe,

¹⁷ Embora Kardec recusasse a expressão *kardecismo*, por humildade, Mariotti a emprega, como vemos nesta frase, num sentido de objetivação da teoria espírita. Realmente, a teoria objetivou-se através da ação prática de Kardec. (Nota de J.H. Pires).

por crenças e supostos metafísicos que não se conformam com o pensamento científico dos novos tempos. Seu conteúdo é uma mixórdia de ideias sustentadas no passado, que não se apresentam harmônicas nem uniformes. A mentalidade moderna busca uma doutrina baseada na verdade, mas concorde e objetiva em relação ao mundo. O espiritualismo antigo foi apenas um desejo de conhecer o passado, mas nunca poderá aspirar a apresentar-se como uma real filosofia espiritualista, já que sua parte essencial está recoberta por uma carapaça impenetrável.

O espiritualismo positivo nasce, entretanto, com o método kardecista, e se expressa vivamente através de uma filosofia que prepara o espírito, fazendo-o penetrar a fundo nos problemas da existência. Isso se deve ao fato de ser o espiritualismo espírita a consequência natural do fenômeno metapsíquico, cuja realidade fundamentou o conhecimento filosófico da Terceira Revelação. Daí a conclusão de que o verdadeiro espiritualismo deve estar apoiado no método kardecista, pois todo espiritualismo proveniente de tradições e lendas, mescladas caoticamente, não chegará jamais ao grau de veracidade necessária, e não passará nunca de um pensamento espiritual híbrido e desvitalizado.

No antigo espiritualismo predominou sempre, por mais adiantado que se apresentasse, o método eclesiástico e ritualístico, por sua absoluta adesão ao passado. Ao contrário, o espiritualismo espírita é a resultante de uma evolução mental e espiritual do homem. Por isso é que o método kardecista nos leva do espiritualismo ao espiritismo, revelando-nos que este último é a concepção espiritual mais adequada para penetrarmos no conhecimento do Espírito, e como dizia o filósofo e biólogo alemão Hans Driesch, no mundo dos espíritos. O antigo espiritualismo, por não avançar para a concepção espírita, mantém-se em sua ambiguidade filosófica; admite o insustentável, por temor ao espiritismo; mas tarde ou cedo o realismo metapsíquico o fará aproximar-se da concepção kardecista, para transformar-se em espiritualismo positivo.

4) A *Dialética Palingenésica do Kardecismo*

O método kardecista baseia-se na dialética palingenésica do progresso e da evolução, enquanto o antigo espiritualismo se funda numa concepção fatalista, no que respeita à lei de causalidade ou de causas e efeitos. A dialética de Hegel é o grande instrumento com que se pode conhecer o fenómeno palingenésico, a que está sujeito o Ser em sua ascendente evolução. Além disso, é por meio da dialética que se poderá transformar a ideia de reencarnação, que nos vem do Oriente, em renascimento ou palingenesia dinâmica, para a civilização do Ocidente. Sem o método dialético e kardecista, a reencarnação continuará sendo um exotismo oriental, sem ligação nem entrosamento com o processo histórico.

Quem velou sempre, com seu conceito quietista, a reencarnação, foi esse antigo espiritualismo, inspirado, por assim dizer, na ideologia eclesiástica a que já nos temos referido. O kardecismo, ao contrário, apresenta-se como uma consequência das três etapas que presidem à revelação espiritual: a mosaica, a crística e a mediúnica. Como se sabe, a Terceira Revelação é o produto desse espírito invisível que passou através da história, até sintetizar-se no método kardecista, que está elaborando a nova consciência religiosa da humanidade por meio do espiritualismo espírita e cristão.

O professor Asmara, destacado filósofo espanhol, dizia que o *espiritismo dialético* havia nascido no Congresso Espírita de Barcelona; mas os pregadores do espiritismo, posteriores a Denis e Delanne, esqueceram-se desse aspecto original da filosofia espírita, que nada mais era do que a reafirmação do kardecismo. Outro que também realizou uma ampla interpretação dialética do espiritismo foi o nosso compatriota Manuel S. Porteiro, com seu livro *Espiritismo Dialético*,¹⁸ no qual se observa

¹⁸ *Espiritismo Dialético*, de Manuel S. Porteiro, Editorial Victor Hugo, Buenos Aires, 1960, aparecerá também na Coleção Filosófica Edicel. Porteiro e Mariotti participaram do Congresso de Barcelona, em 1934. (Nota de J.H. Pires).

Esse livro, traduzido por José Rodrigues, foi lançado pelo **Pense** em edição digital, em 2001 e pelo CE João Barroso, em formato de livro. (Nota do **Pense**).

como a filosofia espírita determinou a aparição de um espiritualismo positivo, em relação com os fenômenos históricos.

Na ideologia dialética do kardecismo o processo palingênico do Ser revela uma evolução incessante, que nos coloca em novos ambientes espirituais, determinando ainda uma nova visão religiosa para a consciência humana. Com efeito, se o processo dialético da história se interpretasse em sua exata realidade, seria preciso aplicar-lhe o sentido palingênico do espírito, mas recorrendo ao kardecismo, que nos fará ver a intervenção do mundo espiritual no referido processo.

5) Oposição da Ideologia Dogmática ao Kardecismo

A ideologia dogmática coloca-se decididamente contrária ao kardecismo e ao espiritualismo espírita, do que se deduz que essa ideologia está em crise, e que já não resiste ao transformismo espiritual que o método kardecista realiza no social e no espiritual, juntamente com o fenômeno mediúnico, sobre o qual se baseia a realidade espírita.

Se o espiritualismo espírita fosse um erro, não haveria motivos para temê-lo nem para sair-lhe ao encontro. Entretanto, a ideologia dogmática bem sabe que o kardecismo é uma realidade positiva e que avança conduzida pelo Espírito da Verdade. Por isso o enfrenta e combate, tratando de preservar os seus domínios espirituais. Mas o espiritismo proclamou esta sentença histórica: *Os tempos estão chegados*, e isso é o que está motivando um novo ideal nas consciências, ao calor de um novo espírito religioso. Já não haverá uma só ideologia religiosa; futuramente, o ideal deísta será um imperativo da consciência, visto que o aparecimento desse novo espírito religioso não dependerá da exterioridade do indivíduo, mas do fundo de seu inconsciente. Isto quer dizer que o progresso religioso provirá da zona interna do Ser, estando assim no próprio inconsciente do homem o maior adversário da ideologia dogmática.

Oprimir o mundo interno do homem, por meio de ideias já superadas, seria provocar uma rebelião anímica e espiritual, capaz de fazer desmoronar violentamente as antigas formas religiosas. Não se deve esquecer que a opressão do inconsciente significaria, além disso, uma oposição obstinada ao que tem que vir: o novo mundo religioso, que é um mundo do espírito, o que vale dizer que surgirá, apesar dos obstáculos, das profundas raízes do Eu.

Do seu mundo inconsciente dependerá o verdadeiro sentimento religioso do homem. Nesta realidade psíquica do Eu é que jazem os germes da nova consciência religiosa, elaborada, como sabemos, pelo processo palingenésico a que ele está sujeito. Isto nos está indicando que o Ser espiritual não é a consequência do corpo físico: o Eu é a divina essência que avança através das idades, levando consigo todo o saber adquirido. Resulta, assim, num resumo das múltiplas existências vividas pelo espírito. Daí que a Divina Sabedoria surgirá ao desenvolvimento da consciência, sendo o obstáculo principal do dogma o inconsciente do indivíduo, de cujas profundezas surgirá a religião-Sabedoria, que fará vibrar unissonamente com o Universo o corpo psíquico da humanidade.

No mistério interno do Eu radica-se a chave das novas ideias religiosas que vão aparecendo. A psicologia do Ser agora se reestuda através de introspecções e explorações íntimas. Nestes novos tempos, o Espírito está-se libertando das influências dogmáticas, para sentir-se na plenitude de si mesmo. É por essa evolução que o Eu se vai afirmando como independente e individual, livrando-se de falsos instrutores para entrar nas profundas regiões da sua natureza imortal e conseguir, por ele mesmo, a luz e a sabedoria de que tanto necessita.¹⁹

¹⁹ Leia-se o Cap. I de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Com os novos tempos, surge a religião em espírito e verdade, livre de exigências materiais e de sectarismo, como Jesus anunciou à mulher samaritana. João, 4:5-24. (Nota de J.H. Pires).

6) Que é a Filosofia Espiritualista?

A filosofia espiritualista do kardecismo é a prova fenomenológica da realidade espiritual do espiritismo. Não nos esqueçamos de que o espiritismo é o clímax da filosofia espiritualista, e que se apóia positivamente no método kardecista. Sem espiritismo, o espiritualismo resulta numa utopia filosófica; mas, como o espiritismo, os seus princípios se nutrem da realidade espiritual. De maneira que todo espiritualismo filosófico, que aspire a objetivar sua ideologia, deverá apoiar-se no espiritismo e em seu método kardecista.

A verdadeira filosofia espiritualista é uma consequência iniludível do fenômeno espírita e metapsíquico, constituindo uma interpretação normal e supranormal do homem e do Universo, se é que não abandonamos a lógica irrefutável do kardecismo.

7) Relações Entre o Espiritualismo e o Kardecismo

A realidade do espiritualismo deverá basear-se na objetividade filosófica; sem esta objetividade o espiritualismo será uma metafísica irreal, com vida temporária. Se é certo que se relaciona subjetivamente com o homem, sem objetividade não penetrará no âmbito real do Ser e por essa razão terá de assimilar o kardecismo, um dos melhores métodos para reconhecer a realidade existente nas diversas utopias espirituais. Repetimos que o espiritualismo só se afirmará quando se transformar em espiritismo e se afastar das nebulosidades metafísicas.

A filosofia do kardecismo é um método lógico para captar a realidade espiritual do mundo. Disto se deduz que o Espírito imortal está demonstrado pelos mesmos espíritos comunicantes, que têm expressado o seguinte entimema: *Existo: logo, o*

nada não existe.²⁰ Por conseguinte, qualquer espiritualismo dogmático, que não esteja demonstrado por esse realismo mediúnico-comunicante, está viciado em suas bases e se acha frente à possibilidade de ser anulado pelas ciências materialistas. Pelo contrário, no espiritualismo espírita existe uma certeza racional, um idealismo lógico e objetivo, cujo testemunho favorável se encontra na comunicação espírita. Por isso, o método kardecista é o resultado de uma experiência metapsíquica do fenômeno mediúnico.

O espiritualismo espírita, condicionado pelo kardecismo, é a resultante de uma verdade substancial emanada do próprio processo evolutivo da inteligência. Esta é a razão de suas sólidas bases ideológicas, e porque resiste filosoficamente às contradições da existência.

8) Transformação do Fenômeno Mediúnico em Comunicação Espírita

A tríade dialética constitui o método sobre o qual se baseia a filosofia palingenésica do kardecismo. O fenômeno mediúnico veio confirmar o antigo conceito de Heráclito: “Tudo passa e se transforma”, pois a matéria, ao ser movida pelo referido fenômeno, revelou o estado vibratório do mundo atômico e a possibilidade de sua fusão nuclear.²¹

Esse primeiro efeito do fenômeno mediúnico resultou realmente extraordinário, visto haver determinado a transformação do espiritualismo em espiritismo. Esta transformação dialética determinou, por sua vez, uma evolução do sentido espiritual da filosofia. O espiritualismo dogmático possuía apenas um vago sentido do Espírito. Com o fenômeno mediúnico e a ação dos *espíritos comunicantes*, transformou-se em espiri-

²⁰ Allan Kardec, *A Gênese*, cap. I.

²¹ Vejam-se as pesquisas de Friedrich Zollner, em *Provas Científicas da Sobrevivência*, Coleção Científica Edicel, 1966. (Nota de J.H. Pires).

tismo, isto é, produziu o enlace e a relação entre o visível e o invisível. Com o kardecismo, essência pura da filosofia espírita, revelou-se a influência do mundo dos espíritos sobre a história e a natureza.

O fenômeno mediúnic foi considerado, desde o início, como perigoso pelo espiritualismo dogmático. Não obstante essa apreciação, ao lado do mesmo se fez presente um *númeno* espiritual que, com a dialética kardecista, expressando: *Todo efeito inteligente possui uma causa inteligente*, trocou o seu primeiro sentido de *fenômeno* pelo de *comunicação*. Foi desta maneira que se teve consciência da mensagem dos espíritos, os quais fundaram o método kardecista do espiritualismo.

Com o fim de refutar os erros e contradições do materialismo, o fenômeno mediúnic continua sendo uma necessidade. Mas, nos tempos atuais, é justamente avaliado como uma evolução para a revelação e comunicação dos espíritos superiores. Esta etapa alcançada pela mediunidade corresponde a um grau superior da consciência religiosa e filosófica da humanidade. Por isso é que o espiritualismo espírita é como uma síntese de todo o antigo espiritualismo, depurado e renovado pelo kardecismo.

A única esperança do espiritualismo dogmático, de vencer o espiritismo, consistia em mostrá-lo como uma causa do demônio, à base da irrealidade da comunicação dos espíritos. Mas o caso é que esta comunicação ou revelação se acentuou cada vez mais, a ponto de se tornar impossível contê-la e proscrevê-la. Sua constante e crescente atualização está mostrando, aos antigos espiritualistas, que o espiritismo não é uma invocação dos mortos pelos homens, como eles o afirmavam até há pouco, mas um chamado espiritual dos mortos ao homem, para que este se faça consciente da realidade do além-túmulo e da ligação constante que existiu, existe e existirá sempre, entre o visível e o invisível.

9) Do Espiritualismo Inconsciente ao Espiritualismo Consciente

O espiritualismo inconsciente, adequada definição do espiritualismo dogmático, foi superado pelo kardecismo, isto é, pela forma consciente do novo espiritualismo expresso na filosofia espírita. Gustave Geley confirmou cientificamente o kardecismo, este notável método que permitiu a transformação do espiritualismo em espiritismo. A partir desse momento, a consciência espiritual do homem se fez consciente de sua ideologia espiritualista, que se afastou inteiramente das velhas crenças religiosas. Assim se une o Ser com a grandeza do Universo, sentindo-se ator consciente no grande processo da evolução, e reconhecendo que Deus está presente e atua no próprio seio do Cosmos.

Pelo espiritualismo consciente, seu ideal filosófico se ajusta com a amplitude do Universo: o homem encara a Terra como uma estação de parada, mas sabendo que no espaço existem outras, onde ainda voltará a deter-se, para recolher novos ensinamentos que auxiliem o desenvolvimento de sua natureza divina, e assim prosseguir em sua carreira infinita.

Podemos dizer que o espiritualismo consciente é uma consequência do método kardecista, que une o Espírito com a vida Universal e o maravilhoso Plano Divino, sob cuja influência se desenvolve a evolução palingenésica dos seres e das formas.

Capítulo VII

RUMO AO ESTADO METAPSÍQUICO

Se é possível que o espiritual exista na natureza humana, sua descoberta só poderá obter-se mediante a exploração extrassensorial, segundo a prática da parapsicologia. O raciocínio metafísico e teológico já não convence o espírito crítico da idade atual. Daí que Leconte du Nouy expressava acertadamente: “*Não podemos combater os tanques com a cavalaria, nem os aviões com arcos e flechas. Utilizou-se a ciência para solapar os fundamentos da religião. Devemos empregar a ciência para consolidá-la.*”²²

A parapsicologia não é uma evasão da realidade material; pelo contrário, é uma tomada de posse dessa realidade, para transformá-la em outra, mais lógica e firme, mediante o descobrimento do *númeno* que a anima. É indubitável que esse espírito que rege a realidade visível será conquistado pela investigação parapsicológica e mediúmica, desde que, por temor às conclusões da verdade espiritual, não se detenha na periferia do Ser.

Apesar das reservas que se adotem, para que a parapsicologia se abstenha de *toda hipótese que transcenda o domínio estritamente científico*,²³ abre-se ante ela uma zona extracientífica que tem relação com o que se pode chamar *o ser transcendente do homem*. De maneira que manter a parapsicologia nessa ordem psíquica que se assenta apenas *em atividades e funções do psiquismo humano*, segundo deseja Robert Amadou, é não reconhecer a possível razão que assiste ao filósofo parapsicológico, em favor da imortalidade da alma, quando se defronta com essas tremendas realidades metapsíquicas que apresentam os fenômenos supranormais, como são as materializações de seres vivos, comprovadas e admitidas pelos maiores sábios da humanidade.

²² Leconte du Nouy, *O Destino Humano*.

²³ *Revue Metapsychique*, R. P. Reginaldo Omez, 1950.

O experimentalismo crítico e analítico das ciências parapsicológicas será o único fator positivo que deterá a ação demolidora do materialismo. Não nos esqueçamos de que o chamado realismo marxista é mais poderoso que os milagres e as apelações da teologia. Acreditamos que os únicos elementos espirituais, que poderão salvar o sentido religioso do homem são as realidades do fenômeno espiritista, acompanhadas pelos esforços experimentais da parapsicologia.²⁴

Nos tempos novos, já não se trata de conformismo nem de crenças sem provas: esta atitude será agora a de uma parte mínima da humanidade, mas nunca a dessa maioria ateísta e anti-espiritualista que nega enfaticamente hoje o que aceitou até ontem de maneira cândida. Se é certo que existe uma necessidade de crer, o desenvolvimento mental do homem exige novo modo de aceitar as crenças: aspira a crer sobre as bases de um seguro realismo religioso, sem temor de enganar-se.

Contudo, os chefes das diversas igrejas existentes, em vez de acatarem como uma realidade escatológica o espiritismo, combatem-no em nome do Diabo, sem perceber que estão desperdiçando uma das melhores oportunidades para refutar com ele as consequências do materialismo.

Se é certo que o período atual da parapsicologia é o que corresponde à *era biológica*, segundo o critério de Joseph B. Rhine, a partir de agora devíamos considerar a necessidade de inaugurar a *era ontológica da parapsicologia*. O problema do Ser, tão estudado no presente, através do que a filosofia deno-

²⁴ O fato básico de deixar estabelecida a realidade de *psi* envolve um princípio de grande significação, aplicável a este problema da sobrevivência espiritual. Pois se não houvesse nenhuma evidência de algo que transcenda as leis físicas, se não houvesse nada que desafiasse os limites da interpretação mecanicista do homem e do mundo vivente, não valeria a pena pensar ainda no problema da sobrevivência. (*Revista de Parapsicologia*, nº 2 - ano 1955).

mina *Conhecimento do homem*, exige do trabalho parapsicológico a demonstração de novas noções ontológicas, que possam *tapar a brecha*, segundo Rhine, observada na natureza. Essa brecha é, indubitavelmente, o mistério do homem, isto é, a dramática questão apresentada pela filosofia existencial com respeito ao sentido do Ser, relegado apenas à náusea, à angústia, ao nada e à morte.

Que é o homem? Que somos? De onde viemos? E para onde vamos?

Eis aqui as apaixonantes questões que merecem uma resposta categórica.

Francisco Romero, um dos maiores filósofos argentinos, referindo-se ao tema do homem e à posição da filosofia em face desses problemas, escreveu o seguinte:

*“O que a presente situação carece exigir da filosofia é uma definição precisa e concreta do homem, uma especificação nítida de sua posição no conjunto e do sentido de sua vida, de acordo com os mais firmes resultados do pensamento e da experiência psicológica e histórica: em suma, uma noção do homem, mais minuciosa, exhaustiva e terminante do que as proporcionadas até agora.”*²⁵

Como vemos, a necessidade espiritual de um conhecimento definitivo do homem está no íntimo de todos. A filosofia, mais do que em nenhuma outra época, aspira a solucionar o problema do homem. O Ser continua sendo um problema metafísico e religioso, apesar de tudo o que foi dito até agora. A situação dramática em que se acha a filosofia torna-se mais desesperadora à medida que as teorias, hipóteses e *petições de princípio* se vão acumulando. Não esqueçamos que são nume-

²⁵ Miradas Sobre el Hombre, *La Nación* - Buenos Aires, 1950. (Edição de 21 de março).

rosos os sistemas e as ideologias filosóficas e religiosas que pretendem interpretar o homem. Não obstante, nenhuma dessas formulações se mostrou capaz de derrotar esta sinistra concepção materialista do mundo: a filosofia do nada. Em outras palavras, o fúnebre sentido desta definição do existencialismo niilista: *o homem, é um ser para a morte eterna.*

O filósofo alemão Fritz J. Von Rintelen, num belo trabalho, exprimiu-se assim: “*Nenhum sentimento já evoca a Deus, mas tão-somente ao Nada.*”²⁶

Esta conclusiva afirmação reflete o verdadeiro sentir dos tempos novos. Já não se trata de afirmar a realidade espiritual do homem e da existência, mas procura-se matar o homem, levá-lo ao suicídio, através de um existir fundado no nada. A impressão que se poderia ter é a de que um demônio negador se alojara na mente humana, procurando apenas destruir o Ser espiritual que a anima.

De acordo com o setor materialista da humanidade é mais racional, e até mais científico, dizer que o homem morre para sempre, do que supor que viverá eternamente, na vida do espírito. Parece que, para o homem moderno, seria preferível ser pó ou nada a ser espírito imortal. E, segundo outros argumentos, é mais moral e até mais natural morrer para sempre do que viver eternamente.

A disputa suscitada pelo existencialismo, entre essência e existência, seria facilmente resolvida se a filosofia e a religião levassem em conta as manifestações espirituais dos fenômenos metapsíquicos e parapsicológicos.

Jean-Paul Sartre, em *O Ser e o Nada*, esforça-se por fazer prevalecer o Nada sobre o Ser ou a essência espiritual do homem.

²⁶ *Lá Mística de la Muerte y la Filosofia Contemporanea*, Critério, Buenos Aires, n.º 1.117.

Vemos em suas páginas que o nada foi convertido em valor filosófico, para sustentar a morte eterna e definitiva do indivíduo. Mas não devemos espantar-nos com essa valorização do nada, já que, segundo a bíblia, Deus fez o homem do nada. Consequentemente, esse instinto do nada existencial ressurgiu com o existencialismo ateu, em forma catastrófica, do inconsciente da espécie, levando de roldão o ético e toda a finalidade transcendente do homem e do Universo.

O Nada, para Deus, era um valor criador; por isso, diz a bíblia que o Criador fez o mundo surgir do nada. Daí se conclui que o Ser e o mundo, como afirma o existencialismo niilista, estão condenados ao nada, o que vale dizer que esse existencialismo, não obstante seu rigoroso ateísmo, é uma filosofia vinculada a Deus e à bíblia.

A metapsíquica e a parapsicologia descobriram, entretanto, que o nada não é real; comprovaram que na vida social existe o que Richet chamou de inabitual, e que os fenômenos transcendentais desse campo revelam uma teleologia, tanto para o Ser como para a civilização. A metapsíquica prova que o mundo objetivo pode descentralizar-se, para que a essência psíquica se manifeste na vida espiritual da humanidade. Além disso, estabeleceu que a *existência* não é atributo exclusivo do homem e do seu mundo, mas que o *existir* é próprio de outros seres e entidades inteligentes, situados no mundo invisível que nos circunda.

A decadência espiritual do homem e da cultura contemporânea reclama a colocação de problemas metafísicos e sociais, com o objetivo de alcançar novas interpretações da existência mais edificantes para o destino do espírito encarnado. Chegou a hora de uma *metapsíquica existencial*; resistir a isso é deter a marcha das verdades espirituais. Charles Richet, provando este fato singular e dramático da evolução, declarou: “*Amanhã, talvez a*

*metapsíquica terá o direito de elevar-se mais alto, nos rumos de uma moral, uma sociologia e uma teodiceia novas.”*²⁷

Com efeito, a lei dos três estados, de Augusto Comte: *o teológico, o metafísico e o positivo*, permite-nos acrescentar agora um quarto estado: *o metapsíquico*. Desta maneira poderíamos inaugurar uma nova forma de conhecer as três grandes manifestações da história: a sociedade, o Espírito e a divindade. Acreditamos que o melhor campo de investigação metafísica é o próprio homem, porque nele está presente esse quarto estado, que Comte não chegou a conhecer: *o estado metapsíquico*. Mas esse campo, para ser efetivo, deverá entrosar-se com a interpretação espírita do homem e da vida, já que nesta se acha o fundamento filosófico, teosófico e religioso da continuidade do Ser.²⁸

²⁷ *Tratado de Metapsíquica*, Charles Richet, pág. 37, edição espanhola, 1925.

²⁸ Na *Revista Espírita*, de abril de 1858, Kardec aceitou a sugestão de um correspondente de acrescer à *lei dos três estados*, de Comte, o *estado psicológico* da evolução humana, iniciado com o espiritismo. O autor renova essa proposição, como vemos, com outra denominação. Essa coincidência e o desenvolvimento atual das pesquisas psíquicas, mostram que Kardec e o correspondente da “Revista” estavam certos. O leitor pode verificar o fato no volume I da coleção da “Revista”, lançada pela Edicel. É o editorial do número de abril, intitulado: “Período Psicológico”. (Nota de J.H. Pires).

Capítulo VIII PERSPECTIVAS DE UM HOMEM INFINITO

O tema referente a um homem infinito é o mais apropriado para dar-nos a certeza de que a humanidade, a história e o Planeta possuem em si mesmos uma finalidade que ultrapassa as aparências do existir quotidiano. Porque existir como um *homem medíocre* seria insuportável, do ponto de vista moral; viver como um *homem impotente* seria desesperador; e vegetar como um *homem estúpido* estaria em desacordo com a superioridade de quem conseguiu a desintegração atômica. Mas, em compensação, *existir* e ser um *homem desconhecido* já é algo e nos dá o direito espiritual e humano de ser alguma coisa, frente ao singular mistério do mundo. Antes que *medíocre, impotente e estúpido*, é preferível para a inteligência humana ser um *homem desconhecido*,²⁹ já que dentro dessa condição há sempre a possibilidade de uma sorte ou uma descoberta nova, que faça do homem uma entidade superior, com vistas

A existência do ser humano vale muito pouco, se a razão do seu existir está unicamente em sua efêmera vida física e no ato mecânico de vestir-se todos os dias. Se o homem é apenas um Ser que come e faz negócios, então não haverá palavras para condenar sua insípida natureza e sua frágil existência.

Mas é que *existir*, ser homem, ou melhor, ser humano, é pertencer a um mundo superior, onde não existam as contradições terrenas. O homem, de acordo com a realidade espírita, leva em si mesmo o poder de transformar-se em algo mais que

²⁹ Títulos dos seguintes livros: *O Homem Medíocre*, José Ingenieros; *O Homem Impotente* e *O Homem Estúpido*, Charles Richet; *O Homem, Esse Desconhecido*, Alexis Carrel.

uma pessoa de bons costumes. Seu instinto está divinizado pelo fogo criador das mais belas aspirações cósmicas, e sua mente pode intuir, ao calor de seu próprio ser espiritual, o imenso destino que se oculta no fundo desse *homem desconhecido*, isto é, em sua natureza supranormal, ainda não explorada pela antropologia Filosófica.³⁰

Existir como ser humano, e no *humano*, é possuir um alto sentido teleológico, que sem dúvida alguma dará fim ao *homem medíocre*. Não esqueçamos que a vida possui particularidades que revelam a grandeza criadora do homem, mesmo que a cultura, confundida por enganosas aparências, queira ainda ignorá-lo. E é por esse engano que triunfa o inócuo saber das coisas fugazes, intranscendentes e mortais.

A força existencial do homem radica na sua própria finitude, pois nela se encontra a raiz de toda a sua virilidade social e espiritual, já que ser, — existir no eterno e para o eterno, — é a única maneira de existir para elaborar a mais poderosa ética criadora.

Na ideia da sua própria finitude radica todo o pessimismo, pois ela engendra no homem uma tristeza impossível de eludir, e é com ela que se afirma o conceito materialista da vida. O triunfo do mundo material sobre o espiritual tem como causa a noção imanente da existência, a qual, por um reflexismo ideológico, absorve todo o *ser vivo* do indivíduo.

A finitude da pessoa humana foi o que determinou a morte dos valores espirituais: e se coube realmente à alma humana, como quer o existencialismo, uma *sorte cega*, não pode haver existência infinita, eternidade, nem mundo dos espíritos. Com tal critério, Deus não seria mais que uma en-

³⁰ O conceito de existir, nas filosofias da existência, corresponde a um viver consciente, ativo e criador. Os animais vivem, apenas, mas o homem existe. É também esse o conceito existencial na filosofia espírita. (Nota de J.H. Pires).

tidade para gerar a morte e determinar a de todo ser existente, e não um Ser para criar a vida eterna da alma e com ela a divina verdade.

Se o homem levasse consigo a morte como uma enfermidade, isso se deveria à inexistência de Deus e de qualquer outro poder supratemporal, que pudesse preservá-lo de tão aterrador destino, como o do nada. Daí que, se no *homem desconhecido* se conseguisse descobrir apenas um sinal de sua própria infinitude, o mundo adquiriria imediatamente um sentido espiritual e a existência de Deus se tornaria de fácil demonstração. Se o homem é e existe dentro do Infinito, o Criador também existirá em sua própria infinitude e, como é lógico, com maior profundidade espiritual que o ser humano.

Desta maneira, a imagem divina que se oculta no *homem desconhecido* seria o fator especial que daria infinitude à pessoa humana e a força necessária para vencer os obstáculos antidivinos do mundo. O homem infinito aparece assim como um desdobramento do poder criador que emana de Deus; essa força possui em si mesma a substância do eterno; daí que poderá perdurar infinitamente, apesar de todas as catástrofes espirituais e geológicas que se sucedam na Terra. Assim, a morte se transforma num fato relativo, circunscrito ao material, e seu aspecto negativo, tão temido em todas as idades da humanidade, se esfuma, e sua sombria face se renova, transfigurando-se.

A existência real de um homem infinito é a única possibilidade de um mundo do Espírito e dos valores morais, pois espírito e valor, sem a existência infinita do Ser, seriam duas irrealidades: significariam morrer ou estar morrendo a todo instante, mesmo quando se estivesse em plena euforia da vida.

O homem comum acostumou-se, por meio de culturas niilistas, a considerar a vida como coisa limitada pela sua

própria impotência e, assim, a única ética que impulsionou a natureza humana foi sempre a ideia de uma finitude fatal e aniquiladora. Este conceito do Ser alcançou grande divulgação; mas os seus corifeus se esqueceram de que ele leva dentro de si mesmo o *homem desconhecido*, cujo poder supra-normal pode vencer, em circunstâncias especiais, as leis conhecidas da natureza. Contudo, esse *homem desconhecido*, em vez de ser buscado pelo moderno quefazer filosófico, foi posto à margem, para, ao revés, aprofundar-se o estudo do *homem medíocre, estúpido e impotente*, que já não está em concordância com as novas dimensões de um Universo cheio de espírito imortal.

A cultura filosófica e a civilização preferiram um *homem impotente*; e por isso não descobriram em sua alma as origens pré-universais e preexistenciais, que se escondem em seu profundo mistério pessoal. Acreditou-se num tipo de indivíduo de criação espontânea, em um ser originado nos abismos do nada; e assim ignorou-se que *o homem, esse desconhecido*, vem de alguma parte e se encarna na realidade material, para transfigurar-se a si mesmo e avançar continuamente para o futuro.

São chegados os tempos de reconhecer que o homem possui um secreto recurso, com o qual pode abrir as portas da história. Mas não para ver o seu cadáver e os de seus antepassados, nessa fúnebre sucessão que sugere, como único fim da pessoa humana, — a morte. Não; a história, ao abrir seus misteriosos portais, mostrará ao Ser as múltiplas imagens que lhe pertenceram, ora fúlgidas, ora cambiantes, todas elas sintetizadas em seu rosto presente, divina figura de sua própria infinitude. É de supor-se, então, que o homem regresse de um remoto existir, com um espírito vigoroso e profundo, para vencer o *homem-que-morre*.

Vemos, assim, que o homem se valoriza, quando se rebelou contra a sua própria finitude. Nietzsche teve grandes vislumbres do *homem infinito*, mas aniquilou-se a si mesmo, quando pretendeu desafiar a divindade espiritual do Nazareno. Ao contrário, para o saber espírita, o homem criador e infinito se engrandece como Jesus, em sua natureza finita, para dar vida e eternidade a quem está morto de tanto pensar na sua própria finitude.

Um conhecimento exclusivamente natural é um saber que redundará, iniludivelmente, na impotência e na finitude. Por meio de um saber terrestre, o homem só cultiva e reafirma o seu angustiado conceito niilista, isto é, alimenta a sua mente inferior com o nada, para logo aniquilar-se com ela. Mas o infinito criador que se aloja no mais profundo do *homem desconhecido*, se resiste a esse conhecimento natural, em seu anseio de viver no eterno, nutre-se daquilo que não vem da impotência e da morte, mas da substância divina, para ser e existir dependendo de Deus.

Se o homem continuasse pensando em sua própria finitude, não há dúvida de que a civilização terminaria na mais terrível das catástrofes espirituais. Porque, se o *homem-que-morre* é quem deve reger o desenvolvimento humano, tudo será relativo e tenderá a malograr com a ideia do nada. Não haverá nenhum valor espiritual que se salve da morte definitiva. O homem finito, com seus afetos e aspirações, resultará em tragédia e fatalidade.

Se o destino do homem fosse viver somente para o Nada, isso indicaria, não a perpetuidade do *homem medíocre* ou *impotente*, mas o existir do *homem estúpido*, que se alucina a si mesmo por meio de algumas ilusórias comodidades materiais. Este modo social do existir representaria uma morte antecipada, ainda que o Ser não conseguisse ter consciência do fato.

De todos os heroísmos espirituais, o mais belo é o que se opõe ao nadificar do homem. O nada é uma enfermidade contraída pela espécie e que ainda se mantém como incurável, mas já se aproxima o tempo de sua cura total: a medicação necessária já está ao alcance do Ser. Contudo, essa massa formada de *mediócras, impotentes e estúpidos* opõe-se à cura de tão perigoso mal: prefere ser um tipo de homem atacado de finitude e voltado para o Nada.

Esta repulsa do eterno, tal como a apresenta a filosofia espírita, poderia explicar-se pôr um temor ao futuro. É por isso que o homem comum nos dá a impressão de carecer de forças morais para enfrentar o futuro. Vencido pela impotência psíquica, só procura aniquilar-se, mas vivendo com a maior fruição possível o seu instante presente, única vida, segundo ele crê, do seu mortal existir.³¹

³¹ Quando Mariotti cita o exemplo de Jesus, que, sendo “criador e infinito, se engrandece em sua natureza finita”, dá ao leitor um caso concreto, que mostra a dupla natureza humana: a infinitude do espírito na finitude da encarnação. Esses dois termos, *infinitude e finitude*, são de uso filosófico, mas bem compreensíveis. — O emprego que Mariotti faz do termo existir, referindo-se ao homem inferior, parece contrariar o conceito existencial desse termo, mas espiriticamente é admissível, pois o homem, na conceituação espírita, é sempre um existente, não podendo renunciar a essa condição humana. — A referência ao “temor do futuro”, no caso da “repulsa ao eterno”, lembra uma recente teoria do prof. Rémy Chauvin, da Escola de Altos Estudos de Paris, sobre a existência de uma lei de “alergia ao futuro”, no campo científico, responsável pela repulsa às novas descobertas. Veja-se o volume de *L'Encyclopédie Planète* intitulado *Nos pouvoirs inconnus*. — A palavra *existente* é da terminologia existencialista para designar o homem como um ser que tem consciência de existir. (Nota de J.H. Pires).

Capítulo IX

A IMAGEM DO HOMEM NO FENÔMENO METAPSÍQUICO

Na ocorrência metapsíquica chamada materialização existe algo mais do que um fenômeno: temos a imagem do homem e a face espiritual de sua individualidade. Não olvidemos que se esse fenômeno não tivesse uma raiz que mergulha no eterno, não revelaria, como sempre o faz, uma imagem e uma face espiritual. Seria constituído apenas de representações amorfas ou formações de figuras caprichosas, alheias à representação humana. Entretanto, no fenômeno metapsíquico, sempre se manifesta a imagem do homem, tão real e viva, que fala, sente e ama.

Que demiurgo caprichoso se compraz em manifestar-se nesse fenômeno, não através de loucas fantasmagorias, mas revelando-nos um homem vivo, com a sua própria imagem e natureza? A esta pergunta podemos responder que: se na materialização metapsíquica se apresenta a imagem humana, isso nos fornece a razão para repelirmos as doutrinas do materialismo e estabelecermos os lineamentos de uma biologia da alma, de uma nova concepção filosófica sobre o destino do Ser e da existência.

O fenômeno de materialização metapsíquica representa um chamado ao sentido metafísico dos novos tempos. Omitir essa manifestação seria retardar o progresso da antropologia, de maneira que os interesses de sistemas ou de seitas não deveriam prevalecer frente a um fenômeno que tão fielmente nos revela a imagem do homem e de seu espírito. Entretanto, essa espécie de traição ao homem espiritual foi consumada pelos próprios “estudiosos” da metapsíquica, temerosos de serem considerados espíritas.

Não obstante, a fenomenologia metapsíquica exige do filósofo uma nova definição do homem, pois a sua inegável rea-

lidade nos permite afirmar que o ser humano é algo mais que um fato fisiológico. Para a filosofia espírita e o realismo metapsíquico, o homem é um dinamopsiquismo que ultrapassa a representação física do organismo, ainda que a idiosincrasia universitária, de caráter acomodatório, prefira uma metapsíquica fisiológica, como a de René Sudre.³²

Mas não é para isso que o fenômeno metapsíquico nos mostra o seu mundo de aparições e desapareções, esse conjunto de fatos que estão revelando, com toda clareza, que o Espírito ultrapassa os centros nervosos e que possui um mundo espiritual independente das circunvoluções cerebrais.

Onde a metapsíquica se mostra grandiosa e co-movedora é precisamente quando nos revela a imagem do homem, viva e materializada, como se regressasse de um longínquo país. É então que se evidencia, num fato supranormal que revoluciona todo o mundo conhecido da natureza, que a sua origem não é natural, como à força o querem biólogos, filósofos materialistas, e até certas correntes espiritualistas. Olvida-se que a metapsíquica nos oferece uma visão nova do homem e do Universo, apresentando-nos ainda outras conclusões metafísicas e

Com esta visão, o homem se nos apresenta como um poder psíquico que incide sobre a sua própria morte, para superá-la, como um ser dotado da natureza imortal. Esta superação espiritual da morte, pelo homem, é a razão fundamental do fenômeno metapsíquico; por isso, a imagem do homem está presente em sua manifestação. Não esqueçamos que a fisionomia humana não se manifesta em nenhum outro fato da natureza. Assim, se a metapsíquica no-la revela, é porque persegue

³² A posição metapsíquica de Sudre, vigorosamente refutada por Ernesto Bozzano, renova-se atualmente na parapsicologia, Os próprios trabalhos de Sudre estão sendo reeditados, no interesse de refutar as conclusões extrafísicas de Rhine. (Nota de J.H. Pires).

algum propósito extraordinário, através do *númeno* que a conduz e a determina.

William Crookes viu um espírito em carne e osso; viu um Ser quase ressuscitado, que falava com os vivos e dava o nome de Katie King. O sábio inglês tocou sua carne e sentiu que era viva, real e quente, o que levou o grande fisiólogo espanhol Jaime Ferrán a dizer, referindo-se às materializações: “Temos de confessar que estas materializações constituem o grande enigma da metapsíquica. O fato de aparecerem formas de contornos vagos, dotadas de uma luminosidade especial, que acabam por adquirir o aspecto de órgãos, membros e até de figuras humanas completas, que falam, movimentam-se e respiram, exalando ácido carbônico; que têm pulsações arteriais, um coração que bate e a temperatura normal; que se desvanecem na presença dos espectadores e que, ainda quando seguradas firmemente, se esvaem sem deixar o menor vestígio; ninguém poderá negar que realmente constitui um grande mistério.”³³

Crookes comprovou também que essa materialização metapsíquica tinha sangue de imortalidade,³⁴ e que a imagem humana de Katie King era tão positiva e real como se não procedesse do outro mundo.

Mas por que a teologia, a teosofia hindu e os sistemas espiritualistas negaram a espiritualidade e a realidade desse assombroso fenômeno? Por que negaram a prova da existência imortal do Espírito, quando a tiveram diante dos olhos?

Acreditamos que a negaram porque se haviam esquecido das próprias aparições de Cristo depois da morte, essas divinas manifestações do Espírito de Jesus, que inauguraram para sem-

³³ Do prólogo ao *Tratado de Metapsíquica*, de Charles Richet, edição espanhola.

³⁴ “Sangue de imortalidade”, expressão vigorosa com que o autor se refere à natureza humana do fenômeno. (Nota de J.H. Pires).

pre, diante da humanidade e da história, a relação permanente entre os vivos e os mortos, como um prenúncio do que seria a ciência espírita do futuro. Assim, as ciências espirituais que não aprovam as manifestações de entidades invisíveis tornam-se superficiais e falíveis, divorciam-se das antigas modalidades do cristianismo.

A investigação metapsíquica racionalizou a busca da imortalidade da alma. Aplicando-lhe o método científico, transformou em matéria experimental o que antes se considerava exclusivamente como sobrenatural ou pertencente à especulação teológica. Deste modo, o que se acreditava ser do domínio religioso passou para o domínio científico; conseqüentemente, a razão pode agora buscar uma nova fé, através dessa “teologia experimental” a que se referiu Jaime Ferrán, ao tratar da obra metapsíquica do professor Charles Richet.

O organismo humano, segundo a metapsíquica, possui um dinamopsiquismo que não depende dos centros nervosos. É por isso que a velha teoria do paralelismo psicofisiológico se desmorona ante a *terrível metapsíquica*, pois esta revela fenômenos decisivos a respeito, que constituem verdadeira contribuição de um grande *númeno* espiritual, encarregado de espiritualizar o conhecimento humano. Segundo as provas metapsíquicas, o Ser é uma força divina que dirige e condiciona o seu próprio desenvolvimento orgânico e espiritual, submetendo-se para isso à maravilhosa lei dos renascimentos.

As teorias puramente naturalistas passam assim a ocupar um lugar secundário, já que o conhecimento metapsíquico dota o homem de um novo sentido filosófico e religioso. A ideia está recobrando sua primazia na ordem do conhecimento, mas com acento revolucionário, pois o idealismo da metapsíquica não se parece em nada com o velho idealismo escolástico. A filosofia idealista que emerge dos fatos sobrenaturais vem confirmar o caráter dinâmico e revolucionário do espiritismo. Em

consequência, o homem metapsíquico é totalmente diferente do homem materialista, tendo possibilidades de ampliar os sentidos humanos e até mesmo de dotar a espécie de órgãos psíquicos que modificarão as atuais noções de tempo e espaço. Os cinco sentidos do homem comum poderão ser ampliados por um *sexto sentido*, nexa psíquico que conectará a espécie com as realidades do mundo espiritual.

De acordo com a filosofia espírita, a imagem do homem mudará, porque tudo está destinado a renovar-se. Deus não deu à criatura humana uma imagem definitiva, mas uma face espiritual que se irá transformando com a evolução. Porque o Ser é uma entidade que avança para a imagem de Deus, através do grande processo palingenésico a que está sujeito, adentrando-se cada vez mais no Divino Plano do Universo.

À luz da filosofia espírita podemos dizer que a metapsíquica é a ciência dos fenômenos espirituais. Por esta ciência da Alma, como a chamaram Ernesto Bozzano e Charles Richet, a humanidade conhecerá a verdadeira senda espiritual que deve percorrer. Mas isto só acontecerá quando cessarem as rivalidades religiosas e ideológicas. Então se reconhecerá, para o bem da espécie, que no fenômeno metapsíquico está presente a imagem do homem desencarnado e que o espiritismo será o traço de união entre o materialismo e o espiritualismo clássicos.

O espiritualismo kardecista guarda esse elo perdido, o nexa que reconciliará o pensamento materialista com o espiritualista. A tese de Gustave Geley, que sustenta não haver *matéria sem espírito, nem espírito sem matéria*, mostra-nos o enlace do elemento material com o elemento espiritual. Reconhecido o fenômeno metapsíquico como uma manifestação da substância ectoplásmica, será fácil compreender que matéria e espírito “são duas realidades que se conjugam, já que o desenvolvimento espiritual e físico resulta da união entre o corpo e a ideia. Assim se reconhecerá que não existe materialismo nem espiri-

tualismo puros. Ambos os sistemas participarão reciprocamente dos seus respectivos elementos e o que antes os separava, agora os aproximará, demonstrando que o materialismo possui valores para o espiritualismo e o espiritualismo valores para o materialismo.³⁵

A metapsíquica contribuirá enormemente para esta inter-relação de ambos os sistemas, devido à realidade biológica e espiritual revelada pelos seus fenômenos de materialização, que vieram confirmar a tese de que uma essência una anima e movimenta a vida de todo o Universo.³⁶

³⁵ Kardec afirmou que o espiritismo e as ciências devem avançar juntos, porque tratam respectivamente dos dois aspectos fundamentais do Universo: o espírito e a matéria. (Ver a introdução de *O Livro dos Espíritos* e *A Gênese*) Léon Denis, em *O Gênio Celta e o Mundo Invisível*, declara que o espiritismo avança para a realização da síntese do conhecimento, reunindo o saber espiritual e o material. Mariotti reafirma essa tese epistemológica da filosofia espírita. (Nota de J.H. Pires).

³⁶ A metapsíquica é considerada pelo autor como uma espécie de campo científico do espiritismo, uma zona intermediária em que o biológico e o anímico se encontram, dando lugar às manifestações ectoplásmicas que sintetizam espírito e matéria. (Nota de J.H. Pires).

Capítulo X

FILOSOFIA E METAPSÍQUICA

O fenômeno metapsíquico é uma transfiguração do fenômeno social. A metapsíquica descentralizou o aspecto natural das coisas para nos mostrar as próprias entranhas do mundo espiritual. Mas a filosofia ainda não se inclina para a metapsíquica, que se apresenta para a cultura ocidental como o único instrumento capaz de intentar uma transfiguração geral dos fenômenos históricos e sociais.

A base material e biológica sobre a qual assentam seus fundamentos a sociedade e o homem será superada, se a metapsíquica assumir um papel decisivo em relação ao problema da existência. Dizia Berdiaeff que “a filosofia se desdobra e já não crê em suas próprias forças”. Esta afirmação é a pura verdade, se observamos o estado em que se encontra o quefazer filosófico, necessitado de orientações espirituais e ideológicas. Esta crise da filosofia talvez nos esteja aproximando de um novo ponto de partida do saber metafísico; a necessidade de passarmos do *filosofar* para o *teosofar*, isto é, a um conhecimento divino do homem e do espírito.³⁷

Mas devemos reconhecer, ao mesmo tempo, que o teosofar só será uma realidade social quando a metapsíquica houver transfigurado, com os seus fenômenos, o mundo material, para

³⁷ O *teosofar* é o ato de pensar sobre o homem ou as coisas numa perspectiva deísta, considerando o mundo como a obra de Deus e a Ele unida. O autor não se refere à Sociedade Teosófica ou à sua doutrina, mas emprega a palavra no seu sentido radical. Passar do *filosofar* (ato de pensar num sentido humano) ao *teosofar* (ato de pensar num sentido divino) equivale a uma evolução do pensamento filosófico. Este é um dos belos “achados” de Mariotti neste livro. O leitor não deve esquecer que este é um ensaio filosófico espírita, a fim de não confundir-se com as palavras. No plano filosófico, as palavras perdem, quase sempre, o seu sentido habitual, para adquirirem outro sentido, mais adequado ao seu conteúdo racional e aos seus componentes etimológicos. (Nota de J.H. Pires).

mostrar-nos o “outro mundo”, que se oculta atrás da realidade social. Deste modo, a crise atual da filosofia só poderia terminar quando se reconhecesse o mundo invisível que nos cerca. Do contrário, será inevitável o fracasso do quefazer filosófico, salvando-se unicamente aqueles valores metafísicos que tenham relação com as realidades metapsíquicas.

O próprio cristianismo encontraria, na concepção de um homem metapsíquico, o seguro realizador de suas verdadeiras essências divinas. Mas o homem contemporâneo é ainda um homem mortal, considerado como um elemento físicoquímico, sem nenhum futuro metafísico. Entretanto, há uma verdadeira ânsia de algo novo neste mundo, que tende para uma nova dimensão do existir. Se é certo que o existencialismo se apresenta como uma moderna reafirmação do Nada, o fenômeno metapsíquico se contrapõe às suas conclusões materialistas. De maneira que as forças que determinarão a revolução dos tempos novos não serão unicamente físicas, nem somente psíquicas, mas metapsíquicas, uma vez que *o metapsíquico* é um elemento vivo e real, tanto no homem como na própria natureza.³⁸

A filosofia não intuiu este novo fator para confirmar a idealidade do mundo. O idealismo, afastado pelo materialismo, recobra-se com a realidade metapsíquica, e o próprio Hegel se firmará novamente com ela. Marx encontraria assim um magnífico contendor em Richet, o fundador da metapsíquica. Além do mais, o materialismo dialético seria obrigado a aceitar novos movimentos de massas, inspirados na concepção de um homem espiritual e infinito. Deste modo, o fenômeno metapsíquico nos fará compreender que a revolução dos tempos novos será operada pelo Espírito e não pelas forças cegas de um processo dialético sem teologia transcendente.

³⁸ Como se vê, o *metapsíquico* não se refere à teoria científica de Richet, mas a uma realidade filosófica intuída e descoberta por aquela. (Nota de J.H. Pires).

O *numinoso* de Rudolf Otto, muito imperfeito para servir de padrão a um novo homem espiritual, seria substituído pelo *metapsíquico*, do qual surgirão os elementos positivos para se fundar uma antropologia espiritualista que conduzirá o novo processo histórico. Richet talvez nunca tenha pensado em se defrontar com Marx, mas a situação revolucionária do presente obriga o pensamento filosófico a fazer este confronto: ou materialismo dialético ou espiritualismo metapsíquico. Um dos dois deverá conduzir o desenvolvimento histórico e social; isso é indubitável. Entretanto, se o fenômeno metapsíquico, através da parapsicologia, fosse incorporado à cultura moderna, seria o espiritualismo espírita que regeria a sociedade e a história, dando à revolução dos novos tempos um sentido social e espiritual.

A revolução socialista, sem a concepção do homem espírita, decepcionará o homem contemporâneo. Se é inegável que as formas sociais, políticas e econômicas, estão destinadas a transformar-se, isso não deverá impedir que se reconheça o homem como uma entidade espiritual.

Não se pode negar que o espiritismo aporta ao homem elementos positivos para determinar uma profunda transformação da humanidade. Ninguém que se diga evolucionista poderá admitir como bom o atual estado da sociedade, com seus defeitos e injustiças, resultado de um tipo humano desalmado e cínico que, sob a capa de uma falsa moral, aproveita-se dos débeis e necessitados. É evidente que o mais acentuado despotismo rege a ordem social materialista contemporânea; e os que o apóiam são os que levam na alma o mais perigoso de todos os vícios: a falta de amor e de fraternidade para com o próximo.

A eliminação da ordem social materialista é um imperativo histórico e evolutivo, apoiado pelos Grandes Seres que conduzem na Terra o desenvolvimento do Plano Divino. Opor-se a isso seria negar a revolução geral que há de abalar desde os

alicerces a toda a ordem constituída, desde a moral até a material. A força desta revolução emana da própria evolução dos espíritos. Todos os que se opõem a ela são almas retrógradas e partidárias do antigo sistema materialista; mas o espiritismo proclama, com o beneplácito dos espíritos livres e progressistas, o advento de uma sociedade livre do sistema de classes e baseada nos princípios do socialismo. É inegável que a evolução leva ao socialismo e todos aqueles que ignoram o advento de uma estrutura social baseada no regime socialista o fazem porque vivem alheios às grandes conquistas científicas e filosóficas alcançadas pelo espírito humano.

O homem e a sociedade se enobrecerão com um socialismo baseado na imortalidade da alma e no processo palingenésico dos espíritos. Sem socialismo não se compreende nem se compreenderá a verdadeira essência do indivíduo, pois toda evolução espiritual leva ao conagraçamento fraternal dos espíritos. Mas a fraternidade, para ser efetiva, deverá basear-se no socialismo, visto que onde existam interesses privados e classes sociais não poderão nunca prosperar a ideia e a prática da fraternidade.

O pior inimigo da solidariedade e da confraternização é o sistema de propriedade baseado no regime capitalista. Este sistema ou regime é completamente antiespiritual e anticristão. O *espírito de posse* impede o advento do cristianismo e Jesus só chegará a reinar num sistema social onde não existam classes sociais, quando a exploração capitalista tenha desaparecido para sempre.

Consideramos que sem socialismo a humanidade é um ente que se aniquila a si mesmo. O regime social baseado no capitalismo fará que as portas dos lares, povos e cidades, permaneçam fechadas. Com esse sistema social e materialista as portas das casas jamais se abrirão fraternal nem coletivamente, tal como o queria o Divino Galileu. Somente o socialismo abrirá as portas dos povos para que as almas se aproximem. Apesar disso, exis-

tem ainda espiritualistas que se inclinam em favor da propriedade privada, esquecidos de que ela é o produto do *espírito de posse* que domina ainda as consciências.

Jesus e todos os Grandes Seres nunca foram partidários da propriedade individual; eles não possuíram nada como propriedade, nem se apropriaram de coisa alguma para considerá-la privativa deles. Só os doentes do *espírito de posse* defendem e argumentam em favor da propriedade privada; isso, porém, não faz mais do que revelar a psicologia ambiciosa e conservadora desses seres. Aqueles que não se elevaram suficientemente para limpar-se do *espírito de posse* são os partidários da posse particular da propriedade e inimigos declarados do socialismo. Estão ao lado das classes ricas e conservadoras e não ao lado dos miseráveis e deserdados.

O espiritismo, revolução dinâmica na ordem espiritual e social, está, pelo contrário, sempre ao lado de Jesus. Porque ele, homem humano e divino, colocou-se a favor do futuro humano, quer dizer, defendeu a causa dos pobres e explorados. Por isso, seu nome vive como um foco de luz no fundo de todas as consciências emancipadas e progressistas. Sua palavra e sua doutrina são os melhores meios para confirmar a razão moral e espiritual do socialismo.

Temer, pois, a sociedade socialista, é temer também o futuro dos povos. Temem a sociedade sem classes os que defendem sistemas religiosos e doutrinas sociais que justificam a chamada exploração do homem pelo homem. O ideólogo espírita sustenta sempre novas concepções do mundo e da vida, porque baseia seu pensamento na lei palingenésica. Sua filosofia é dinâmica e criadora e por isso não aceita nenhum sistema conservador, tanto espiritual como social, que se oponha à lei do progresso. O espiritismo vê em toda transformação um renascimento e em cada renovação um estado mais propício para alcançar novos estágios sociais e espirituais.

2ª PARTE

PARA UMA DOCTRINA SOCIAL DA FILOSOFIA ESPÍRITA

Capítulo XI A FILOSOFIA ESPÍRITA EM MEADOS DO SÉCULO 20

Com a evolução do pensamento humano a filosofia espírita vem adquirindo por gravitação de seus próprios valores espirituais, um posto cada vez mais concorde com sua finalidade: espiritualizar a consciência humana por meio da ciência, da filosofia e da religião. Isto é, por meio das suas três grandes estâncias que orientam o homem de acordo com as ressonâncias psicológicas de cada temperamento.

Deste modo, a filosofia espírita é, como já se afirmou, um fator importante para o porvir da cultura, já que nos meados do século 20 chegou-se à conclusão de que o temperamento humano se desenvolverá graças a essas três estâncias que são a ciência, a filosofia e a religião. Ao contrário, as culturas anteriores separam entre si esses três ramos do conhecimento e foi assim que se travaram ásperas lutas ideológicas entre os partidários de cada uma dessas disciplinas, pois o que afirmava o saber científico de um lado era negado pelo outro, o saber religioso. Dividiu-se assim o pensamento ideológico da humanidade em dois setores: os que se apoiavam na ciência e os que acreditavam na religião. Este fenômeno criou um tipo de humanismo antropocêntrico, o que quer dizer: absolutamente divorciado da ideia de Deus e do Espírito.

A Revolução Francesa muito contribuiu para o advento deste estado de coisas, com o reconhecimento exclusivo da Deusa Razão. Se é certo que foi ela quem proclamou os direitos do homem e do cidadão, juntamente com a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, não obstante isso, provocou o espírito de separatividade entre a ciência e a religião. Isto nos mostra que o progresso apresenta alguns fatos obscuros que somente o tempo conseguirá esclarecer, de maneira que os fenômenos históricos, contraditórios ao se produzirem, resultem, mais tarde, claros e lógicos.

O positivismo de Augusto Comte e o materialismo moderno negaram toda classe de relação entre o método científico e o religioso. Este fato teve como consequência conformar uma filosofia niilista, negando o sentido transcendente do homem e a finalidade inteligente do Universo. O materialismo dialético precisou melhorar a distância entre a ciência e a religião; entretanto, esta separação não podia durar muito, dada a sua falta de fundamento.

O espiritismo iniciou, com sua magnífica fenomenologia metapsíquica, a reconciliação entre a ciência e a religião e, por conseguinte, entre o materialismo e o espiritualismo. Allan Kardec foi quem completou a obra, estabelecendo a aliança da ciência com a religião, ao compreender que a mesma realidade essencial existe nessas duas formas de conhecimento.

Quanto à perdurabilidade e vigor da ideologia espírita, podemos dizer que está segura de não ser ultrapassada por nenhuma outra concepção doutrinária. Ainda que os contratempores sejam numerosos, não poderão paralisar jamais o desenvolvimento dos seus princípios. De maneira que o seu futuro está assegurado e acreditamos que a veremos sempre dinâmica e revolucionária para secundar o adiantamento tanto dos espíritos como da civilização e da cultura. Kardec não declarou sem motivo que o seu destino é marchar de acordo com o progresso e com as novas ideias.

Com efeito, os fundamentos do espiritismo, em vez de se desfazerem, são confirmados pela modificação que se opera nos princípios da própria biologia. Para muitos homens de ciência, entre eles o biólogo francês Pierre Leconte de Nouy, a evolução já não corresponde apenas às combinações fisiológicas; agora observamos nela a manifestação de uma ideia impulsionada, ao que parece, por uma Vontade Soberana.

Outro famoso biólogo, Gustave Mercier, escreveu uma obra intitulada *O dinamismo ascensional*, em que desenvolve uma concepção da vida como fenômeno de caráter universal, que a evolução faz avançar a partir dos estratos inconscientes regidos pelo determinismo, até as elevadas esferas da liberdade. Vejamos qual é o seu pensamento filosófico.

“A criação — escreve — está sempre em curso, quantitativamente. O Universo tem-se desenvolvido sobre si mesmo por seu próprio desenvolver, reunindo o trabalho e os esforços de todas as partes individualizadas.

O que chamamos vida deriva da organização total, que não tem limite inferior. O átomo, sendo organizado, é vivente. Nenhum elemento separa o mundo mineral do chamado orgânico. A consciência marca o acesso a um estado superior, o da espiritualidade, que biologicamente se define como uma conquista do tempo e do espaço, como uma posse de si mesmo, conduzindo à posse de uma porção crescente do Universo e à liberação progressiva das leis materiais.

Existe uma identidade de natureza entre a energia e a espiritualidade humana, permitindo a esta última a conquista progressiva e a posse, pela consciência, dos planos sobre os quais se edifica o Universo.

O Universo leva em si mesmo a sua razão suficiente e a sua justificação. Da mesma maneira, é o homem quem constitui, a seguir, a sua peça essencial e que, pelo desenvolvimento de sua espiritualidade, deve elevar-se até a Fonte Suprema que enriquece com o seu esforço.”

Outro sábio, Alberto Vandel, professor de zoologia da Faculdade de Ciências de Toulouse, em seu livro *O Homem e a Evolução*, declara:

“Se a evolução é antes de tudo o desenvolvimento do espírito, emergência da consciência fora do material e do orgânico; se o pensamento representa o modo superior do Ser, como a energia é a forma nobre da matéria, o sentido da vocação humana não pode ser posto em dúvida. O homem deve esforçar-se por subtrair-se ao domínio das influências materiais, hereditárias, familiares e raciais, que procedem de suas origens orgânicas, a fim de integrar-se a fundo na imensa aventura espiritual em que se joga o destino do mundo.

Na escala humana — continua — todo progresso real só se pode inscrever sobre o plano do espírito. Será por um constante esforço de profundidade e de ampliação interiores que o homem cumprirá seu próprio destino, ao mesmo tempo que participará da obra universal.

A moral da necessidade e do interesse pessoal, que se alimenta nas mesmas fontes da atividade animal, é incapaz de satisfazer àquele que penetra o sentido e o valor da tarefa humana. O homem deve trabalhar na obra coletiva que, por sua vez, o faz progredir e o integra no desenvolvimento universal; e será num total dar-se a si mesmo e num comprometer-se sem reservas, que extrairá força, confiança e alegria.”

Lincoln Barnett, autor de um livro intitulado *Einstein e o Universo*, pode-se dizer que corrobora esta nova cosmovisão, que está sendo elaborada no terreno científico, abrangendo o homem e o seu destino:

“Na evolução do pensamento científico — escreve Barnett — um fato aparece infinitamente claro: não há mistério do mundo físico que não conduza a um mistério que ultrapassa a nós mesmos. Todas as grandes rotas da inteligência, todas as sínteses de teorias e conjecturas, conduzem finalmente a um abismo que a natureza humana não pode transpor. Quanto mais se amplia o seu horizonte, tanto mais se vê obrigado a reconhe-

cer, como o disse o físico Niels Bohr, que “somos ao mesmo tempo espectadores e atores, no grande drama da existência.”

O próprio Albert Einstein, que revolucionou os caminhos da ciência moderna, sentiu essa grandeza e profundidade do Universo, de cuja contemplação concebeu o que chamou a *religião cósmica*, em contraposição à *religião-terror*, como ele dizia, referindo-se às religiões terrestres, baseadas nas mesquinhizas humanas. O espiritismo forja a sua filosofia no Infinito, e sua grandiosa concepção palingenésica do homem e da natureza revela essa mesma visão espiritual do Cosmos.

“A mais bela e profunda emoção — declarou Einstein — que possamos experimentar, é a sensação mística. Ela é a semente de toda ciência verdadeira. Aquele a quem esta emoção é estranha, que já não tem a possibilidade de assombrar-se e ser tocado por esse impacto, é como se estivesse morto. Saber que o que nos é impenetrável realmente existe e se manifesta através da mais elevada sabedoria, da mais resplandecente beleza, — sabedoria e beleza que nossas débeis faculdades só podem alcançar em sua forma primitiva — este conhecimento, este sentimento, está no centro da verdadeira religião.”

O pensamento científico, como se pode ver, aproxima-se do sentimento religioso, que engendra na alma a nova apreciação filosófica do Universo. O espiritismo proclamou a existência da *lei de adoração*³⁹ porque o espírito humano, sendo de natureza divina e imortal, cada vez mais se aproximaria do profundo mistério da criação, para amá-lo e reverenciá-lo. Essa mesma lei de adoração nos mostra que o melhor templo do homem é o Cosmos, no qual se unirá diretamente à vida divina, pela prática e reconhecimento dessa religião cósmica, proclamada muito acertadamente pelo próprio Albert Einstein.

³⁹ Allan Kardec - *O Livro dos Espíritos* - As Leis Morais.

Capítulo XII

A FILOSOFIA ESPÍRITA E O PENSAMENTO ATUAL

A filosofia espírita só estará definitivamente arraigada no mundo no dia em que se dedicar à consideração filosófica, social e religiosa da chamada luta de classes. O problema desta luta absorve quase toda a atenção do homem contemporâneo. Seria um erro não reconhecer que todo pensamento espiritualista dos novos tempos só avançará se souber enfrentar esse tremendo conflito, que se desenvolve entre as classes sociais. Não olvidemos que todo progresso da cultura só é possível no plano da consideração histórico-social. A filosofia espírita, se não tomar uma orientação desse caráter, realmente definida, tal como se deduz do kardecismo, ver-se-á diminuída e reduzida em sua ação, frente ao problema transcendental das questões sociais.

A consciência do histórico-social deverá ser permanente nos espíritas, para que compreendam o papel que cabe ao espiritismo na evolução da humanidade. Essa consciência tem suas raízes tanto em seu próprio caráter coletivo, como no movimento de massas que o espiritismo desenvolve. Se a filosofia espírita representa essencialmente o desenvolvimento individual dos espíritos é, além disso, um movimento civil que, depois da redenção espiritual, oferece também uma redenção social.

O destino da ideologia espírita no histórico-social é semelhante ao do cristianismo, que possui um caráter privado, concernente ao íntimo do indivíduo e um aspecto coletivo, conectado com os problemas sociais. O coletivo é um fator espiritual importante para conseguir-se a incorporação do pensamento espírita à intelectualidade contemporânea. Se os valores espíritas permanecerem à margem do social, isso retardará muito a conquista do

mundo material pelo espiritismo, pois a penetração de sua ideologia espiritual no histórico-social colocaria de forma definitiva a *ciência espírita* na tábua dos valores filosóficos e religiosos. Dessa maneira, o pensamento contemporâneo reconhecerá a filosofia espírita como o resultado de um novo estado de consciência, em desenvolvimento na Terra.

O mundo é um cenário que pertencerá aos espíritas através da ação coletiva que desenvolvem. Sem o mundo e a sociedade, o espiritismo será apenas um fato individual; sua ideologia, porém, deverá transfigurar não somente a alma do indivíduo, mas também a alma coletiva do mundo. Daí se conclui que a luta de classes é um tema eminentemente espírita, já que sua raiz fundamental está ligada ao desenvolvimento de cada espírito. Esta causa, entretanto, não deve impedir que se considerem os efeitos individuais e coletivos produzidos por esse desenvolvimento, aduzindo razões palingenésicas. A razão de um melhor conhecimento espiritual da luta de classes permitirá aos espíritas considerá-la com maior penetração filosófica, sobrepondo-se assim ao critério do sociólogo materialista.

Em consequência, toda ação espírita, para ser real e efetiva, deverá seguir os passos de Jesus. Não nos esqueçamos de que o Nazareno, para pregar sua doutrina, não se valeu unicamente de pequenos núcleos ou de algumas associações de seu tempo. Jesus deu a conhecer suas divinas verdades pondo-se em contacto com a realidade social da época, ou seja, com as massas desorientadas de então, famintas e humilhadas pelo poder estatal dos poderosos. A filosofia espírita, que é, em essência, a mesma pregada pelo Nazareno, deverá dirigir seus esforços para o histórico-social, procurando interpretar a luta de classes através dos princípios criadores da Terceira Revelação.

Poderiam dizer-nos que isto seria imiscuir-nos em assuntos sociais e políticos, mas aí do movimento espiritista se não se decidir a ensaiar uma sociologia espírita, acerca dos diversos

fenômenos da coletividade! Por isso, sua interpretação da luta de classes será eminentemente dinâmica, ultrapassando todo critério estático que justifique as difíceis situações sociais do cidadão. O espiritismo determina um novo destino para o Ser encarnado, não obstante a gravitação moral que a lei de causalidade exerça sobre o indivíduo. Por ser o cristianismo novamente revelado, lutará constantemente contra um mundo imperfeito e a rigidez mecânica da lei de causas e efeitos. além disso, ao despertar no homem uma nova consciência sobre o bem e o mal, dará ao espírito um novo direito: o de libertar-se desses carmas cegos e inconscientes, pois todo destino inferior poderá ser modificado, quando o Ser reconheça sua natureza palingenésica.

A filosofia espírita, por seu profundo sentido cristão, combaterá toda espécie de dores e injustiças, tratando de transformar o mundo para fazê-lo menos imperfeito e menos trágico. Mas essa visão cristã nos mostrará também que o homem deverá *nascer de novo*, se desejar entrar no Reino dos Céus; anulará assim a luta de classes, pelo reconhecimento fraternal dos espíritos. Pois, quando cada espírito encarnado reconhecer os demais como companheiros de outras épocas históricas e de outras existências, então os ódios e rancores produzidos pela desigualdade econômica desaparecerão e serão esquecidos.

A ideia da pluralidade das existências está-se propagando cultural e popularmente, mas sem um verdadeiro conteúdo histórico-social. O conceito estático que ainda predomina na condução do movimento espírita é o que o impede de alcançar uma filosofia do destino individual que sintonize com a dinâmica criadora do ideal palingenésico. Olvida-se ainda que o espiritismo é uma revolução espiritual, que avança com o progresso dos espíritos encarnados e desencarnados, razão por que é o único pensamento filosófico capaz de penetrar nos

abismos do destino, para transfigurá-lo por meio das forças divinas do amor cristão.

A evolução social, ao avançar paralelamente com o espiritual, redundará na harmonia e na fraternidade. E assim que se produzirá o que qualificamos como reconhecimento dos espíritos encarnados entre si e uma transfiguração espiritual da luta de classes. Mas isto só se alcançará se os espíritos se entregarem ao estudo das questões sociais, abandonando o conceito conservador que ainda sustentam em suas considerações sociológicas, em contradição com as considerações de Kardec, que afirmou:

“Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se e os mesmos que a isso se opõem com mais empenho são os que mais o ajudam, sem sabê-lo; a geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada com elementos mais depurados, estará animada de ideias e sentimentos muito diferentes dos da geração passada, que desaparece a passos de gigante. O velho mundo terá morrido e só viverá na história, como morreram os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

A geração que desaparece levará consigo suas preocupações e seus erros; a geração que surge, alimentada em fontes mais puras, imbuída de ideias mais sadias, imprimirá ao mundo um movimento ascensional no sentido do progresso moral que deve marcar a nova face da humanidade.”

Como vemos, Kardec era um progressista e um sociólogo, com vistas ao futuro da sociedade humana; por isso via na filosofia espírita um dos melhores instrumentos para dar impulso à marcha da evolução individual e coletiva. A esse respeito, escreveu: *O espiritismo tem que desempenhar um grande papel neste movimento regenerador; não o espiritismo inventado por uma crítica maligna e cética, mas o espiritismo filosófico.* (A Gênese).

Onde Kardec mostra a verdadeira posição do espiritismo, frente ao pensamento moderno, é quando escreve: “A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tenha chegado. O espiritismo, que aspira ao mesmo fim e realiza as suas metas, encontrar-se-á com ela no mesmo campo.”

A respeito dos homens refratários ao progresso, Kardec opinou do seguinte modo:

“Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao presente estado de coisas e que não se acham bastante adiantados para deles se desprenderem com abnegação e a quem o bem geral importa menos que o pessoal, não podem ver sem receio nenhum movimento reformista. A verdade é para eles uma questão secundária ou, melhor dizendo, a verdade para certas pessoas está toda naquilo que não lhes causa extorsão alguma; todas as ideias progressistas são para elas subversivas, e por isso lhes votam um ódio implacável e lhes fazem encarniçada guerra.”

Como vemos, Kardec não estava de acordo com os tímidos nem tampouco com os espíritas misoneístas. Para ele, a condição de espírita militante significava um estado mental que superara as antigas formas do pensamento, sendo essa a razão de haver escrito: “O espiritismo, marchando com o progresso, nunca sê verá derrotado nem superado, porque, se novos descobrimentos lhe provarem que está em erro num determinado ponto, ele se modificará nesse ponto, e se uma verdade nova se revelasse, ele a aceitaria”. (A Gênese).

O pensamento adiantado e dinâmico de Kardec mostra-nos que os seus discípulos deveriam ser lídimos representantes da evolução humana. Lembremo-nos de que o idealismo espírita é uma força criadora, que incide sobre o caráter, fa-

zendo surgir o homem dinâmico ante as contradições da existência. Seu ideal é como um sonho ligado diretamente com o futuro; é a poderosa antena que permite às almas dialogar com o invisível; saber quais os dramas e as grandezas que nos reserva o mundo desconhecido de amanhã. Sua visão renova a mente, ilumina o horizonte filosófico do homem e revela um novo Deus no grande Plano do Universo. Por ele ouvimos as harmonias cósmicas como longínquas e desconhecidas músicas, revelando que tudo se enlaça na natureza e na história e que tanto reis, príncipes e camponeses, como ricos e proletários, todos são atores de uma grande epopéia espiritual, que tem como magnífico cenário os mundos e os sóis.

O ideal espírita é inspiração para os visionários, canto de esperança para os poetas e força criadora para os reformadores. Incita o que ama a penetrar no mistério das almas e a descobrir a profunda história dos mundos e dos destinos individuais e coletivos. Ilumina de amor os olhares, acende a fé nos corações e dá asas aos espíritos. Kardec e Denis sonharam com valentes discípulos deste tipo ideológico, isto é, com atletas da verdade, com mártires das revoluções e com homens-colunas para a luz do pensamento divino.⁴⁰

É indubitável que todo espiritualista espírita deveria possuir uma mentalidade socialista ao considerar os graves problemas econômicos e sociais que afligem o mundo contempo-

⁴⁰ Léon Denis deixou escrito, mas não publicado em volume, o seu último livro intitulado *Socialismo e Espiritismo*. Os capítulos foram publicados na *Revista Espírita* e devem ser reunidos para uma edição atual. Veja-se o relato desse episódio nos livros *Vida e Obra de Léon Denis*, de Gaston Luce, e *Vida Intima de León Denis*, de Claire Baumard. Ambos serão lançados na “Coleção Vidas Missionárias”, da Edicel. (Nota de J.H. Pires).

Vida e Obra de Léon Denis foi lançada pela Edicel em 1968. *Léon Denis na Intimidade e Socialismo e Espiritismo*, pela editora O Clarim, em 1982. (Nota do **Pense**).

râneo. O espiritualismo espírita é a mais segura concepção ideológica com a qual se pode desenvolver uma exata interpretação idealista do homem e da história. Pois tudo quanto se afirma, para idealizar o processo econômico da história, será insuficiente, se essa idealização não estiver apoiada por fatos espirituais evidentes.

Propiciar, como se pretende, uma revolução romântica, no tocante às estruturas sociais, sem bases firmes e profundas, é perder tempo, em meio a uma voragem materialista que tudo envolve e atropela. Não nos esqueçamos de que o idealismo revolucionário somente poderá arraigar-se nos espíritos quando o espiritualismo espírita for capaz de organizar uma grande força social, sobre as bases de uma autêntica realidade espiritual.

As forças revolucionárias não são privativas das ideologias materialistas, se se considerar que, do ponto de vista filosófico, essas ideologias são incapazes de resistir à destruidora influência das concepções niilistas. A teoria espírita, ao contrário, pode infundir fortaleza moral no campo da ação, porque somente uma verdadeira ideologia espiritual será capaz de promover uma verdadeira revolução que substitua o sistema materialista sobre o qual se desenvolvem o homem e a sociedade atuais.

Dissemos que o espiritualista espírita deveria possuir uma mentalidade socialista, por não conceber-se outro tipo conservador ou aferrado às velhas concepções ideológicas. Acreditamos que a espiritualização do socialismo, cuja essência verdadeira acha-se na ideia cristã, será obra do novo espiritualismo que se desprende do kardecismo, como a socialização do espiritualismo se produzirá pelas necessidades espirituais da sociedade socialista. Em consequência, o lugar dos espíritas será a sociedade, sem por isso descuidar das grandes leis psíquicas e espirituais, que enlaçam entre si os três reinos da natureza.

Dissemos isto porque é chegado o tempo de falar também de um *socialismo dos animais*, isto é, de nossos *irmãos* menores, completamente esquecidos pelos grandes doutrinadores do pensamento socialista marxista. Entretanto, a filosofia espírita lançará as bases de um socialismo que considere o processo evolutivo dos animais, já que a futura sociedade tem de organizar-se sobre os fundamentos da evolução universal, que abranje minerais, vegetais, animais e homens. Desse modo, o socialismo fundará a sociedade dos espíritos, visíveis e invisíveis, vinculados entre si pela unidade substancial da vida. Surgirá em consequência o socialismo do Espírito, através do qual se avançará para a fraternidade mundial e cósmica. É assim que se dará o advento do verdadeiro socialismo, é assim que a sociedade materialista, fundamentada no capitalismo privado, será substituída por uma grande associação das almas, cuja raiz se acha no ideal de Jesus.⁴¹

⁴¹ René Hubert, filósofo e educador francês, considera, em seu *Tratado de Pedagogia Geral*, que a educação tem por finalidade a preparação da Sociedade de Consciências ou República dos Espíritos, onde os valores predominantes não serão os materiais, mas os morais e espirituais. Em *Esboço de uma Doutrina da Moralidade*, contestando a natureza metafísica desse ideal, enunciado por Kant, afirma Hubert: “É na existência fenomênica, na realidade em que vivemos, que a sociedade dos espíritos é chamada a realizar-se, se a razão posta a seu serviço revelar-se suficientemente enérgica”. Como se vê, as considerações de Mariotti concordam com as de Hubert, cujos livros serão lançados em português pela Edicel. (Nota de J.H. Pires).

Capítulo XIII NECESSIDADE DO ESPIRITISMO SOCIOLÓGICO

Todos os males que afligem a humanidade têm suas raízes nos grandes problemas sociais. Importantes ideologias políticas estão empenhadas em solucioná-los; mas esses problemas, em vez de se resolverem, tornam-se cada vez mais graves, com o perigo de se converterem em catástrofes coletivas. No entanto, o esforço dessas ideologias merece o mais franco reconhecimento, pois demonstram elas estar vivendo esses conflitos sociais, sem eludi-los nem fugir de suas grandes realidades. O espiritismo militante, entretanto, que representa toda uma ciência da alma, e dessa maneira uma perfeita sincronização entre o corpo e o espírito, ainda não demonstra um real interesse pelo estudo dos problemas sociais. Salvo alguns casos isolados, não existe na militância espírita uma continuidade ideológico-social, que nos permita assinalar um verdadeiro enfoque dos contraditórios fenômenos do presente processo histórico.

Acreditamos que a filosofia espírita deve penetrar nos fenômenos sociais com sua extraordinária sociologia, já que esta constitui uma verdadeira revolução, no que respeita ao conhecimento do espírito encarnado e de suas relações com as leis da sociedade.

Estas mesmas leis obrigam o espiritismo militante a enfrentar as contradições sociais e econômicas com sua visão espiritual do homem e da história, com o que demonstraria a maneira por que o espírito rege e determina os grandes fatos políticos e econômicos. Se o espiritismo permanecesse à margem da questão social, adotaria um critério evasivo perante as grandes coletividades humanas que sofrem esperando sua definitiva redenção.

Por outro lado se desvalorizaria o pensamento sociológico dos que encararam de forma decisiva os temas sociais à luz da filosofia espírita. Como sabemos, o espiritismo possui uma riquíssima teoria sociológica e chegou o tempo de sua aplicação à sociedade humana. Além disso, ignorar que o espiritismo tem um destino social seria desconhecer suas grandes linhas humanistas e a missão que lhe cabe em face à dor humana. Esse destino do espiritismo é corroborado por seu caráter integral, pois um só fato social que ele não encarasse bastaria para fragmentar sua natureza de ciência universal, cuja missão é abranger todos os problemas da humanidade.

Os que têm a propensão de circunscrevê-lo às experiências de laboratório negam o seu caráter transcendente, limitam e retardam o seu apostolado espiritual e social. O espiritismo, segundo o critério kardecista, é um movimento fraternal que procura fundar no mundo uma associação de homens e espíritos, reciprocamente integrados nas grandes lutas pelo progresso e pela evolução. Sua militância social e fraterna dirige-se sobretudo aos tristes e necessitados, que sofrem sob o contraditório sistema econômico contemporâneo. Por isso, Kardec, referindo-se aos trabalhos e funções sociais da doutrina espírita, declarou: “É aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, que o espiritismo se dirige.”

As questões sociais, que agitam o mundo contemporâneo, devem receber a contribuição da escola kardecista. Mas esta contribuição só poderá ser conhecida se a ação dos homens e mulheres espíritas incidir sobre os tremendos instantes por que passa o mundo. A sociologia contemporânea procura situar a luta de classes dentro do *tomismo*, do *marxismo* ou do *comunitarismo*, esta nova escola social surgida há pouco. Mas uma sociologia, seja qual for, que não resolvesse também as situações éticas e psicológicas do indivíduo, jamais representaria uma solução para o drama geral que a humanidade vive.

Léon Denis escreveu:

“Todas as doutrinas econômicas e sociais serão impotentes para reformar o mundo e minorar os males da humanidade, porque sua Base é demasiado estreita e elas colocam apenas na vida presente a razão de ser, a finalidade, o objetivo desta vida e de todos os nossos esforços. Para extinguir o mal social é necessário elevar a alma humana à consciência de seu papel, fazê-la compreender que sua sorte depende dela própria, e que sua felicidade sempre será proporcional à extensão dos seus triunfos sobre si mesma e à sua abnegação para com os demais.

*A questão social será resolvida quando o altruísmo substituir o personalismo exclusivista e estreito. Os homens se sentirão irmãos e iguais perante a lei divina, que reparte a cada um os bens e os males necessários à sua evolução, os meios de vencer-se a si mesmo e acelerarem a sua ascensão.*⁴²

Os fenômenos sociais são fatos que ferem a sensibilidade, o que significa que a evolução moral é de caráter espiritual. Fazer do espiritismo uma ideia contemplativa, que espreita as lutas sociais sem nelas intervir com sua doutrina, seria desnaturá-lo, colocando-o longe da ação criadora dos espíritos progressistas.

Lembremo-nos de que a filosofia espírita ultrapassa a visão social das demais doutrinas, porque, além de apresentar uma sociologia deste mundo, mostra ao homem uma sociologia palingenésica do espírito, vinculada com os mundos invisíveis: liga as vidas sucessivas do Ser, fazendo-as dependentes umas das outras. A ideologia espírita não procede como os demais sistemas que se circunscrevem a um único centro: o da Terra, esquecendo-se da vida espiritual. A sociologia espírita reconhece um constante enlace entre o visível e o invisível, interpretando o processo social como um fato histórico sujeito a

⁴² Léon Denis, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*.

influências metapsíquicas que se desenvolve na interação dos espíritos encarnados e desencarnados.

Vejamos qual era o parecer de Allan Kardec a respeito:

Quem tenha meditado sobre o espiritismo e suas consequências e que o reduza à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à humanidade um novo roteiro, mostrando-lhe, de passagem, os horizontes do Infinito. Ao iniciá-la nos mistérios do mundo invisível revela-lhe o seu verdadeiro papel na criação. Desempenhando um papel perpetuamente ativo, tanto em estado corporal como espiritual, o Ser humano já não marcha às cegas; sabe de onde vem, para onde vai e porque existe.

O futuro se lhe apresenta, na realidade, isento dos preconceitos da ignorância e da superstição; já não é vaga esperança, senão uma verdade palpável, tão positiva para ele como a sucessão do dia e da noite. Sabe que seu Ser não está limitado a alguns instantes de uma existência efêmera, que a vida espiritual não é interrompida pela morte; que já viveu, que tornará a viver, e que tudo quanto avançar, na ciência e na moralidade, pelo trabalho, lhe servirá para o futuro.

Em suas existências anteriores encontra a razão do que é hoje e do que hoje conseguir ser poderá deduzir o que será amanhã.

Que importa ao homem o progresso da humanidade, se acreditar que a atividade e a cooperação do indivíduo na obra geral da civilização ficam limitadas à vida presente, que nada foi e que ao nada terá de voltar?

Que lhe importa que no futuro os povos tenham que ser mais bem governados, mais felizes, mais ilustrados e melhores uns para com os outros?

Visto que o indivíduo não terá nenhum proveito com tais progressos, não são perdidos e inúteis para ele? De que serve trabalhar para os que virão depois, se não irá conhecê-los, se serão seres novos que, pouco depois, terão também de voltar para o nada?

Sob o influxo da negação do porvir individual, tudo se reduz, fatalmente, às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Pelo contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a certeza da perpetuidade de seu Ser espiritual! Que coisa mais racional, mais grandiosa, mais digna do Criador se pode conceber, que essa lei em virtude da qual a vida espiritual e a vida corporal são dois modos de existência alternados, que têm por objetivo a realização do progresso? Que pode haver de mais justo e consolador que a ideia dos mesmos seres progredindo sem cessar, primeiro através das gerações e logo de mundo em mundo, até à perfeição, sem solução de continuidade?

Todas as ações têm seu objetivo, porque, trabalhando para todos, trabalha-se para si mesmo e assim reciprocamente; de modo que nem os progressos individuais, nem os da totalidade, em nenhum caso são estéreis. Aproveitam às gerações e aos indivíduos que hão de vir e que não são outros senão as gerações e os indivíduos que já foram, e agora chegados a um grau mais elevado de desenvolvimento.

Como vemos, o homem não é o resultado do acaso material, nem desaparece espiritualmente com a sua extinção corporal, segundo a concepção materialista da existência. A visão espírita nos mostra que cada ato e cada ação do ser humano tem sua repercussão sobre os fatos sociais e particulares: sua moral se une assim com o futuro; daí se conclui que o espiritismo reconhece um verdadeiro encadeamento entre o particular e o coletivo, o

oculto e o visível, isto é, que tanto o passado como o presente se unem entre si, graças à lei palingenésica, já que o homem de ontem é o de hoje e o de hoje será o de amanhã.

Em consequência, se o homem espírita não iniciar a sua ação sociológica, ocultará com esse proceder as grandes concepções sociais do espiritismo. A Terra tem necessidade de uma sociologia espiritual; a doutrina espírita deverá penetrar nas condições humanas, já que ela nos trouxe o exato conhecimento das leis sociais. Só assim a humanidade se acostumará a considerar a possibilidade de *uma concepção espiritista da sociedade*, sem nenhuma classe de dúvidas nem de vacilações.⁴³

⁴³ O problema da Sociologia Espírita foi amplamente estudado num curso de Introdução à Filosofia Espírita, dado em 1964, no Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. A Edicel publicará esse curso, num volume próximo da sua Coleção Filosófica, a que pertence este livro. E publicará posteriormente o livro *Sociologia Espírita*, do grande pensador argentino, Manuel S. Porteiro, atualmente em fase de tradução. (Nota de J.H. Pires).

O livro *Sociologia Espírita* foi lançado em edição digital pelo **Pense**, com o título *Conceito Espírita de Sociologia*, traduzido por José Rodrigues. O curso *Introdução à Filosofia Espírita*, ministrado por José Herculano Pires, saiu em edição póstuma pela editora Paidéia, em 1983. (Nota do **Pense**).

Capítulo XIV

A DOCTRINA SOCIAL ESPÍRITA

O espiritismo, como ciência do homem e do Universo, não é, como querem alguns críticos, exclusivamente mediúnico e fenômeno. A doutrina espírita, como bem dizia Kardec, *abrange as questões mais graves da filosofia* e se liga a todos os ramos da ordem social; por conseguinte, abrange tanto o homem físico como o homem moral. Se o espiritismo possui essas dimensões ideológicas, não poderá ser somente uma questão de fenômenos supranormais; possui, ao contrário, uma grandiosa visão do homem e do Universo, desenvolvendo ainda uma doutrina social, através da qual pode encarar os mais complexos problemas civis e tudo o que se relaciona com o bem comum.

Neste sentido, a doutrina espírita pode desenvolver um extenso programa referente à justiça social, à democracia e à liberdade. Também sustenta que o bem comum deve ser o resultado da conduta individual, baseado nos valores da liberdade e da democracia.

A concepção espírita do homem e da sociedade sustenta que os Estados realmente democráticos deverão elevar-se até o plano espiritual do Ser e considerar a sua evolução palingenésica. Isto quer dizer que cada cidadão deverá ser considerado como um espírito encarnado, que, para expressar-se, necessita de uma liberdade que não esteja viciada por nenhuma ambição materialista.

Com fundamento nesta ideia, o espiritismo dirige um apelo à consciência dos novos tempos, advertindo que o governo dos povos deverá efetuar-se através da lei de justiça, de amor e de caridade. Sem esta concepção, o cidadão será considerado como simples máquina, sem qualquer transcendência espiritual,

razão por que a filosofia espírita proclama a lei de liberdade, afirmando:

*Toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso que desaparece com o progresso, como desapareceram pouco a pouco todos os abusos.”*⁴⁴

Assenta sua doutrina social sobre a lei de igualdade e reconhece que o seu cumprimento anulará a ação destruidora do egoísmo, fundamento da desigualdade econômica e política. Para a filosofia espírita, todos os homens são iguais, porque todos tendem a um só e único fim. Além disso, aceita a suprema igualdade dos espíritos perante Deus; em consequência, as desigualdades sociais estão destinadas a desaparecer, porque não são obra da natureza, mas da pequenez moral dos homens.

Reconhece, como fator de progresso social e espiritual, a lei de sociedade, afirmando que o homem deverá evoluir em todos os aspectos, mas só e isolado não saberá fazê-lo. O homem tem necessidade de estar em contacto com o mundo físico e obter experiências morais, por meio dessa vinculação. Porque a sociedade, para o espiritismo, é um centro onde tudo se concretiza e esta concretização faz adormecer o espírito e os seus sentidos, com relação ao espiritual. Mas o homem moderno não deve temer a objetivação ou materialização dos princípios superiores; deve, pelo contrário, lembrar-se de que o próprio espírito é uma objetivação, ao produzir-se a sua encarnação na Terra.

Quando o espírito ou parte superior do homem se materializa, para entrar em contacto com a imperfeição social, o Ser deverá converter-se num poder criador, em meio a esse mundo de oposições e contradições. Nenhum ser superior poderia merecer essa designação se fugisse à imperfeição humana. A ma-

⁴⁴ Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*.

terialidade humana é a prova moral a que deverá sujeitar-se a parte evoluída do homem para se ver o que nele existe da influência divina do Cristo, ou se ainda impera na sua natureza o antiespiritual, o imperfeito.

Fugir, pois, da objetividade cotidiana, é demonstrar que ainda não se desenvolveu em nós o espírito criador e superior. Somente os espíritos fortes e valentes podem vencer as imperfeições da cotidianidade. O sentido espírita da vida não é uma evasão ao mundo: é, pelo contrário, *um estar e um penetrar* na natureza imperfeita das coisas, para reconstruí-las sobre bases de harmonias espirituais. O homem espírita penetra na imperfeição e se instala conscientemente no *inconsciente histórico*, orientando-o para a evolução e o progresso.

Renunciar, pois, às dificuldades do mundo, é colocar-se entre os pusilânimes e covardes. O cristianismo, à luz do espiritismo, anula qualquer medo com relação à Terra enferma e corrompida: fortalece o Ser da alma, pela fé que deposita na transfiguração do mundo imperfeito. Pois o quefazer espírita e cristão não é mais do que um combate às contradições morais e sociais da humanidade e da história; é uma transfiguração espiritual da sociedade, do homem e da própria Morte.

O temor à materialidade do mundo é a causa do desconhecimento da dinâmica revolucionária da Revelação espírita. O mundo invisível do Espírito conduz o homem à superação total da sociedade e do mundo. Essa a razão de se falar do Espírito de Verdade como o *hálito criador da vida*, porque Ele não é outra coisa senão uma força eternamente presente na vida do homem e dos Povos.

Se a história não fosse movida pelo Espírito de Verdade, seria uma irrealidade metafísica, e o próprio cristianismo não teria podido criar, como o fez, o sentido espiritual da história. Esta é a razão pela qual o socialismo deverá apoiar-se na reali-

dade viva e criadora dos mundos invisíveis do Espírito, posto que o processo histórico não faz outra coisa senão mostrar-nos a força espiritual que o move, desde o princípio dos séculos.

É necessário reconhecer que os fatos históricos são formas objetivadas do mundo Invisível. Os que ainda sustentam que a sociedade e o processo geral da história decorrem unicamente dos *modos de produção*, não viram o real desenvolvimento das coisas. Se procurassem aproximar-se um pouco da filosofia espírita, veriam quão profundo é o Ser do homem e da história e quão diferente o conceito idealista da existência através de sua visão palingenésica.

Para o spiritismo, os fatos históricos têm suas raízes na substância viva do Espírito de Verdade, considerando-se o homem como um Ser espiritual encarnado no histórico, em luta para abrir caminho rumo à perfeição moral e mental. É por meio desta luta que se modificam os lineamentos do destino e o homem consegue manifestar seu espírito criador, que pode transformar — chegado o momento — os efeitos inferiores da própria sorte individual.

Para a filosofia espírita, o destino do homem e das sociedades se interpenetram e se relacionam, o que produz o grande processo evolutivo do mundo. O movimento dos espíritos e da sociedade forma o processo do destino universal; mas em cada um desses movimentos existem os respectivos processos individuais, atos e ações pessoais, que correspondem à moral de cada Ser. Por isso, o homem é um ato criador, cuja essência tem relação direta com ele, e que, ao unir-se com o desenvolvimento social, determina o que se chama *processo histórico universal*.

A substância espiritual gerada através do processo palingenésico do homem e da história é eterna, participando da vida divina. Em consequência, as grandes manifestações filosóficas,

que expressam um novo sentido da realidade, virão dos mundos espirituais. A agonia do homem moderno radica-se nesta falta de visão filosófica e espírita, que lhe permita penetrar e conhecer exatamente a parte oculta do Universo. De modo que, se o homem não modificar sua vida mediante uma revolução espiritual interna e externa, não conseguirá ver-se como um Espírito imortal, cujo destino é criar e evoluir.

A ciência espírita penetrará na inteligência do homem por meio de uma transformação no tocante ao seu modo de vida social e à concepção espiritual que sustentar sobre si mesmo. Se o ser humano continuar a desenvolver-se dentro da sua rotina mental, a sociedade continuará em mãos dos sectários do mal e do ódio. Consequentemente, a aparição, na Terra, de uma nova mentalidade filosófica e religiosa, depende em grande parte de uma renovação social da humanidade, pois as forças retardatárias só poderão ser desalojadas do ambiente humano quando o homem se reconhecer como um Espírito imortal, com direito à ordem, ao bem e ao progresso. Os gestos de boa vontade não bastam para suprimir um sistema materialista de vida, que está retardando indefinidamente a marcha regular da evolução.

Capítulo XV

SOCIALISMO E ESPIRITISMO

Eis aqui duas palavras que à primeira vista se contradizem, ou que aparentemente não têm entre si nenhuma relação. Entretanto, se penetrarmos na essência de cada uma delas, compreenderemos que um mesmo valor subjetivo e espiritual as une e identifica; descobriremos que o socialismo é uma consequência do espiritismo, visto que o social é sempre uma consequência do espiritual. “O socialismo — disse Cosme Mariño — é um capítulo do espiritismo.”⁴⁵

Os fenômenos sociais têm sua ciência interpretativa no socialismo, como os fenômenos espirituais têm sua ciência demonstrativa e filosófica no espiritismo. Deste modo, verificamos que o social e a sociedade estão regidos pelo Espírito, e que ambos os fatores, o social e o espiritual, se interpenetram e necessitam reciprocamente um do outro.

A sociedade é o ponto de reunião dos espíritos, o lugar onde se opera a encarnação ou o fenômeno palingenésico e também o cenário sobre o qual o Espírito, individual e coletivamente considerado, desenvolve sua evolução e se defronta com muitas situações ligadas ao seu passado espiritual. De modo que a sociedade é o âmbito no qual o espírito encarnado cumpre a sua missão humana e onde acelera ou detém o seu progresso individual.

Se a sociedade é imperfeita e deficiente, do ponto de vista de sua organização, será inadequada para oferecer ambiente de justiça e de beleza, cujas influências são benéficas para a evolução espiritual. Porque, se a estrutura social estivesse baseada na injustiça e na desordem, a sociedade cumpriria um papel

⁴⁵ *El Concepto Espiritista del Socialismo*, Editorial Victor Hugo (Buenos Aires, 1960). Essa obra será lançada em português, pela Edicel.

improdutivo, e além disso não estaria em relação com as aspirações dos grandes espíritos que tanto têm trabalhado pelo bem-estar individual e coletivo dos homens.

A sociedade é o âmbito imprescindível em que há de apoiar-se o desenvolvimento moral dos espíritos encarnados; porém, se ela, repetimos, estiver organizada sobre leis injustas e inumanas, a evolução se ressentirá e a harmonia entre os homens jamais se estabelecerá. Não nos esqueçamos de que cada sociedade contém a seiva nutritiva que há de alimentar as veias da alma. Se essa seiva chegasse a faltar, como já aconteceu e como está ocorrendo ainda, o espírito poderia cegar-se por meio do ódio, reconhecendo que a única realidade a reger o mundo é a luta de classes, ou seja, a que sustenta a estrutura de ricos e pobres.

O socialismo, que é a ciência dos fenômenos sociais, chegou a esta conclusão: o ressentimento das classes desaparecerá com a eliminação das mesmas, estabelecendo-se para isso um sistema social e econômico em que tudo pertença à sociedade, isto é, ao patrimônio comum e onde não existam proprietários, como no sistema ainda imperante, onde são eles os únicos donos da riqueza produzida pela massa assalariada.

O próprio cristianismo, em seus primeiros séculos, combateu os poderosos e aboliu em todo o sentido a propriedade privada. A aspiração cristã de um mundo baseado na igualdade e na fraternidade respondia a um imperativo do coração e dos sentimentos, já que Jesus não trouxe à Terra nada mais do que esse ideal de justiça, baseado na lei do amor. Foi o Nazareno, repetimos, quem disse: “Mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no Reino do Céu.”

Se fizéssemos um estudo psicológico, do ponto de vista cristão, a respeito do mal, descobriríamos que suas raízes se encontram, em grande parte, — sobretudo o mal psicológico,

feito de egoísmo e de inveja, — na desigualdade de bens que, como sabemos, dá origem à desigualdade de posições sociais e engendra, além de tudo, a desigualdade de afetos e sentimentos.

Sabe-se que a igualdade de afetos e sentimentos nasce da igualdade de situação econômica e de uma mesma forma de acomodação social. Mas, se os homens são diferentes entre si, por motivos sociais e econômicos, nunca poderão harmonizar suas mentes com as leis divinas. Esta situação fará que um homem se sinta profundamente separado de seu semelhante, que pode entregar-se ao gozo de todos os prazeres pela riqueza abundante de que dispõe. O espírito, frente a esta desigualdade econômica e social, arma-se para lutar contra seu próximo, a fim de tomar para si o que lhe falta. Esta luta, consequência da desigualdade de classes, afastará o homem de todo pensamento fraternal e religioso. E, como sempre tem acontecido, verá nas ideias espirituais os principais motivos da desigualdade econômica dos povos.

O espiritismo veio revelar ao socialismo o verdadeiro sentido da imortalidade da alma; com isso, o socialismo deixará de repelir o espírito como fator anti-revolucionário. Possuindo um novo idealismo espiritual, as massas terão diante de si um horizonte renovado e mais amplo, para chegarem à meta de suas reivindicações sociais. Entretanto, o que urge fazer, é declarar em toda parte que o espiritismo não é um produto da sociedade materialista e burguesa, com a finalidade de adormecer a consciência progressista dos povos. O que agora se faz necessário é anunciar a nova consciência social e espiritual, que virá ao mundo por meio da filosofia espírita. É preciso esclarecer que o espiritismo é a continuidade histórica do cristianismo e que a sua aspiração é realizar no presente o que fizeram os primeiros cristãos na luta contra o ódio, contra o mal e contra a injustiça.

É de esperar que com o espiritismo não se repita o que aconteceu com o ideal cristão, ao converter-se em religião do Estado. Se a doutrina espírita se transformasse numa aliada do poder temporal, poderíamos dizer que estávamos diante de um novo fracasso do cristianismo. Entretanto, é de supor que essa mesma experiência histórica sirva para impedir um novo fracasso espiritual do homem. Desta vez, o novo espírito do cristianismo, substanciado no espiritismo, permanecerá fiel ao seu destino superior. A obra de redenção humana será cumprida, não obstante a orientação conservadora que ainda prevalece num setor do pensamento humano.⁴⁶

⁴⁶ A respeito do assunto deste último período, ver a obra de J. Herculano Pires, *O Reino*, lançada pela Edicel em sua Estante de Bolso. (Nota da editora).

Capítulo XVI

A ABOLIÇÃO DA LUTA DE CLASSES NÃO É TAREFA EXCLUSIVA DO SOCIALISMO

O conceito de propriedade privada, de qualquer ponto de vista que o consideremos, está em contradição com a dinâmica evolucionista da filosofia espírita. Nem mesmo justificando-o como uma falta de evolução espiritual dos povos, o conceito de propriedade é admissível, pois a sua aceitação implicaria o reconhecimento de um sistema social em que o mais forte se imporia impiedosamente ao mais fraco. O socialismo não é somente “uma bela expressão da cultura humana”; é, sobretudo, a resposta a uma necessidade da evolução espiritual alcançada pela civilização. O sistema de propriedade privada representa um estado social condizente com o passado da humanidade, na fase em que o homem ainda ignorava a realidade de seu crescimento espiritual, em consequência de sua evolução palingenésica.

Esta lei, eminentemente progressista e criadora, transformará e renovará os sistemas sociais, ao revolucionar as condições íntimas dos espíritos. Por isso dizemos que a nova revolução socialista se realizará, ao mesmo tempo, externa e internamente. É assim que surgirá um tipo de sociedade em que as normas morais serão protetoras e condenarão toda forma de privilégio social.

A reencarnação, ou lei palingenésica, não justificará jamais, como ainda se pretende, as desigualdades sociais. A lei de causalidade espiritual ou existencial não determina as formas de sociedade, pois o destino individual do homem carece de força histórica para estabelecer um regime social baseado no sistema de propriedade privada. Além disso, o socialismo não é uma questão de ditadura do proletariado nem de imposição estatal: o socialismo é o resultado de uma avançada evo-

lução mental e espiritual dos indivíduos que, de um sistema social privado e egoísta, nos faz passar para outro, de tipo coletivo e fraternal. Quer dizer que o socialismo não é a consequência de uma ditadura, o que seria encará-lo unicamente do ponto de vista político, esquecendo-nos de sua natureza ética, científica e filosófica.

A lei de renascimento origina destinos individuais, mas não poderá jamais determinar sistemas sociais. Os sistemas ou formas de convivência social, estabelece-os a ciência da sociedade, elaborada pelos mais brilhantes espíritos. Mas disso a querer ligar a situação imperfeita de um indivíduo a um sistema social imperfeito torna-se ilógico e não corresponde às leis do pensamento evolutivo. A lei de igualdade é facilmente reconhecida e aceita pelo pensamento filosófico, tanto mais que é uma resultante do desenvolvimento e da evolução espiritual, através da lei natural da palingenesia. Aspirar, portanto, a uma sociedade sem classes, não é um anseio exclusivamente socialista e comunista. Podemos admitir que é também a consequência de um engrandecimento moral da alma humana. Vale dizer que, do ponto de vista espírita, pode-se aspirar ao estabelecimento da lei de igualdade, levado somente por uma razão filosófica.

O socialismo, que antigamente era aceito como um fenômeno exclusivamente político, é agora um postulado moral e filosófico que emana, por assim dizer, da própria alma dos indivíduos. Daí se conclui que o Estado sem classes sociais, concebido pela filosofia espírita, surge ao revés da concepção materialista: manifesta-se de dentro para fora, o que nos mostra que o sistema socialista não é somente um fenômeno político, mas a consequência de um estado de compreensão da fraternidade humana e espiritual, atingido pelas almas altamente evoluídas.

De acordo com esta visão evolucionista do indivíduo, não se pode afirmar, como o fazia a mentalidade conservado-

ra, que “haverá sempre ricos e pobres”, pois se isto fosse certo teríamos que afirmar, com o mesmo critério, que “sempre haverá bons e maus” na humanidade. Sabemos, pelo contrário, que a evolução tudo transforma, e que o sistema social, com todo o conjunto espiritual e humano, evolui para melhores condições, já que nada permanece definitivamente fixo na natureza e na história.

A evolução palingênica do homem permite-nos supor que a ordem social avança rumo a condições em que o socialismo se torna uma realidade fraterna, e em que a propriedade privada se torne realmente propriedade coletiva. Essa a razão por que o espiritismo não poderá justificar nem aceitar os tipos de economia social baseados no *espírito de posse*. Quando a riqueza econômica é de caráter privado, é porque está viciada pelo egoísmo e pelo exclusivismo individualista. Basta encararmos bem o problema e veremos que o que se considera propriedade privada não tem realidade física nem espiritual. Comprovaríamos que a vida humana passa inteligentemente do privado para o coletivo, isto é, do regime capitalista para o regime socialista.

As coisas físicas terão caráter privado enquanto o homem puser o seu espírito na dependência delas, procurando um meio de se firmar no mundo. Mas quando reconhecer que sua estada na Terra depende mais dos valores morais e espirituais que das coisas físicas, então o homem socializará a ordem econômica e repelirá o sistema de propriedade capitalista. Reconhecerá, assim, que unicamente a propriedade coletiva poderá beneficiá-lo, libertando-o do egoísmo e da usura individualista.

De acordo com a filosofia espírita, a evolução espiritual, pura e real, realiza-se sem ligação alguma com os instrumentos terrestres. O espírito trabalhará por meio deles, mas seu único dono será a sociedade, pois bastaria aparecer o menor desejo de posse sobre as coisas para que o normal desenvolvimento de

sua evolução se perturbasse. O espírito compreenderá que a propriedade, por pequena que seja, tem sua origem na pequenez moral do indivíduo. Saberá ainda que um Ser superior pensará sempre no todo e nunca na parte. Chegará a compreender que a propriedade privada se relaciona com o pequeno e se circunscreve ao mundo, enquanto a propriedade coletiva se vincula no grande e extenso, bem como na concepção cósmica da filosofia espírita.

O capitalismo, por seu egoísmo moral, crê que este mundo é o único a dominar o Universo. Ao contrário, o socialismo, espiritualizado pelo ideal espírita, apresentará ao espírito milhões de planetas girando pelo espaço. Porque o privado é próprio dos sistemas individualistas, enquanto o coletivo se liga facilmente à realidade, que nos apresenta a pluralidade dos mundos habitados e a doutrina das vidas sucessivas.

Acreditamos que a transformação social resulta iniludível frente à teoria da evolução espiritual; em consequência, ou o espírita se converte em socialista no plano econômico, social e político, ou será um opositor da linha ascendente da evolução geral da humanidade. Se ficar ao lado do progresso, auxiliará o *espírito do futuro* nas transformações que este vai realizando. A verdade é que o evolucionismo espírita não poderá submeter-se a nenhuma concepção conservadora ou misonéista, já que para ele tudo avança, muda e se aperfeiçoa incessantemente. O próprio homem é um Ser que evolui sem parar, tanto na vida presente como através das múltiplas existências que terá de viver.

Em tudo e com tudo, pois, irá para diante, seguindo a poderosa lei de evolução, que transforma tanto os indivíduos em suas ideias e caracteres, como os povos em suas concepções ideológicas e em seus sistemas sociais.

A lei de igualdade, como consequência da lei palingenésica, não deixará de manifestar-se pelo fato de existirem

destinos individuais a serem cumpridos. O destino individual não representa nem determina os sistemas sociais, pois, se assim fosse, teríamos de aceitar para sempre o sistema capitalista no mundo. Não obstante, dentro da própria lei de igualdade, fator revolucionário que institui o socialismo na Terra, podemos admitir a desigualdade; mas esta será sempre de caráter individual e nunca de natureza social. A igualdade responde ao lógico e ao natural, e para ela marcham o homem e a sociedade, repelindo continuamente todo intento de desigualdade econômica, por considerá-la um obstáculo moral na ascensão progressiva dos espíritos.

Por último, é preciso levar em conta que o Ser é uma essência impessoal e que, por isso mesmo, nada poderá aderir de temporal à sua natureza individual.

Se deseja avançar no caminho de sua evolução, deverá *despersonalizar-se* totalmente, enriquecendo seu mundo interior e imortal com sutis e variadas emoções estéticas, espirituais e religiosas, pois elas se fixarão em seu perispírito e se transformarão em faculdades superiores do espírito.

O Ser é uma essência livre; provém do mais profundo e avança para o mais sublime da divindade. Por conseguinte, todo verdadeiro homem livre e progressista deverá encarar os bens econômicos como um depósito que a sociedade lhe concede, para com ele contribuir em favor do aperfeiçoamento da comunidade; mas de maneira alguma se erigirá em proprietário do depósito social, já que para ele todo valor econômico só pertencerá ao patrimônio comum da sociedade.

Capítulo XVII

O CONCEITO ESPÍRITA DE PROPRIEDADE PERANTE OS PAIS DA IGREJA

A única propriedade individual e privada, para a filosofia espírita, são os valores morais, intelectuais e espirituais do Ser. Esses valores são inseparáveis do espírito e aumentarão à medida que sua evolução atinja maior altura moral, convertendo-se em faculdades inalienáveis do Ser. Mas essa forma de *propriedade* será espiritual e nunca material; por isso, os Grandes Seres foram sempre impessoais e não tiveram esse egoísmo pernicioso que mantém viva na alma a ânsia de propriedade privada. Vejamos como pensavam, a respeito, alguns dos Pais da Igreja.

“Em boa justiça — dizia São Clemente — tudo teria que pertencer a todos. Foi a iniquidade que produziu a propriedade privada.”

Santo Ambrósio acrescentava:

“Deus criou todas as coisas com o fim de serem desfrutadas por todos e para que a Terra fosse propriedade comum de todos. A natureza criou, pois, o direito de comunidade, e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade.”

Por sua parte, São Gregório, o Grande, disse:

“A Terra é comum a todos os homens: é em vão, pois, que se julgam inocentes aqueles que se apropriam, para si sós, dos bens que Deus fez comuns, porque, ao não repartirem com os outros o que receberam, se fazem homicidas.”

São Jerônimo escreveu:

“Com razão é que o Evangelho chama os bens da Terra de “riquezas injustas”, pois que não têm outras fontes senão a injustiça dos homens, não podendo pertencer a uns, senão diante da ruína de outros. A opulência é sempre o produto do

roubo; se não foi cometido pelo atual proprietário, o foi por seus antepassados.”

São Basílio diz taxativamente:

“O rico é um ladrão. Acaso não é ladrão aquele que usa para si só o que recebeu para ser divulgado e distribuído? Se chamamos ladrão ao que rouba um vestido, devemos chamar de outro modo ao que, podendo, sem prejudicar-se, vestir um nu, entretanto o deixa nu?”

São João Crisóstomo declarou:

“O que podeis guardar para vós é simplesmente o necessário. Tudo o mais pertence ao pobre, é sua propriedade e não vossa. O rico é um usurpador. É necessário que reine certa igualdade, dando-se uns aos outros o supérfluo. Seria preferível que todos os bens estivessem em comum.”⁴⁷

O próprio Leão XIII, em sua famosa encíclica *De Rerum Novarum*, ao tratar das condições dos operários, dizia:

“Todos os bens da natureza, todos os tesouros da Graça, pertencem em comum e indistintamente a todo o gênero humano.”

A tudo isto devemos acrescentar o pensamento de Jesus, quando disse:

“É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino do Céu.

Esta sentença do Nazareno é a melhor condenação à propriedade privada, do ponto de vista cristão e escatológico.

Efetivamente, se considerarmos o conceito palingenésico da evolução sustentado pelo espiritismo, veremos que sua doutrina jamais justificará o sistema de propriedade privada. Para a moral

⁴⁷ Revista *Constância*, nº 1015, ano 1906, Buenos Aires.

espírita, todo objeto considerado de propriedade individual está indicando que não compreendemos ainda a natureza impessoal do objeto, e que a nossa vontade está sujeita às influências da ambição. Por isso é que a doutrina da propriedade está em conformidade com os espíritos pouco evoluídos. Em compensação, homens espiritualmente adiantados renunciam a qualquer posse privada; são incapazes de se apoderarem de qualquer coisa material, cuja posse perturbe a harmonia da evolução coletiva.

Contudo, existe ainda muita gente que se diz espírita ou espiritualista e aceita essa espécie de chaga moral, que é a propriedade privada. Alguns a repelem ligeiramente, mas a levam arraigada em suas convicções sociais, porque ainda participam do atual sistema de coisas. Além disso, porque sentem grande prazer com a posse dos bens materiais que, entretanto, os coloca na escala moral do tipo materialista.

Psicologicamente, podemos afirmar que a teoria da propriedade individual se enquadra perfeitamente no conceito materialista da vida, especialmente se recordarmos que essa teoria tem sua origem no instinto de conservação. Esse instinto encontra-se muito desenvolvido nos indivíduos que se atemorizam com a ideia do nada definitivo do Ser; daí concluir-se que a propriedade é para eles uma tábua de salvação, diante do perigo de aniquilamento total do indivíduo. Em seu caráter intrínseco, a teoria da propriedade individual é a resultante de uma concepção materialista da vida, razão por que nunca poderá ter um sentido espiritualista e muito menos espiritista.

O advento do socialismo livrará o homem da moral materialista e capitalista. Se é certo que, para o espiritismo, o socialismo é antes de tudo um fato de caráter ético, não obstante isso, seu advento através da ação política e social marcará uma etapa útil para o progresso do gênero humano, progresso que permitirá ao homem desfrutar de uma verdadeira libertação espiritual e econômica.

As diversas etapas já percorridas pela democracia indicam-nos que sua marcha culminará no socialismo, já que sem a sua implantação será impossível o advento de uma verdadeira era democrática. É necessário relembrar que a democracia será a nova estrutura social dentro da qual se produzirão as futuras encarnações de espíritos. Esse novo estado social permitirá ao Ser considerar-se liberto de toda influência possessiva e conservadora, produzindo-se assim um tipo de evolução espiritual que terá consequências revolucionárias, criando condições para reconhecer-se o espiritismo como a ciência da Verdade e da vida.

A realidade democrática nos mostrará que a revolução social do socialismo correrá paralela com a revolução espiritual do espiritismo. Deste modo, a autêntica revolução será integral: serão modificadas as formas sociais, simultaneamente com as concepções espirituais. E assim se poderá afirmar que a sociedade e o Espírito se corresponderão reciprocamente, e que a evolução se produzirá tanto “na habitação como em seu habitantes”, segundo dizia Kardec.

Einstein e o Socialismo

É chegada a época das transformações gerais; nada do que existe, tanto material como espiritual, permanecerá sem receber os impactos da evolução. A transformação que se vem operando na ordem humana leva o homem a novas estruturas sociais e às mudanças mentais que lhe permitirão desenvolver outras formas de consciência social e espiritual. A proclamação da Revolução Francesa, baseada nos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, será cumprida inexoravelmente, ainda que as forças contrárias ao progresso queiram opor-se ao seu avanço. É necessário reconhecer que a liberdade, a igualdade e a fraternidade estão se desenvolvendo gradativamente em todos os povos da Terra, graças à ideia do socialismo.

É evidente que tudo se socializa, porque tudo se aproxima entre si. Já não existe afastamento entre homens e povos; uma concentração recíproca unifica os espíritos, sendo esse o fator primordial que afirmará, incoercivelmente, a ideia socialista e espírita nas consciências. O próprio cristianismo está coadjuvando o advento do socialismo mediante seus postulados de amor e fraternidade. As instituições conservadoras se desmoronam ante o avanço das novas ideias. O homem anseia por novos horizontes; quer viver usufruindo dos bens da natureza e por isso se rebela contra a desigualdade e contra aqueles que se apoderam impiedosamente da riqueza social. Dessa maneira, só permanecerão as ideias e as instituições progressistas: os reacionários e os misoneístas já terminaram sua missão. Agora, diz Kardec, vão agitar-se as entranhas da humanidade, e isso quer dizer que a evolução espiritual chegou a um nível tão importante, que o homem já não se conforma com as instituições conservadoras e as ideias do passado. O ideal espírita se mobiliza sincronicamente com o ideal socialista; as forças do Espírito estão elaborando um novo sistema de vida social, que irá desembocar nas realidades fraternais do cristianismo.

A economia está sendo encarada, cada vez mais, como um fator coletivo que deverá beneficiar a todos por igual. O espírito humano entra num período de civilização cultural que está transformando, radicalmente, tanto as formas sociais como as espirituais. O progresso invade uma nova região da sociedade e da espiritualidade. As formas anacrônicas são abandonadas por formas novas que se ajustam ao grau de evolução alcançado pelo homem.

O próprio Albert Einstein, que se afastava inteligentemente de todo extremismo estéril e infecundo, inclinou-se para o socialismo, como o fizeram os maiores espíritos que passaram

pela humanidade. Vejamos o que escreveu, num artigo intitulado *Por que o socialismo?*⁴⁸

“É desejável que um profano em matérias econômicas e sociais expresse o seu ponto de vista a respeito do socialismo? Minha opinião é afirmativa, por um certo número de razões.

“Inúmeras vezes afirmaram, há algum tempo, que a sociedade humana atravessa uma crise e que sua estabilidade se encontra gravemente afetada. Esta situação apresenta a seguinte característica: os indivíduos se sentem indiferentes e até mesmo hostis, com respeito ao grupo, grande ou pequeno, ao qual pertencem. A fim de ilustrar minha opinião, permitam-me relatar uma experiência pessoal. Discutia eu recentemente sobre a ameaça de uma nova guerra com um homem inteligente e de bons sentimentos, expressando-lhe meu temor de que um novo conflito pusesse seriamente em perigo a própria existência da humanidade. Fiz-lhe notar que somente uma organização supranacional ofereceria no caso uma proteção suficiente. Em resposta, o visitante me disse, com toda a calma: “É o senhor tão profundamente contrário ao desaparecimento da raça humana?”

“Estou certo de que há cem anos ninguém emitiu, com tanta tranquilidade, uma expressão dessa natureza. Ela reflete a posição de um homem de qualidade que se tem esforçado em vão para conseguir um equilíbrio interior e que perdeu mais ou menos a esperança de consegui-lo. É a expressão da solidão, do isolamento que tantos dos nossos contemporâneos sofrem. Qual a causa disto? Como sair disso?

“Se é fácil fazer estas perguntas, difícil é respondê-las com alguma certeza. Devo, entretanto, tratar de fazê-lo, do melhor modo possível, embora tendo consciência de que nossos sentimentos e nossos esforços sejam frequentemente contraditórios, obscuros e dificilmente traduzíveis em fórmulas simples. Todos os

⁴⁸ Da revista *Gauche Européenne*, Paris, janeiro de 1957.

seres humanos, seja qual for sua posição na sociedade, sofrem atualmente deste processo de deteriorização. Prisioneiros, sem que o saibam, do seu próprio egoísmo, sentem-se inquietos, solitários e desprovidos do puro e simples prazer de viver. O homem não pode encontrar sentido para a sua vida, por breve e perigosa que seja, a não ser consagrando-se à sociedade.

“A anarquia econômica da sociedade capitalista, tal como existe hoje, constitui, a meu ver, a fonte real de todo o mal. Vemos diante de nós uma comunidade de produtores cujos componentes se digladiam, continuamente, para despojar-se uns aos outros dos frutos do trabalho de todos. E isto, não com o emprego da violência, mas geralmente com a observância leal de regras legalmente estabelecidas. A este respeito, é importante não perder de vista que os meios de produção, isto é, a inteira capacidade produtiva necessária para a produção dos bens de consumo e dos bens suplementares de equipamento, podem ser, e de fato o são, legalmente submetidos à aprovação privada.

“Por uma questão de clareza, chamarei doravante por trabalhadores a todos aqueles que não compartilhem da propriedade dos meios de produção, ainda que isto não corresponda ao uso normal do termo. O proprietário dos meios de produção está em posição que lhe permite comprar o poder de trabalho do operário. Utilizando os meios de produção, o trabalhador produz bens novos, que se tornam propriedade do capitalista. O ponto essencial deste processo é a relação entre o que o trabalhador produz e a remuneração que percebe, fazendo-se as duas estimativas em termos de valor real. O contrato de trabalho é feito na base do que o trabalhador produz e não está determinado pelo valor real dos bens que ele produz, mas por suas necessidades mínimas e pelas necessidades dos capitalistas em força de trabalho, segundo o número de trabalhadores que procuram emprego. É importante compreender que, até em teoria, a remuneração do trabalhador não está determinada pelo valor de sua produção.

“O capital privado tende a concentrar-se em algumas mãos, em parte por causa da competição entre os capitalistas, e em parte porque o progresso tecnológico, mais a divisão de trabalho, estimulam a formação de grandes unidades de produção, em prejuízo das menores. O resultado deste processo é o aparecimento de uma oligarquia do capital privado, cuja enorme potência não pode ser eficazmente posta em xeque, nem sequer por uma sociedade política democraticamente organizada. A verdade disto aparece na escolha de membros para as assembleias legislativas, por partidos políticos que são abertamente financiados, ou influenciados de qualquer outra maneira, pelos capitalistas privados. Estes últimos, tendo em vista os seus objetivos práticos, afastam o operariado do legislativo. Disto resulta que os representantes do povo não protegem suficientemente os interesses dos setores menos favorecidos da população. Além disso, nas contradições existentes, os capitalistas privados controlam irremediavelmente, de maneira direta ou indireta, as principais fontes de informação: a imprensa, o rádio, a educação em geral. É, pois, extremamente difícil, e quase sempre completamente impossível, que o cidadão individual chegue a conclusões objetivas e possa fazer uso inteligente de seus direitos políticos.

A situação que prevalece numa economia baseada na propriedade privada do capital, por conseguinte, caracteriza-se por dois princípios essenciais: primeiramente, os meios de produção estão submetidos à propriedade privada e os proprietários dispõem deles como quiserem; logo, o contrato de trabalho é livre. Seguramente, não existe sociedade capitalista pura, na qual a aplicação desses princípios seja integral. Em particular, devemos salientar que os trabalhadores, através de longas e amargas lutas políticas, conseguiram obter uma forma melhorada do contrato de trabalho livre, ao menos para certas categorias. Mas, considerada em geral, a economia de nossos dias não difere essencialmente do capitalismo puro.

“A finalidade da produção é o lucro e não a utilização dos bens. Prevê-se apenas que todos os homens capazes e desejosos de trabalhar deverão ter possibilidades permanentes de encontrar emprego. O trabalhador vive, assim, no temor permanente de ser despedido. Quando os trabalhadores ficam sem trabalho ou são mal remunerados, não provendo a um mercado rendoso, a produção de bens de consumo diminui e provoca grandes misérias. O progresso tecnológico acarreta, frequentemente, uma exacerbação da falta de trabalho em vez de aliviar o peso individual do trabalho coletivo. A perseguição de vantagens, somada à competição entre capitalistas, provoca a instabilidade no acúmulo e utilização do capital, que por sua vez conduz a graves depressões. A competição ilimitada acarreta ainda um grande desperdício de trabalho, além desses males já mencionados, que afetam os indivíduos em sua consciência social.

“O capitalismo estropia os homens. Nisto se enraíza, em minha opinião, o maior dos males que ele comporta. Todo o nosso sistema educativo sofre com isso. Inculca-se no estudante uma atitude exageradamente competitiva, levando-o ao culto de êxitos adquiridos, com vistas à sua futura carreira.

“Estou convencido de que não existe mais do que um meio de eliminar estes aflitivos males; é o estabelecimento de uma economia socialista, acompanhada de um sistema educativo orientado para fins sociais. Numa tal economia, os meios de produção pertenceriam à própria sociedade e seriam utilizados de um modo planejado. Uma economia planejada, ajustando a produção e as necessidades da comunidade, distribuiria o trabalho entre todos os indivíduos aptos e garantiria os meios de uma existência decente a cada homem, a cada mulher, a cada criança. A educação, além da sua função de promover as capacidades individuais inatas, procuraria desenvolver o sentimento das responsabilidades, com respeito ao próximo, em lugar de glorificar, como o faz atualmente, o poder e o êxito.

“Não obstante, é necessário recordar que uma economia planificada não é ainda o socialismo. Uma economia planificada pode muito bem ir acompanhada do avassalamento completo do indivíduo. É aí que a realização do socialismo reclama a solução de certos problemas sociopolíticos extremamente difíceis. Como lutar contra a excessiva concentração da potência política econômica e impedir que a burocracia adquira um poder exagerado? Como assegurar a proteção dos direitos do indivíduo e oferecer com isso um contrapeso democrático à onipotência da burocracia?”

“O esclarecimento das finalidades e dos problemas do socialismo apresentam-se como de máxima importância no período de transição que vivemos”.

Como se vê, Albert Einstein colocou, nesse trabalho, a necessidade de instituição do socialismo como uma solução para os grandes males econômicos e morais que afligem os povos. Convém advertir que se um sábio como ele, ao preferir o tipo de sociedade socialista, não o fez, seguramente, por ambições políticas, mas porque viu no socialismo a única maneira racional de se dar ao homem um destino superior.

Posição dos Intelectuais Espíritas

Muitos são os escritores espíritas que esboçaram uma sociologia espírita e socialista. Entre eles, podemos citar, na América do Sul, a Manuel Navarro Murillo, Krainfort de Nínive, Mariano Ruth Sinué, Colombo, Félix Navarro, Victor Ozcáriz y Lasaga, Cosme Mariño, Felipe Senillosa, Manuel Fraseara, Manuel B. Aguilera, Bernabé Morera, Armando Vosci, Felícísimo López, Francisco Urgel, Refúgio L. Gonzalez, J. Herculano Pires, Deolindo Amorim, S. Paz Basulfo, Manuel S. Porteiro, Santiago A. Bossero, Hugo R. Nale, Adán Isola, e no Velho Mundo a Remo Fedi, Gabriel Gobron, Luis Fourcade, Giovanni Hoffman, M. Godil, Paul Bodier, e outras

eminentes figuras que algum dia serão dadas a conhecer como forjadores do socialismo espírita.

No movimento teosófico, Helena P. Blavatsky já falava, em sua época, do que ela chamava *socialismo de amor*, com o qual quis significar que o homem espiritual não pode ser outra coisa senão coletivista, se na realidade quiser fundar “um núcleo da Fraternidade Universal da humanidade, sem distinção de raça, de credo, de sexo, de casta ou de cor”.

Annie Besant, que foi presidente da sociedade Teosófica Mundial, no seu livro *A Nova civilização*, ao referir-se às “questões econômicas”, entre outras acertadas opiniões, destacou o seguinte:

“Se o socialismo se estabelecesse aqui; se a terra inglesa pertencesse ao povo inglês; se todas as coisas de primeira necessidade importadas pela Nação pertencessem a ela; se todas as grandes empresas fossem nacionalizadas, de modo que ninguém nascesse na Inglaterra sem se beneficiar desta terra chamada terra natal, poderíamos prever um tempo em que as nações veriam que sua felicidade reside na paz, no trabalho e na abolição das barreiras separatistas, para que as fronteiras já não tenham necessidade de ser vigiadas.”

Tudo isto nos indica que, no novo espiritualismo que se deduz da filosofia espírita e das demais correntes espirituais, como a teosofia, a antroposofia, a rosacruz e o ocultismo em geral, deveria ser posta de manifesto a essência socialista de seus ideais, pois que, do contrário, estarão secundando, como já o fizeram noutras oportunidades, a reação conservadora e materialista.

É preciso considerar, sempre que se fala de socialismo nos meios espíritas e espiritualistas, que não se trata de fazer política, nem de levar o espiritismo ao campo político. Pensar assim é desconhecer o socialismo como uma filosofia da sociedade, que tem a missão de encarar os fenômenos sociais e considerá-los nas suas grandes contradições, como os fatores causadores daquilo que se denomina luta de classes.

O socialismo, como filosofia da sociedade, analisa o fundamento das desigualdades sociais e revela-nos que a sua origem está na má distribuição da riqueza econômica, fato este que determina as enormes complicações sociais e os inevitáveis choques entre ricos e pobres.

Este fenômeno social não possui somente um aspecto político, mas relaciona-se com o sentido de justiça, logicamente inerente a todos os espíritos altamente evoluídos. Toda injustiça social choca-se, pois, com a sensibilidade moral dos homens mental e espiritualmente evoluídos, e essa posição é que nos obriga a encarar as contradições do sistema capitalista e materialista sobre o qual se funda a sociedade, para tratar de reformar esse sistema, que em nada facilita a evolução espiritual, e para evitar dores e penúrias, que bem pouco beneficiam o desenvolvimento interno dos espíritos.

O socialismo, com efeito, é o resultado do sentido de justiça desenvolvido no homem moderno, em virtude da sua evolução espiritual, mas encontra-se amparado no critério científico das doutrinas sociais e econômicas. O espiritismo, que é a vanguarda ideológica do espiritualismo dinâmico e moderno, por essa mesma razão não pode deixar de mostrar sua essência de justiça social, baseada na igualdade das classes sociais. Não foi sem razão que Allan Kardec escreveu:

“O simples fato da possibilidade de comunicar-nos com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis, da mais alta gravidade. É todo um mundo que se nos revela, e que tem tanto maior importância quando atinge a todos os homens, sem exceção. Generalizando-se o seu conhecimento, não pode deixar de ocasionar uma profunda modificação nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças, que tão grande influência exercem nas relações sociais. É toda uma revolução que se opera nas ideias; revolução tanto maior, tanto mais poderosa quanto não está circunscrita a um povo ou a uma

casta, mas simultaneamente se estende ao coração de todas as classes, de todas as nacionalidades e de todos os cultos.”

A filosofia espírita do homem e da história representa a força mais considerável para suprimir os princípios do materialismo e estruturar, como já o está fazendo, um ideal socialista baseado na realidade positiva do Espírito imortal.

A política, da maneira como atualmente se faz, é somente um meio para atingir o poder e dispor dos bens econômicos em favor de um agrupamento ou de uma classe social. Ao contrário, o socialismo, idealista e revolucionário, não encara a realidade social desse modo, nem entra nas lutas sociais com finalidades tão baixas. O ideal socialista é uma aspiração superior, que desemboca num sistema de vida capaz de fazer a felicidade de todos os homens. Mas não se detém nisso: avança para o futuro, penetra no espírito do indivíduo e mergulha nas leis da natureza, para descobrir o sentido da realidade histórica e social. Em sua última finalidade, desembocará numa nova religião do homem, fazendo ver à humanidade sua natureza espiritual e seu vínculo com a vida cósmica e universal.

Esta visão do socialismo será confirmada, quando ele tenha superado sua etapa materialista, ao aceitar os postulados científicos, filosóficos e religiosos do espiritismo que, como revelação positiva do mundo espiritual, é uma verdadeira revolução perante as imperfeições do mundo material. Por isso José Mazzini pensava o seguinte da ideia espírita:

“O espiritismo científico, isto é, a alma humana analisada experimentalmente em suas propriedades e manifestações, produzirá, com os seus estudos, tão inesperados conhecimentos que, perante eles, ficarão atônitos, obscurecidos e ruirão todos os humanos edifícios políticos e morais que até o presente vêm dominando.

“Pela aplicação prática dos resultados do estudo do espiritismo, uma nova Ética, pura, regeneradora, poderosa, resurgirá da natureza. Será o potentíssimo credo que fará mor-

rer as mais enraizadas instituições político-religiosas dominantes na Terra.

“Por uma apreciação mais ampla e mais bem disciplinada das leis que regem o Universo, mudará completamente a orientação da ciência, e a inevitável consequência que isto terá de produzir afetará a todas as manifestações da vida, que então se explicarão pela razão do maior, do mais santo dos conceitos: o dever.

“Como Deus é uno, como a positiva substância da qual provêm todas as formas é também una, assim deverá ser, assim será a religião ou ciência da Alma, que reunirá sob o seu estandarte todas as escolas, todos os povos.

“Isto é o que sustenta o espiritismo. A luta será áspera, faticante, mas sua consequência é inevitável. De nada valerá que se aliem contra ele todos os animais daninhos da Terra: o forte, o indomável Veltro⁴⁹ avança a grandes passos, saturando o mundo com a sabedoria e com a fé dos sábios e dos heróis de todas as épocas. E com os fulgores da ciência positiva caçará as feras, até mesmo nos tenebrosos recessos de seu mundo inferior.

“Então, soprarão sobre a Terra auras de paz e de gozo; do peito dos homens subirá espontaneamente o hino de louvor e de amor a Deus; e a humanidade, perdendo o último vestígio animal que lhe resta, voará qual nascente mariposa, bela e pura, à conquista das mais excelsas regiões, das mais puras esferas.”⁵⁰

E assim, tal como a anunciara Mazzini, o grande republicano italiano, os homens só reconhecerão a essência do espiri-

⁴⁹ Veltro ou Lebréu é um cão usado na caça de lebres, um lebreiro. Citado pelo poeta Virgílio na Divina Comédia, de Dante Alighieri, simboliza uma espécie de arauto da transformação, um tipo de redentor ou salvador, o construtor milenarista do reino de Deus aqui na Terra. (Nota do **Pense**).

⁵⁰ Revista *Lumem*, Tarrasa, Espanha, coleção de 1905. — Em Tarrasa, Miguel Vives escreveu um dos mais belos manuais de conduta espírita, com que a Edicel iniciará a sua Coleção de Bolso: *O Tesouro dos Espíritas*. (Nota de J.H. Pires).

tismo quando tenham esgotado a ânfora da dor, para levantar os olhos à luz. Porque há uma imensa dor espiritual entre os homens, por causa dos males gerados pela injusta organização social, baseada numa imperfeita distribuição dos bens econômicos.

A igualdade social será a consequência do reconhecimento da igualdade espiritual. Os espíritos são iguais perante Deus. Consequentemente, os bens da Terra, acumulados egoisticamente, não podem estabelecer diferenças humanas nas organizações sociais. O caso dos homens que se acreditam superiores aos seus semelhantes, só porque possuem maiores bens econômicos, explica-se pela ignorância das profundas leis da igualdade espiritual, determinadas pela reencarnação ou lei palingenésica.

A este respeito, dizia Kardec:

*“Com a reencarnação, destróem-se os preconceitos de raças e de castas, desde que o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grão senhor ou proletário, amo ou servo, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos que se têm invocado contra a injustiça da escravidão e contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não há nenhum tão lógico como o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda sobre uma lei natural o princípio da fraternidade universal, funda também na mesma lei o da igualdade de direitos sociais e, por conseguinte, o de liberdade.”*⁵¹

O socialismo, espiritualizado pelo espiritismo, será a grande força histórica e social que nos poderá aproximar dos postulados fraternais do cristianismo. A igualdade e a liberdade serão confirmadas pela visão espiritista da vida, sendo a lei de palin-genesia a que estabelecerá o socialismo dos espíritos e, portanto, a igualdade espiritual, jurídica e econômica, entre os homens.

⁵¹ Allan Kardec, *A Gênese*.

Capítulo XVIII

A POLÍTICA E O DINHEIRO

Como sabemos, a lei palingenésica traz consigo uma nova atitude espírita, em face do mundo e dos seus valores. A política e o dinheiro, dois instrumentos por meio dos quais o homem poderá realizar outras etapas da evolução, assumem, vistos espiritualmente, outras interpretações, que diferem completamente das do mundo antigo.

A política, como ciência e arte de governo, deixará de ser uma palavra vazia, como ocorre ainda na cultura contemporânea. Será, pelo contrário, não somente a ciência de governar, mas também se transformará numa ciência do Espírito encarnado. Sua visão será dirigida para dois motivos fundamentais: o espírito e a pessoa moral. Portanto, se o espírita se movesse e atuasse de acordo com o pensamento clássico da sociedade, não contribuiria em nada para a renovação do mundo, e sua alma estaria vazia de riquezas espirituais. Ao contrário, se o espírita se relaciona com a sociedade, ao renovar seu mundo interior, forçosamente terá que modificar seu mundo exterior, isto é, a organização social onde desenvolve o seu Ser, dando lugar assim a uma verdadeira *política do espírito encarnado*.

Segundo a filosofia espírita, a política é um fenômeno social que tem sua origem na essência ética do indivíduo, razão pela qual o cidadão se manifesta não somente como um *ser moral*, mas também como um *ser político*. O homem adquire, por este *ser político*, o direito e a obrigação de participar do progresso social, mas com um conceito totalmente distinto do conceito da política clássica, que irremediavelmente conduzirá ao desmoronamento do Estado contemporâneo.

Se, como vemos, a natureza política do cidadão é inerente à essência espiritual do Ser, isso determinará fenômenos de ação social e civil na vida material do Espírito. Inclina-lo-á,

primeiramente para uma reflexão sobre o estado social da Terra e depois para a necessidade de interferir nas partes mais afetadas dessa situação. Dessa maneira, a essência espiritual do homem irá preparando um organismo social no qual possa renascer com um estado de consciência mais em harmonia com a lei de progresso.

Assim, as formas políticas alcançarão seus caminhos naturais, visto que toda a legislação social será a manifestação do nível moral alcançado pelo cidadão, e não será devida aos intrincados artigos de códigos que, em geral, sempre se inclinam em favor dos privilegiados. A visão do espiritismo não é a mesma das religiões eclesiásticas, que têm desfigurado os processos espirituais do homem e da sociedade. A filosofia espírita, pelo contrário, permite ao indivíduo a conquista de superiores estados de consciência, que ajudarão o cidadão a se colocar em seu verdadeiro meio social, para realizar sua evolução em contato com a moral e a ciência, enquanto as ideias dogmáticas desnaturam o *ser político* do homem, com vãs promessas ultraterrenas.

Foi por isso que o homem misoneísta, de temperamento eclesiástico, mostrou-se sempre contrário à evolução do mundo, negando-se a tomar a alavanca propulsora desse processo. Seu desejo era o de que as coisas continuassem com as mesmas estruturas de sempre. Isto nos explica porque a religião emanada de certas igrejas tem tanto apego à tradição e às coisas superadas pelo progresso.

A essência íntima do espírito é evolutiva, porque vem projetando luz não somente ao seu redor, mas também sobre todos os aspectos da criação. Sendo, pois, de essência criadora, o espírito construirá um *novo ser* e um *novo estar no mundo*, e conseqüentemente, outro conceito político do homem.

Vejamos agora em que se funda o amor ao dinheiro, e que papel desempenharão os espíritas em face desse problema.

A sofreguidão pelo dinheiro é causa de um instinto que se perpetua na civilização cristã, em virtude dos bens individuais, cuja origem tem suas raízes no que se denomina *espírito possessivo*. O homem desprovido de noção sobre a imortalidade espiritual — e falamos do *homem histórico*, que somente se ateu à realidade visível — inclinou-se para o valor das coisas materiais, delas fazendo-se escravo. A maior quantidade de riquezas acumuladas lhe proporcionou maior felicidade e bem-estar; assim, guiado por este conceito, lançou-se à conquista de tudo quanto encontrava em seu caminho. Deste modo sobrevieram as guerras, organizaram-se diversos sistemas sociais, e por fim estabeleceu-se a propriedade, no curso da história, como uma *lei* de economia política. As religiões declararam-na dogma de origem divina, e todo o desenvolvimento da humanidade realizou-se sob tão nefasto princípio. Sobre esta base, a moral tornou-se uma mentira, pois, onde quer que impere o sentido possessivo das coisas, existem o ódio, a calúnia e as guerras de conquista.

Tornaram-se mentira, também, a religião e a filosofia, se levarmos em consideração que, no referido sistema social, estas forças espirituais servem somente para justificar as leis e processos que se empregam na defesa do conceito anticristão de propriedade. Nos novos tempos, somente o espiritualismo espírita poderá demonstrar a irrealidade da chamada propriedade individual. O espiritismo, ao desmaterializar os fenômenos materiais, anula a razão do espírito de posse sobre as coisas. A única propriedade de seu reconhecimento são os valores morais acumulados pelo homem em sua eterna ascensão, através de seus renascimentos. Além disso, afirma o ideal espírita que o sistema individualista das coisas não é mais do que o resultado de um temor do desconhecido, pois o indiví-

duo, ao aferrar-se à matéria, acredita dessa forma poder prolongar sua vida indefinidamente.⁵²

De acordo com a Terceira Revelação, o Ser se encarna para desenvolver sua evolução espiritual; mas este ato o coloca no histórico, para que o governe mediante a sua essência imortal. O Ser, ao encarnar-se, não o faz com o fim de apoderar-se das coisas visíveis, isto é, das riquezas temporais. O que o Ser encontra, ao chegar na Terra, lhe é dado em custódia, a qual, segundo a filosofia espírita, converte o homem em depositário e não em proprietário das coisas do mundo. Porque o fato da encarnação não significa apropriação de riquezas materiais, mas uma alienação de bens temporais, isto é, uma administração da economia terrestre, para o bem de todos e sem apropriação da mesma.

O homem que declara alguma coisa como de sua propriedade exclusiva é ainda demasiado pequeno, do ponto de vista espiritual. Sabemos que o particular nunca teve confirmação nas doutrinas de Jesus; e tanto o espiritismo, como o cristianismo, julgam as coisas da Terra como instrumentos coletivos da humanidade.

“A riqueza e o poder — dizia Allan Kardec — engendram todas as paixões que nos afastam da perfeição espiritual; por isso, Jesus afirmou: “Em verdade vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus.”⁵³ Só recordando esta irrecorrível advertência é que o homem se espiritualizará, moralizando-se nos atos que realize através da história: a riqueza e o poder a que se refere Allan Kardec não serão as principais

⁵² Basta lembrar os costumes antigos de enterrar os poderosos com sua esposa e seus escravos, jóias e utensílios e os costumes ainda vigentes, de deixar heranças a igrejas, com a condição de celebração de missa em favor do defunto, e assim por diante. (Nota de J.H. Pires).

⁵³ *O Livro dos Espíritos* - Lei de Igualdade.

aspirações do Ser, ao encontrar-se em sua condição de encarnado. Para isso, deverá relacionar tudo com o cumprimento da lei de igualdade, compreendendo que todos os homens são iguais perante a lei natural e perante os desígnios divinos. A encarnação do Ser, depois de anulado o seu instinto de propriedade, servirá ainda para a realização da verdadeira igualdade entre homens e povos, que conduzirá ao estabelecimento social do cristianismo.

O humanismo espírita é o elemento indispensável para estabelecer-se um tipo de sociedade que desemboque numa concepção cristã-socialista. Seus fundamentos vão mais longe que a visão marxista, já que a concepção espírita socializa o próprio homem, sobre as bases da unidade divina.

O espiritismo, a despeito do marxismo, liberta o homem e o cidadão do temor da morte, mostrando-lhe que esta é apenas uma transformação necessária para a evolução do Ser. O marxismo, entretanto, desaparece com a morte do indivíduo, pois sua concepção mostra-se impotente para triunfar da morte, através de seus princípios. O espiritismo é a verdadeira revolução humanista que transfigura a morte e a matéria e coloca acima delas o espírito imortal, para que tudo governe, tanto no plano humano como no plano histórico.

Sobre estas novas bases se levantará um novo Ser da humanidade. Assim, a entrada do espiritismo na história constitui um fato transcendental, que operará importantes transformações na vida das Nações. A manifestação dos espíritos, quando for avaliada em todo o seu alcance, será algo mais do que a Reforma, o Renascimento, a Revolução Francesa e mais singular do que a Revolução Russa.

Com o espiritismo se produzirá um encadeamento dialético entre o Céu e a Terra. Os homens e as almas se juntarão e as rotas do Infinito se abrirão aos heróis e aos lutadores, como um

novo cenário para a palingenesia divina de todos os seres. A humanidade, em forma individual e coletiva, recuperará a memória do eterno, fazendo-se consciente de seu papel no Grande Plano da Evolução Universal.

Nenhuma ideia ou filosofia política se acomoda ao Estado quando revela princípios radicais de reforma. Para um Estado, cuja base seja o antigo sistema social, somente serão úteis aquelas ideias que afastem o cidadão do espírito de justiça. Augusto Comte, por exemplo, deu forma à sua concepção positivista, levando em conta as tendências do homem conservador e misoneísta. Por isso, socialmente considerada, a sociologia comtiana é de valor relativo; ela não fez mais do que apresentar um tipo social que se amolda aos velhos costumes, sem despertar no cidadão anseios revolucionários.

Por ser o sistema de propriedade privada e o dinheiro dois instrumentos, até o presente, necessários para a evolução do homem, convém analisar, do ponto de vista espírita, como o sistema de propriedade individual dá equivalência ao dinheiro, na forma usurária a que está acostumado o espírito humano. Os espíritas devem refazer o seu conceito do dinheiro, isto é, usar dele sem o desejo de acúmulo, pois o espiritismo postula um valor que não reside nas coisas, mas no espírito do homem, único soberano sobre a matéria. As coisas, como sabemos, adquirem valor quando são positivas e universais, e quando, pelos resultados, assumem caracteres próprios através das leis. O dinheiro, ao contrário, é um símbolo (morto) que terá valor enquanto existir a coisa que a justifique. Mas a coisa existirá mesmo sem o dinheiro, o que quer dizer que ele é um elemento fictício, ao qual se faz representar, convencionalmente, o valor natural de um objeto.

Não obstante, costuma-se atribuir ao dinheiro um poder mágico, como se ele pudesse produzir algo que não existe. Daí a razão de o perseguirem desesperadamente, procurando acumulá-lo enormemente e empregando os piores meios para

consegui-lo. Não duvidemos de que todos os cataclismos sociais são sempre produzidos pelo dinheiro, este símbolo que, por si só, não passa de um objeto morto e inoperante. É claro que, no sistema de sociedade capitalista, o dinheiro representa o poder e a força, mas porque assim o permite a estrutura política e econômica. Em compensação, numa sociedade fundada sobre uma política do espírito encarnado, não haverá jamais qualquer possibilidade de criar-se um valor como o que tem atualmente o dinheiro, já que o homem estará em relação com a essência moral da própria coisa e não somente com o seu valor representativo.

A acumulação material é contrária ao desenvolvimento espiritual. A moral baseada nos interesses privados e anticolletivos não é a de Jesus, nem a dos Grandes Espíritos. Por isso, é acertado afirmar que o espiritismo é como uma desmaterialização dos valores econômicos e materiais em geral. Porque, na interpretação espírita da vida, não se considera apenas a sobrevivência dos espíritos, mas que nela existe uma sobrevivência dos valores, únicos a beneficiarem o Ser divino do homem e da humanidade.

Capítulo XIX

A MEDIUNIDADE SOCIAL E O ADVENTO DA ESPIRITOCRACIA

O ideal espírita, no sentido humanista, transforma-se numa militância espiritual entroncada diretamente com o social. Neste particular, é preciso levar em conta que toda atividade do espírito, para ser efetivamente prática, deverá relacionar-se com o social e o popular. Jesus, o visionário mais nobre e puro que apareceu na Terra, não se isolou nem formou grupos de pessoas escolhidas; pelo contrário, pôs a Revelação do amor divino em contacto com o povo, porque sabia que a sorte das grandes ideias é encarnar nas massas para iluminá-las e por meio delas traçar rumos superiores ao destino humano.

O novo espiritualismo, se deseja desempenhar seu verdadeiro papel no mundo, deverá penetrar na alma popular e realizar, na vida íntima e externa do homem, o que não puderam fazer os ideais materialistas nem os sistemas religiosos. Infelizmente, as escolas espiritualistas mais conhecidas estiveram, na grande luta pelo progresso, ao lado dos poderosos, ou não se mostraram imparciais frente às injustiças humanas, argumentando que a missão de cada uma era apolítica e antissocial.

Em muitas oportunidades históricas, essas escolas serviram mais aos regimes da exploração humana do que aos justos anseios de reivindicações populares, como soube fazer o cristianismo nos primeiros séculos. Dizer, por exemplo, que o espiritualismo não tem uma missão social nem política torna-se inadmissível nos tempos atuais. Essa argumentação só poderia ser aceita nos tipos de espiritualismos misoneístas, como foi o caso do ocultismo alemão, ao pôr-se ao lado do nazismo. Mas, no que respeita ao espiritualismo espírita, a situação muda completamente, pois sua disposição ideológica se baseia num evolucionismo dinâmico e revolucionário.

Já está demonstrado que é o espiritualismo espírita que fará enraizar-se a ideia do espírito e da sua palingenesia nas doutrinas sociais, apoiando-se, como sabemos, em seu realismo mediúnico. Com ele, o idealismo se afirmará novamente, de olhos postos no porvir das almas e dos povos. O homem voltará a sonhar, de novo se acenderão as tochas do ideal romântico e a sociedade avançará para planos cada vez mais espiritualizados, firmando-se sobre a concepção palingenésica do Espírito.

Não nos esqueçamos de que as ideias emanadas do materialismo se tornam infecundas para levantar a alma das nações até à redenção e à heroicidade. A voz sonora dos povos levantar-se-á harmoniosa e profética, por meio do espiritualismo espírita. As tribunas se converterão em cátedras do Espírito e se manifestará uma nova faculdade mediúnica: a *mediunidade social*, por meio da qual os fenômenos sociais, políticos e econômicos serão elucidados pelos Grandes Seres, que se comunicarão com a alma do povo para expressar ao homem e ao cidadão o verdadeiro significado da existência e das questões sociais.

Assim nascerá, no seio da civilização, uma nova democracia: a *Espiritocracia*, fundada na realidade espiritual do povo. Ela não se parecerá com aquela proclamada pelos ideólogos do capitalismo materialista, dentro da qual se movem comodamente três formas da antidemocracia: a Aristocracia, a Plutocracia e a Teocracia.

A *mediunidade social* se fará presente através dos autênticos tribunos e oradores do espiritismo. Por meio dela, homens e espíritos se reunirão para impulsionar o progresso social e a ação dos reformadores. Sua irradiação será tão profunda que os espíritos antiprogressistas evoluirão sob a sua influência, pela simples ação das verdades proclamadas. Com a *mediunidade social* terá início uma nova modalidade de reivindicação humana: a ideia de justiça se apresentará como consequência da inspiração dos espíritos. Não haverá, pois, necessidade de se

continuar admitindo as formas de governo que obriguem o cidadão a respeitar o justo e o superior. A Justiça será uma inspiração dos sentidos da alma; desse modo, a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, reconhecidas por Allan Kardec como “o programa de toda uma ordem social”⁵⁴ se enlaçarão entre si, espiritualmente, para realizar as três soberanias de Geley: a Soberana Consciência, a Soberana Justiça e o Soberano Bem.

Por conseguinte, aquilo que denominamos *mediunidade social* será apenas um vínculo a unir o sentido de justiça da Terra com o sentido de justiça do além. Lembremo-nos de que a história foi sempre movida pela *mediunidade social*. As grandes forças coletivas são as que transformam a fisionomia das culturas e das civilizações; por isso, a *mediunidade social* não será somente de efeitos individuais; mais do que nunca será o resultado de efeitos coletivos e comunitários, porque sua ação estará dirigida aos grandes processos históricos para que as provas avancem, modifiquem-se e melhorem as suas estruturas sociais e religiosas.

A *mediunidade social* abrangerá tanto a tribuna e o orador, como as massas. Em certos momentos, os povos desenvolvem um tipo de mediunidade coletiva, por meio da qual se produzem as revoluções históricas, como a francesa e a russa. Sem elas, essas revoluções não teriam conseguido firmar-se, ante o conjunto de interesses que se lhes opunham. Porque, como vimos dizendo, o que é velho e conservador sempre se oporá ao que é novo e progressista.

As revoluções históricas têm um caráter de *mediunidade social*, que as torna invencíveis. O cristianismo esteve sob a influência da *mediunidade social*, e por isso pôde triunfar, em face ao poderio dos Césares, para chegar a ser o ideal moral e religioso da humanidade. O coletivo possui sempre uma dose

⁵⁴ *Obras Póstumas*, Allan Kardec.

de mediunidade; por isso é que o povo, no mais íntimo de seu espírito, é mediúnico, recebe as direções precisas, quando seu destino há de encaminhar-se para novos estágios de aperfeiçoamento espiritual e social.⁵⁵

Como se verá, o espiritualismo espírita é o único que possui caracteres mediúnicos; por conseguinte, é ele que deverá dirigir-se aos povos, para que desenvolvam suas qualidades psíquicas e metapsíquicas. Isto nos indica que povo e espiritualismo serão mediúnicos; assim poderão abrir-se no histórico, para subir, conduzidos pelo Espírito de Verdade, até um plano social onde o cristianismo possa tornar-se uma realidade vivente.

⁵⁵ Os casos históricos de mediunidade social são numerosos, podendo ilustrar largamente esta bela tese de Mariotti. Todos os grandes livros religiosos e os poemas clássicos da antiguidade são repositórios de exemplos nesse sentido. Veja-se o intercâmbio mediúnico na *Iliada* e na *Odisséia*, de Homero; o povo hebreu conduzido na história, segundo a bíblia, pela mediunidade-social de Abrão, Moisés e os Profetas; e, nos tempos modernos, o episódio de Joana D'Arc na França, estudado por Léon Denis em *Joana D'Arc Médium*, e assim por diante. O próprio Augusto Comte intuiu essa realidade histórica e a exprimiu muito bem, embora a interpretasse erroneamente, quando afirmou que os vivos são sempre e cada vez mais dominados pelos mortos. (Nota de J.H. Pires).

Capítulo XX PARA A FILOSOFIA DE UM NOVO PENSAMENTO

Todos os grandes construtores da nova filosofia, pertencentes aos tempos novos, estão reunindo os elementos com que fundar, de forma positiva, um Novo Pensamento referente ao homem e ao Universo. Os estados psíquicos que o impediam são eliminados pela cultura, à medida que se penetra na parte profunda das coisas. Este processo de renovação está conformando na espécie um Novo Pensamento, que já exerce influência sobre a própria evolução mental dos indivíduos pertencentes à Nova Idade Espiritual do mundo.

Como se sabe, a evolução psíquica corre a par com a evolução mental e por isso tudo o que existe se acha em face de um novo enfoque filosófico. A doutrina chamada *fixista* ou do *fixismo*, admitida ainda pelo antigo pensamento, está sendo abandonada, já que o próprio Pio XII, recordando o velho Heráclito de Éfeso, disse que “O cosmos evolui”, o que quer dizer que o advento de uma nova mente na humanidade se produzirá por ação da própria lei de progresso.

Este estado de coisas obriga-nos a reconhecer, com Kardec, que “os tempos chegaram” e que, em consequência, tudo tende a se transformar, mediante uma renovação constante do Espírito. O Universo já não é aquele reduzido espaço que existia entre a Terra e o Céu; agora, a ideia do cósmico penetra nas consciências com grande facilidade, e o lugar do homem no Universo amplia-se, eliminando as fronteiras, para unir mundos e sóis numa só e universal família.

Desta maneira é que está nascendo a verdadeira liberdade do indivíduo. O Ser respira os ares do cosmos, que o engrandecem e fazem que sua natureza se sinta ligada ao Universo, relacionando-se assim com o grande cenário da

vida Infinita. O sentimento dogmático vê-se impedido de evoluir para o realmente religioso, sobre a base de um sentimento cósmico da divindade; deste modo, o homem está refazendo sua natureza, e para orar já não se encerra num templo “feito por mãos de homem”, mas penetra no templo do Universo para sentir, com Albert Einstein e outros, a religião cósmica, arquivando para sempre o que o grande sábio chamava “religião-terror.”

Com efeito, a alma humana está penetrando nas esferas de um Novo Pensamento que lhe permitirá observar a natureza e a criação com renovado critério filosófico. O que entreviram os místicos, através de suas experiências religiosas, nos novos tempos, o confirma o quefazer científico: Deus está entrando no coração humano pelo milagre natural de tudo o que existe ao ser estudado com penetração clarividente, o que permite observar a realidade invisível que se oculta e subjaz nas formas naturais.

A Eterna Sabedoria renova, assim, sua mensagem ao mundo atual, demonstrando que todo o existente, tanto o macrocósmico como o microcósmico, o grande como o pequeno, possuem um mágico segredo, que os move e impulsiona. As figuras milenárias da Antiguidade voltam para dizer-nos que a sabedoria de ontem é a de hoje e a de amanhã; mas a cultura moderna não o compreendeu assim, por considerar que toda a realidade do mundo está na parte epidérmica das coisas: olvidou-se, em uma palavra, que “a alma é a chave do Universo.”⁵⁶

A manifestação de um Novo Pensamento na espécie humana será a única maneira que lhe permitirá solucionar o grande drama da existência. A velha mentalidade cristalizou-se e quis deter o impulso da evolução íntima do homem; por

⁵⁶ Eduardo Schuré, *Os Grandes Iniciados*.

isso é que a consciência social e espiritual ainda se rege pela antiga mente. Entretanto, Kardec revelou a lei de transformação que se opera no processo geral das coisas, quando disse: “agora não são as entranhas do globo que se agitam, senão as da humanidade”. De fato, as entranhas vivas da história estão espiritual e socialmente em transformação: o advento de *algo novo* mostra-se à vista de todos, e só o negam os espíritos endurecidos por sua ação rotineira. Um Novo Pensamento está-se encarnando nas estruturas mentais da espécie e permitirá ao Ser manter-se em relação direta com os desígnios do Plano Divino da Evolução e com a natureza psíquica que anima os seres e as coisas.

A filosofia do Novo Pensamento teve sua origem nas mais remotas épocas da história, porque a aparição de um novo tipo de mente na humanidade foi a principal tarefa de profetas, videntes, filósofos e diversos homens de bem que passaram pela Terra. A Eterna Sabedoria está fundada precisamente nessa nova *mente de luz* da espécie; de maneira que se trabalhou e se lutou sempre para renovar o sentido do mundo, o que felizmente já se está conseguindo, nos novos tempos, com o rápido avanço da ciência e da filosofia.

Mas devemos reconhecer que a verdadeira Sabedoria não é a que se funda sobre o materialismo, mas a que provém da ciência da Alma, que foi anunciada pelos Grandes Seres que se “fizeram carne”, para se colocarem a serviço do Plano Divino, ajudando assim o desenvolvimento geral da evolução. Em *O Livro dos Espíritos*, como em outras grandes obras esotéricas, vemos traçado o Divino Plano da história, quer dizer, revelam-se nele os fundamentos do que representará essa filosofia do Novo Pensamento, cujo destino será formar um tipo de mentalidade que permita encarar o homem e o Universo com um novo sentimento espiritual e religioso. Acreditamos que esse novo sentimento reordenará as linhas do conheci-

mento e fará aparecer uma Nova Alma, por meio da qual o amor e a fraternidade se manifestarão como o resultado da harmonia recíproca entre os espíritos. Deste modo, o espírito antiprogressista desaparecerá da Terra, sem violência e outro surgirá, progressista e evolutivo, como um resultado dessa nova psicologia das almas.

A realidade do Universo terá assim, para o Ser, uma nova dimensão: a do Espírito. Mas será uma dimensão sem limites sectários, fazendo convergir a evolução espiritual para o grande milagre da vida. Somente deste modo é que se reunirão os três reinos da natureza, movimentados e dirigidos pelos Guias Espirituais que têm a seu cargo a condução do Plano Divino da Evolução e da história.

Este Novo Pensamento será, pois, a causa de leis morais: a lei do progresso e a lei de igualdade.⁵⁷ O progresso levará a Terra ao Reino da Igualdade, e a igualdade fará do homem um Ser feliz que voltará a Deus e se reintegrará na harmonia universal do Cosmos.

A era de paz virá pela criadora ação dessas duas leis que, por estarem baseadas na *lei natural*, não poderão ser contidas por ninguém em seu avanço e desenvolvimento: o ideal espírita será nesse novo mundo a religião perfeita e pura da Verdade e da vida. Surgirá com ele um novo tipo de homem, que se sentirá não somente cidadão do mundo, mas do Universo inteiro. Daí concluir-se que a era cristã da paz virá pelo desenvolvimento da lei de progresso e da lei de igualdade, tal como o previram Kardec, Denis e todos os grandes espíritos que estiveram a serviço do bem e da justiça.

Haverá um novo cidadão, que sentirá em sua natureza psíquica a pulsação universal do mundo; um cidadão com a alma unida ao mistério vivo da pedra, do vegetal e do ani-

⁵⁷ Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos* - Leis Morais.

mal. Existirá um *indivíduo social* que passará pela Terra sem tomar posse dela para submetê-la e oprimi-la. Será este um cidadão universal; governará com a bondade e a persuasão; o sistema de sociedade a que presida estará baseado no sentido cósmico da vida.

Levará em conta que tudo vive, se desenvolve e caminha para a luz. A política será, nessa Idade, uma lei baseada no amor recíproco; tudo será de todos; os espíritos encarnados saberão que a morte não existe e que eles vêm do invisível e regressam ao invisível. Saber-se-á ainda que os mortos participam das assembleias legislativas e que as leis se escreverão com a colaboração de suas mãos intangíveis.

Sim, na era espírita do amor e da justiça, o conceito das coisas estará unido à realidade da vida Divina. Saberão as almas que se nasce e morre muitas vezes e que a lei dos renascimentos se cumpre de forma universal. Por isso, todos se amarão entre si e todos se corresponderão fraternalmente.

Não haverá morte em nenhum sentido; nessa Idade do Novo Pensamento não morrerão os pobres animais para enriquecer os chamados “industriais da carne”. O homem amará os seres inferiores, falará com eles animicamente, conduzindo-os com piedade e carinho pelos caminhos da Evolução, pois esse novo cidadão da Terra saberá que tudo se enlaça na natureza e que todos anelam chegar ao mistério da Divina Verdade.⁵⁸

⁵⁸ Essa proposição de Mariotti, que parecerá audaciosa aos chamados “espíritos positivos”, já é objeto de pesquisas científicas. Na própria Rússia Soviética, no Laboratório de parapsicologia da Universidade de Leningrado, como nos Estados Unidos e na Europa, fazem-se pesquisas da parapsicologia Animal, incluindo a ação mental do homem sobre os animais. Assim, a expressão de Mariotti: “falará com eles animicamente”, já não pode ser acusada de visionária ou utópica. (Nota de J.H. Pires).

Somente os fortes e visionários, os espíritos evoluídos e valentes, lutarão pela vida e pela Justiça, isto é, pela imortalidade da alma e pela justiça entre os homens. O espiritismo os aponta como heróis da Verdade, porque sobre esses seres puseram os olhos os Céus e a Terra. Se não desfalecerem, serão eles os que unirão as Almas e os mundos em uníssono com o Plano Divino, estabelecendo para sempre o socialismo do amor e da alegria.

Concluída a impressão em maio de 1967.

**Composto e impresso na
Luzes – Gráfica Editora Ltda.
R. Abolição, 101 – São Paulo-SP**

Digitalização: PENSE - Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense

outubro de 2009